

Título Original "Do Mago ao Louco" - ISBN 8528904245 - Literatura Brasileira Romance

JOSÉ CARLOS RYOKI DE ALPOIM INOUE



HEMUS

*A Raul de Xangô,
mago e mestre
que me mostrou
o caminho da Iniciação.*

PRÓLOGO

Se eu dissesse que não estava impressionado, estaria simplesmente mentindo.

Ali, tudo contribuía para que todos os meus pelos se arrepiassem e meus nervos estivessem tensos como as cordas de um violino.

Medo?

Não...

Não poderia dizer que estava com medo, ainda mais alguém como eu, um homem mais do que habituado a trabalhar com o que há de mais mórbido: cadáveres humanos.

O sentimento que tomava conta de minha alma naquele instante, era outro.

Era um sentimento de espanto, talvez até mesmo de admiração, ao lado da sempiterna dualidade da mente humana: a incredulidade e a esperança de que algo hermético tenha os poderes necessários para solucionar todos os problemas que o homem se auto-impõe e, depois não consegue resolver.

A sala em que nos encontrávamos era ampla, decorada com móveis caros e antigos, com cortinas pesadas de veludo azul-marinho com aplicações em dourado e prateado representando astros celestes os mais diversos, desde Saturno com seus anéis até um cometa que mais parecia a Estrela Anunciadora com que se costuma enfeitar os presépios.

Havia, no centro da sala uma mesa com três cadeiras. Estava coberta por um pano de cetim vermelho-escuro e sobre ele repousavam um baralho, um castiçal de três braços, um copo de água e alguns fragmentos de cristal.

A criada que nos recebera à porta e nos fizera entrar, apontou-nos as cadeiras convidando-nos a sentar. Em seguida, sempre em silêncio, desapareceu por entre as dobras de uma das cortinas.

Ficamos sozinhos, ela e eu.

Carmen parecia muito calma, segura de si, dava mesmo a impressão de estar mais do que habituada àquele tipo de ambiente. Eu, de minha parte, estava agitado e inquieto, mal conseguindo conter a ansiedade e o nervosismo, parecendo uma criança em seu primeiro dia de aula.

— Tranqüilize-se — disse-me ela, sorrindo — Ninguém vai lhe arrancar um pedaço!

Acariciando as costas de minha mão direita, acrescentou:

— Eu é que deveria estar nervosa... Afinal, a esperança deveria ser a última coisa a morrer! E eu poderia ainda vislumbrar algum horizonte, ainda que diáfano, em relação a nós dois...

Não havia o que eu pudesse retrucar...

No fundo o que Carmen estava dizendo era uma grande verdade...

Com um sorriso carinhoso, ela continuou:

— Mas, eu sei que para mim não há a menor esperança. Já desisti. Vou procurar a Felicidade em outros lugares e deixarei que você alcance a sua.

— Não seja cruel comigo — pedi, irritado — E não se ponha em uma posição de vítima, pelo amor de Deus!

— Não estou me fazendo de vítima — protestou ela, veemente — Estou apenas dizendo para você o que Raul me transmitiu ontem, ao telefone. E foi por causa dessa conversa que tive com ele, que decidi trazê-lo até aqui. Achei, sinceramente, que valeria a pena fazer a viagem...

Falando em voz baixa, cheia de respeito, ela acrescentou:

— Raul não é apenas o maior tarólogo de Brasília... É uma das maiores autoridades mundiais sobre o assunto!

Concordei com um sinal afirmativo de cabeça.

Talvez eu ainda não conseguisse acreditar em tudo, talvez ainda muitas perguntas martelassem meu cérebro quanto às ciências herméticas e principalmente quanto às pessoas que as praticavam.

Porém, depois de tudo o que me acontecera nos últimos dias...

Querendo ou não, eu era obrigado a admitir que tudo tinha sido excessivamente extraordinário...!

— De qualquer maneira, Wilson — disse-me Carmen, quase sussurrando — você precisaria encontrar uma solução para isso! Não poderia continuar a se martirizar, a achar que está ficando louco e, muito menos, deixando de lado o seu trabalho, tornando-se um homem ainda mais fechado do que já era! Isso não é vida! Eu não podia deixar que esse estado de coisas continuasse e, como sua amiga, achei que era minha obrigação fazer com que você despertasse ou, pelo menos, com que encontrasse algumas respostas e voltasse a ser como era antes de...

Nesse momento, Raul, o tarólogo, entrou na sala e falou, continuando o raciocínio de Carmen como se tivesse estado o tempo todo ouvindo nossa conversa:

— ...antes de ter vivenciado esse episódio fantástico, não é mesmo, doutor Wilson?

Ergui os olhos para o recém-chegado que me estendia a mão com um sorriso.

Era um homem atarracado, de cerca de cinquenta e cinco anos de idade, com cabelos brancos e encaracolados, uma barba também muito branca e longa chegando-lhe à metade do peito, dono de uma fisionomia alegre com os olhos muito vivos e inquietos. A boca de lábios finos, mostrava — segundo Lombroso, o grande médico legista e pesquisador italiano do final do século passado, que

tinha elaborado um complexo estudo sobre a fisionomia das pessoas relacionando-as com seu caráter — que era alguém com muita determinação.

Vestia uma túnica negra que lhe chegava aos pés calçados com rústicas sandálias de couro grosso. A túnica, provavelmente de seda, mostrava bordados em dourado, idênticos aos que enfeitavam as cortinas e Raul trazia na mão esquerda um velho livro encapado em couro negro enquanto que, na direita, segurava uma espécie de cajado encastado em ouro.

A figura lembrou-me nitidamente, as imagens do Mago Merlim, dos desenhos animados de Walt Disney e, por estranha que pudesse parecer, impunha subconscientemente, arquetipicamente, um grande e profundo respeito.

Raul sentou-se na cadeira que estava do outro lado da mesa, de frente para nós, apanhou os fragmentos de cristal, segurou-os com força em ambas as mãos e pronunciou algumas palavras que não pudemos entender.

Senti, ao meu lado, o corpo de minha secretária, tremer e vi que ela fechava os olhos, concentrando-se.

Olhando fixamente para mim, Raul disse:

— Antes de mais nada, doutor Wilson... É preciso que o senhor lembre que é no *Mundo Temporal* que nós vivemos a dimensão atual. Por isso, todos os sofrimentos, todas as dores, as alegrias, os prazeres e os conhecimentos sejam eles científicos ou não, estão relacionados tão-somente com ela e assim, para transpor essa barreira dimensional, é preciso usar a arma dos que estudam e praticam as ciências herméticas, o esoterismo ou o ocultismo. E essa arma é a magia.

Permaneci em silêncio, ruminando as palavras que acabara de escutar e, depois de alguns segundos, Raul continuou:

— Foi através da magia que lhe foi dado vivenciar os momentos que tanto o impressionaram. E será através da magia que nós vamos conseguir não apenas fazê-lo compreender o que aconteceu, mas, principalmente, encontrar uma solução que lhe seja satisfatória para o conflito que foi criado.

Sim...

Era exatamente disso que eu estava precisando.

Precisava de explicações e, acima de tudo, de soluções.

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça e Raul, com um sorriso, pegou o baralho que estava sobre a mesa, murmurando:

— Não se aflija mais... Vamos ver o que diz o Oráculo do Tarô. Foi através do Tarô que tudo aconteceu, não é mesmo? Assim, nada mais justo que ele mesmo lhe traga as respostas que está querendo ouvir!

Entregou-me as lâminas dos vinte e dois Arcanos Maiores acrescentando:

— Fique segurando o baralho com as duas mãos e procure se concentrar no problema que o aflige neste momento. Para que o Oráculo seja bem verdadeiro e eficaz, é necessário que as lâminas do Tarô estejam convenientemente *imantadas*. E essa imantação precisa ser feita pelo senhor mesmo, por ninguém mais!

Levantou-se da cadeira, substituiu o castiçal de três braços por um outro, este de bronze e com sete braços, acendeu-lhe todas as velas e desligou o interruptor da luz elétrica.

Todo o ambiente mergulhou, de súbito, numa penumbra que o tornava ainda mais fantasmagórico.

Mais uma vez, senti um calafrio percorrer a minha espinha dorsal...

— *Tenho que me controlar* — pensei — *Não posso deixar que as emoções tomem conta de mim!*

— O ritual é necessário, doutor Wilson — falou Raul — E devemos lembrar que os egípcios e os caldeus não usavam lâmpadas elétricas...

Com os olhos fechados, a cabeça ligeiramente inclinada para baixo e sempre segurando com força os cristais, murmurou algumas palavras, outra vez ininteligíveis. Ficou assim por alguns instantes e, voltando a olhar para mim, ordenou:

— Misture as lâminas e corte o baralho três vezes, com a mão esquerda.

Obedeci e Raul estendeu-me a mão, pedindo que lhe devolvesse as lâminas.

Da parte inferior do monte, ele retirou uma lâmina, colocando-a sobre a mesa, voltada para baixo e à sua direita. Do meio do baralho, tirou outra lâmina, colocando-a à esquerda e mandou-me escolher uma lâmina qualquer, que foi posta entre as outras duas.

— Vejamos como será o seu futuro imediato... — disse o tarólogo, cheio de circunspeção.

Muito sério, Raul advertiu:

— Quero lembrá-lo, mais uma vez, que o Tarô não deve ser utilizado como um meio de adivinhação... O Tarô é, na realidade, um oráculo consultivo que pode indicar influências e que pode, no máximo, permitir o esclarecimento de algumas escolhas ou opções.

Balancei a cabeça afirmativamente e Raul continuou:

— O senhor terá um espelho da situação pela qual está passando, através da revelação de algumas influências passadas, de outras mais atuais e outras tantas ainda, que poderão ocorrer em um futuro muito próximo, influências estas decorrentes das anteriores e das atuais.

Anuí mais uma vez, tentei dizer alguma coisa mas, minha voz se recusou a sair.

Raul apanhou a lâmina que estava à sua esquerda e falou:

— Esta lâmina representa as influências anteriores que geraram ou interferiram de maneira imediata na situação atual.

Mostrou-me a lâmina.

Era o Arcano Maior I, *O Mago*.

— *O Mago*... — disse o tarólogo — E está de pé...

Sem nem mesmo olhar para mim, ele prosseguiu, com expressão sonhadora:

— Todo homem deveria ser um mago ou um alquimista para, nos momentos de perdas e angústias, ruínas e abandono, transmutar o pouco do chumbo, a *vontade*,

que sobrou, em ouro, em *esplendor*. Ele então, veria a possibilidade de novos empreendimentos, de mudanças profundas no modo de viver, mudanças e conquistas verdadeiras.

Depois de uma breve pausa, murmurou:

— Nas mudanças, muitas vezes é que se encontram as verdades.

Calou-se por alguns segundos, fitando-me, como que me forçando a absorver bem o que acabara de dizer.

Mostrou-me mais uma vez a lâmina e falou:

— Aqui está um homem de pé, atrás de uma mesa. Sobre ela estão vários objetos que caracterizam os quatro elementos: o cetro, bastão, ou varinha mágica, simbolizando o naipe de paus; o pentáculo, moeda ou esfera, correspondente ao naipe de ouros; a taça, que se relaciona com o naipe de copas e a faca, que corresponde ao naipe de espadas. Esses objetos também simbolizam os quatro elementos da Natureza, que são o fogo, a terra, a água e o ar. O *Mago* domina esses quatro elementos e por isso, pode ser a representação do saber. O chapéu tem o formato da *Lemniscata*, o algarismo 8 em posição horizontal, símbolo do infinito e da sabedoria. Este Arcano Maior é o elo entre o natural e o sobrenatural, entre a realidade e a fantasia. Por isso mesmo, ele também é enganoso e pode sugerir charlatanismo, ilusionismo, engano.

Sorrindo para mim, Raul acentuou:

— Este é o ponto mais importante para o senhor...

Mostrando-me ofendido, protestei:

— Mas eu sempre fiz questão de não enganar ninguém!

Raul olhou torvamente para mim e indagou, em tom de desafio:

— Nem mesmo pessoas inocentes que acreditavam em sua palavra? Pessoas para quem a imagem do estudante de medicina, rico, filho de boa família, sempre se associara a um objetivo de vida, a uma meta a ser conquistada?

Inclinou-se para a frente, aproximando seu rosto do meu e disse:

— O senhor pode ter enganado, sim... Pode nem ter percebido, pode ter até considerado o fato como algo sem importância, pode ter sido involuntário...

Muito sério, murmurou:

— Mas enganou. E agora, tem um preço a pagar!

Reclinou-se novamente na cadeira, sorriu e falou, em tom condescendente:

— Por outro lado, o senhor também foi vítima de um engano... Um engano mágico, uma espécie de *truque* que lhe serviu, senão de castigo, pelo menos de aviso.

Ante minha expressão de espanto, Raul deu de ombros e falou:

— Mas, ainda é muito cedo para julgar. Precisamos ver as outras lâminas, interpretá-las corretamente e só então poderemos falar alguma coisa a mais.

Apontou para o chapéu do *Mago* e disse:

— Mas há sabedoria nesse Arcano Maior. E vida eterna, infinita, o que pode significar *outras* vidas...

Deu de ombros e murmurou, como se estivesse monologando:

— De qualquer maneira, o *Infinito* paira sobre sua cabeça, o que pode muito bem significar o *início sensível da continuidade de muitas existências*.

Sorriu e perguntou:

— Entendeu, doutor Wilson?

Fui obrigado a balançar negativamente a cabeça e Raul, pacientemente, explicou:

— O Espírito, por ser um espírito, é infinito. Assim, ele vem de muito longe, de dimensões de Tempo imensuráveis. Porém, em dado instante, ele se dá a perceber. É aí o *início sensível*. E quando há muitas vidas para trás, muitas existências já passadas, esse início se torna mais evidente, muito mais perceptível.

Antes que eu perguntasse, ele falou:

— Não estou querendo dizer que o senhor vá perceber a existência de vidas anteriores. Muito menos, terá lembranças delas. Porém, é muito possível que tenha ou receba *sinais* ou *indicações* que poderão levar a concluir que houve outras vidas e das quais sempre se pode tirar algum proveito.

Grunhi alguma coisa dando a entender que assimilara suas palavras e Raul continuou:

— No Oráculo atual, o *Mago* aparece em posição correta, ou seja, de pé. Isso pode significar início de atividades, empenho para um mundo diferente daquele que está sendo vivido no momento.

Com um sorriso, falou:

— No seu caso, creio não errar afirmando que esse mundo diferente será o da *espiritualidade*. Até hoje, o senhor viveu uma realidade extremamente crua e materialista. Seria, mesmo de esperar, que acontecesse uma inversão. E é essa inversão que o *Mago* está mostrando. Mesmo porque o sentido esotérico do Arcano Maior I, é o desenvolvimento do *eu interior* dentro das possibilidades que lhe são oferecidas pela vida e dentro da necessidade de procurar conhecimentos para alcançar a luz espiritual e intelectual.

Ficando outra vez, muito sério, disse:

— Não podemos esquecer que este Arcano Maior tem uma forte conotação de farsante, de alguém que engana, de uma pessoa que usa seu potencial energético para iludir os outros.

— Mas eu não engano ninguém! — protestei outra vez.

Como Raul fixasse seus olhos em mim, forcei um sorriso e corrigi, encabulado:

— Pelo menos, *tento* não enganar ninguém...

— Esta lâmina representa o passado — lembrou Raul.

Calei-me, desarmado e sem jeito.

O passado...

Ora, o passado!

Muitos anos atrás, houve Nelly, acontecera Marlene...

Nelly chorara, Marlene exultara, tripudiara...

E, depois...

Marlene fora embora, deixara-me sozinho.

Sem Nelly...

Sem nem mesmo coragem bastante para ir procurá-la, para lhe pedir perdão pelo erro cometido.

Procurando cicatrizar as feridas, subconscientemente eu a esqueci...

Raul ergueu os olhos para mim e continuou:

— Repito que, quando o *Mago* surge entre as cartas, na pesquisa de influências anteriores, o significado realmente é esse: fraude, embuste, engano, ilusão. Não quer dizer, obrigatoriamente que o consulente tenha esses defeitos. Pode simplesmente significar que a situação atual foi gerada por um erro qualquer, no passado. Um erro que poderá até ter sido involuntário. Mas houve o erro, houve o engano e o *Mago* está aí para confirmar.

Sem me dar tempo de retrucar, o tarólogo virou a lâmina do meio e disse:

—Aí temos o *Sol*, representando o presente... E a lâmina está invertida.

Suspirou e olhando-me com intensidade, falou:

— Está acontecendo uma ruptura. Algo que estava enraizado muito profundamente, está sendo arrancado neste momento e isso, é claro, não pode ser feito de uma forma absolutamente indolor.

Fez um gesto pedindo-me que continuasse ouvindo e prosseguiu:

— A interpretação arquetípica é bastante clara. O *Sol* representa a luz que surge radiosa após a morte da Noite. *Era mais escuro, antes da aurora*. Agora é o resplendor do dia que traz alegrias e anuncia a liberdade.

Tamborilou com os dedos sobre a mesa e disse:

— É justamente essa noção de *quebra* — morre a noite, surge o dia — que nos permite a interpretação de *ruptura*. E como essa *quebra* resulta em luz, em claridade, podemos dizer que há o prenúncio de alegrias, esperanças e felicidade.

Mostrou-me a lâmina, chamou minha atenção para as duas crianças nuas, brincando diante de um muro, e falou:

— A nudez das duas crianças significa liberdade, pureza, inocência. O fato de estarem brincando, quer dizer felicidade. E o muro que ficou para trás, mostra que os maiores e mais importantes obstáculos já foram superados.

Raul ergueu as sobrancelhas e ponderou:

— Mas, no seu caso, a lâmina surgiu invertida, o que pode significar, ao lado de todo o restante, teimosia e dificuldades no relacionamento com a sua alma-gêmea. Isso quer dizer, a insistência de não aceitar a existência de uma alma-gêmea ou, no mínimo, de não acreditar que uma determinada pessoa possa ser essa sua segunda metade.

Contemporizador, juntou:

— Porém, creio que está sendo mais uma questão de insistir na ignorância do que qualquer outra coisa. Não se esqueça que o pior cego é aquele que não quer

ver... E é aí que está o verdadeiro sentido esotérico deste Arcano Maior: a libertação após as trevas da ignorância.

Fez uma pausa, olhou curioso para mim esperando que eu perguntasse alguma coisa e, como eu permanecesse em silêncio, continuou:

— Vejamos a última lâmina, a lâmina que representa o seu futuro imediato.

Esboçando um sorriso, virou a derradeira lâmina do Oráculo, exclamando ao vê-la:

— Aí está...! O *Mundo*! E de pé!

Inclinei-me para a frente, ansioso, e o tarólogo explicou:

— Haverá êxito nessa empreitada. E um belo êxito!

Segurando a lâmina entre o indicador e o dedo médio da mão direita, Raul falou:

— Este Arcano Maior, o Arcano Maior XXI, *O Mundo*, representa a integração com o momento, a natureza e a Divindade, ou seja, representa a conciliação universal. Os poderes do Céu e da Terra estão em equilíbrio e por isso, não há mais conflitos. O aparecimento oracular deste Arcano pode significar a plena integração dos opostos, a bipolaridade conquistada pela comunhão do consciente com o inconsciente, o mais alto grau de iniciação. Em resumo, prevê boas colheitas.

Sorridente, concluiu:

— Portanto, significa o sucesso. Seu conflito será solucionado e de maneira muito favorável. O senhor ficará feliz e, com sua felicidade, por uma questão de equilíbrio perfeito, fará a felicidade de quem o acompanhar na marcha em busca do Infinito.

Mostrou-me a lâmina e explicou:

— Veja a lâmina. Aí temos uma bailarina dançando, envolta por uma grinalda de flores em forma de coroa elíptica. A dança, por si só, já sugere arquetipicamente a felicidade. A grinalda, simétrica e perfeita, mostra o equilíbrio absoluto, incontestável. E veja que o sentido esotérico é fantástico, se focado em uma aplicação direta no seu caso: é a integração completa do Corpo Material com o Corpo Astral, já a caminho de uma vida espiritual intensa, uma vez que foi feita a Iniciação.

Quase eufórico, Raul perguntou:

— Não acha fantástico?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça, embora sem nenhuma convicção.

Raul, percebendo, consolou-me:

— Não se preocupe, doutor Wilson... Daqui a muito pouco tempo, o senhor verá que esteve preocupado sem nenhum motivo.

Ao meu lado, Carmen sorriu, segurou minha mão, e disse:

— Procure relaxar, Wilson... Você está muito tenso!

E, voltando-se para Raul, indagou:

— Será que não seria preciso um pouco mais de informações?

Raul balançou a cabeça negativamente e respondeu:

— Não. A partir de agora, o doutor Wilson terá condições de raciocinar e poderá chegar às suas próprias conclusões. Não devemos interferir. Apenas poderemos ajudar e, ainda assim, se isso se tornar necessário.

Levantou-se e convidou:

— Venha, Carmen. Vamos deixá-lo um pouco sozinho.

Deu uma risada estrepitosa, finalizando:

— Não é preciso nenhum oráculo misterioso para saber que o doutor Wilson agora, precisa pensar... E pensar muito, diga-se de passagem!

++++++

Vi Raul e Carmen se afastarem e desaparecerem por entre as dobras da cortina, deixando-me sozinho na sala.

Pensar, dissera Raul...

Eu precisava pensar.

Muito engraçado!

Havia pouco mais de cento e vinte horas que eu não fazia outra coisa...!

Afinal...

O que, realmente acontecera?

E por que acontecera justamente comigo?

Como Raul poderia dizer com tanta convicção que eu enganara algumas pessoas?

Mas não...

Ele também dissera que eu tinha sido vítima de um engano...

De um truque!

Teria sido um truque para me despertar, para me fazer enxergar as coisas por um outro prisma?

E quem teria se utilizado de uma artimanha tão cruel?

Bem...

Um fato era inegável: eu não a veria mais.

Surpreendi-me pensando, logo em seguida, que *não a veria mais, pelo menos nesta vida, nesta dimensão.*

Já era uma sensível modificação em minha maneira de reagir e de explicar a mim mesmo alguma coisa.

Aceitar a existência de outras vidas, de outras dimensões, de outras lógicas que não a euclidiana, a cartesiana e a aristotélica...

Sem dúvida, eu estivera mudando!

Havia uma outra evidência: eu pudera perceber e tivera provas de que a vida não era um fenômeno tão linear quanto o queriam os professores da Faculdade de Medicina e, com eles, um grande número de pessoas, incluindo-me entre elas até exatos cinco dias atrás.

— *De fato* — pensei, levantando-me da cadeira e caminhando à toa pela sala — *Está mais do que claro que é impossível explicar tudo isso à luz dos poucos conhecimentos materialistas que nós temos.*

Por outro lado, já mais calmo desde os terríveis acontecimentos e notícias da véspera, eu começava a aceitar o óbvio: a morte não pode ser considerada como um estágio final mas sim como uma passagem, uma etapa a ser vencida e que implica apenas numa *troca energética* capaz de gerar até mesmo fenômenos tácteis.

E o óbvio do óbvio: toda essa fenomenologia jamais poderia ocorrer sem a interferência de um *poder maior*.

— *Seria essa a Consciência Suprema de Jung?* — perguntei-me — *Ou o Deus dos monoteístas?*

E, fechando os punhos com raiva, murmurei:

— Mas por que eu não consigo entender essas coisas, ainda mais depois de tudo o que aconteceu comigo?!

Era incoerente...

Voltei a sentar na cadeira, apanhei um fragmento de cristal que estava sobre a mesa e, segurando-o com força, perguntei:

— Por que ela fez isso comigo? Por quê?

Fechei os olhos, mais uma vez tentei me lembrar do rosto dela...

Sim...

Apenas *tentei lembrar*.

Era interessante e ao mesmo tempo assustador mas, mesmo depois de tudo quanto tinha vivido e vivenciado com ela durante aquelas quase quarenta e oito horas do fim-de-semana, eu não mais conseguia definir, em minha memória, as suas feições.

Da mesma maneira, não conseguia lembrar muito claramente de sua voz...

Havia uma interferência, uma confusão e, tanto sua fisionomia quanto sua voz, confundiam-se em minha mente, misturavam-se com as de uma outra pessoa...

De uma pessoa que eu tinha querido esquecer muito mais pelos remorsos que sentia do que por qualquer outra razão.

Nelly...

Nelly que, por mais que quisesse, jamais poderia apagar da lembrança.

Jamais esqueceria aquele seu sorriso triste, seus olhos cor de mel, marejados de lágrimas, o rosto bonito e angelical emoldurado pelos cabelos castanhos, os lábios cheios, sensuais, dizendo-me que, mesmo que o mundo desse quatro mil voltas, um dia eu haveria de entender o que realmente significava a palavra amor...

Era o dia 28 de novembro de 1984 e chovia...

Chovia a cântaros em minha cidade, impossibilitando fazer qualquer coisa, tornando inviável qualquer tentativa de se sair de casa.

Estávamos na varanda de sua casa e era seu aniversário.

Nelly estava fazendo vinte anos e estava chorando.

— Você está cometendo um erro muito sério, Wilson — disse ela — E vai se arrepender!

Olhou para mim por entre uma cortina de lágrimas e falou:

— Eu sei que Marlene não quer saber de nada mais sério... E sei que você apenas está encantado por ela, enfeitiçado por aquele jeito livre, por aquela sua maneira moderna de se comportar... Ela é uma moça diferente de mim, Wilson! Muito diferente! O que ela quer não tem nada a ver com a felicidade que eu sei que você deseja e sei que, no fundo, você merece!

Ela se afastou de mim, pousou a mão na maçaneta da porta e arrematou:

— Você vai compreender, Wilson. Um dia, mesmo que o mundo dê quatro mil voltas, você há de entender que o amor é algo muito diferente... E então, você vai voltar para mim.

A imagem daquele entardecer chuvoso, a lembrança do pranto de Nelly, voltaram à minha mente com tanta clareza e nitidez que me pareceu estar revivendo a cena, onze anos depois...

Reclinei-me na cadeira, olhei para o teto e notei que lá no alto, bem no centro da sala, havia uma luz.

A princípio, pensei que se tratasse de uma lâmpada, dessas lâmpadas de mercúrio que se costuma instalar em grandes ambientes.

Porém, a luz era muito mais branca do que o normal e parecia estar aumentando de intensidade...

Fixei o olhar e percebi que não estava enganado: a luz brilhava cada vez mais e de repente, começou a tomar a forma de um rosto...

Um rosto de mulher...

Levantei-me, agitado, excitado, os olhos pregados no teto, tentando desesperadamente descobrir se estava diante de mais um fenômeno estranho ou se era a minha mente, já adocida depois de tudo o que acontecera, que estava, por sua vez, me pregando peças.

Mas...

Não.

Não era imaginação nenhuma, tanto assim que o rosto já estava completamente delineado e eu pude ver que era ela...

Meus lábios se movimentaram em uma tentativa de pronunciar seu nome mas, o som não saiu.

E eu ouvi sua voz dizendo:

— Meu corpo foi apenas um instrumento, Wilson... Como as lâminas do Tarô são um instrumento para a compreensão do Mundo Astral, ele foi usado para que você pudesse compreender que no Mundo Espiritual, os sentimentos que vêm de

muitas vidas são absolutamente imutáveis e os espíritos que são gêmeos jamais se separam...

Ela sorriu, seus olhos pediram-me em silêncio, que os fixasse...

Obedeci.

E, exatamente como já tinha acontecido uma vez, precisamente vinte e quatro horas atrás, sua fisionomia foi se transformando e de repente, eu estava olhando para o rosto sorridente de Nelly.

— N-nelly...! — gaguejei.

Senti o mundo inteiro girar e mergulhei no alívio do desfalecimento.

PRIMEIRA PARTE

UM

Há dias em que realmente não se deve sair da cama.

Parece que tudo, desde o amanhecer até o cair da noite, dá errado, as coisas não andam, os negócios não dão certo e tudo acontece como que propositadamente para nos irritar.

Aquela sexta-feira estava sendo a prova cabal de que eu jamais deveria ter posto os pés para fora dos lençóis de minha cama e, menos ainda, ter saído de casa.

Porém, há algo chamado *responsabilidade profissional*...

Como assistente do Departamento de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, eu tinha minhas obrigações com os alunos — futuros médicos e portanto, futuros colegas de sofrimentos — com o Chefe do Departamento — a quem eu devia todas as satisfações, quisesse eu ou não — e com os cadáveres...

Sim...

Os cadáveres que estavam à minha espera nas salas de autópsia, esperando que eu os destrinchasse e descobrisse por quê e de quê tinham morrido.

Normalmente até gosto muito desse tipo de serviço e, modéstia à parte, sei como executá-lo.

É uma excelente oportunidade de *treinar* cirurgia e com a vantagem de não precisar me preocupar com o anestesista e muito menos com o tempo da operação. Vantagem suplementar: não há nenhuma necessidade de *fechar a parede*, última etapa cirúrgica e via de regra a mais cansativa e desagradável pois o cirurgião, a essa altura dos acontecimentos, já está com as costas doendo, com os pés formigando e sem mais poder nem ver o paciente.

É a hora em que o operador já famoso, tira as luvas, joga-as no cesto e diz, autoritário, para o assistente:

— Feche aí. Já fiz a minha parte.

E sai da sala para dizer à família da *vítima*, que a cirurgia fora um sucesso absoluto e que, a partir daquele momento, era apenas esperar que a recuperação do paciente acontecesse de acordo com o que estava previsto nos livros de técnica e clínica cirúrgica e que nenhuma intercorrência imprevista viesse a sincopar-lhe a vida ou, ao menos, retardar o pós-operatório.

O patologista não sofre esse tipo de pressão e muito menos é obrigado a procurar preventivamente, justificativas para uma tragédia que poderá vir a acontecer. No caso de uma autópsia, a tragédia já ocorreu — caso contrário não haveria ninguém deitado na mesa — e muitas vezes é com prazer que nós, os *verificadores de causas de óbitos*, detectamos as doenças que deixaram nossos arrogantes colegas da Clínica Médica e da Clínica Cirúrgica, coçando o alto da cabeça, sem chegar a conclusão nenhuma a não ser a evidência de que nada sabiam a respeito do caso.

— Você simplesmente não leu a papeleta do paciente... Se o tivesse feito, teria percebido que era um caso de Moléstia de Chagas...

E, com um gesto displicente, apontamos o coração do defunto sobre mesa, dizendo:

— Ou será possível que você ache que esse coração está desse tamanho só porque ele era um homem bom?!

Maldades...

Maldades que os médicos praticam entre si e que, no frígir dos ovos, fazem com que a Medicina evolua.

Bem ou mal, mas ela acaba crescendo.

O médico que deixou passar a tripanosomíase em branco, tomará mais cuidado em uma próxima anamnese que fizer, o cirurgião deixará de ligar por engano alguma artéria importante, e vários outros erros poderão deixar de acontecer.

Mas, estamos divagando...

Dizia eu que, naquela sexta-feira, apesar de toda a boa-vontade que eu tinha assim que pus os pés para fora de casa, tudo estava indo mal e contribuindo para que eu de repente ansiasse com impaciência e desespero, pelas férias que, havia dois anos, nem mesmo tinha vontade de tirar.

Para começar, tive que ir a pé até a Faculdade...

Meu carro, que deixara na noite anterior emprestado a um amigo — justamente por causa da chuva que caía quando saímos, já bem depois de meia-noite, de um restaurante na Bela Vista — não me tinha sido devolvido à hora combinada e, para cúmulo do azar e da coincidência, não encontrei um só táxi.

O que, no fundo não deveria surpreender ninguém: basta chover na Megalópole Paulistana, para que os táxis simplesmente desapareçam de circulação.

Como se não bastasse a caminhada forçada sob a chuva fina e fria, ao chegar à Faculdade recebi a alentadora notícia de que meu colega, o amalucado Doutor Araújo — coincidentemente, o amigo para quem eu tinha emprestado meu carro — tivera que viajar correndo para São Carlos.

Obviamente, com meu automóvel...

Só aí havia três motivos para preocupação: a continuidade de existência de meu veículo nas mãos de um tresloucado patologista que mal sabia dirigir em uma cidade, quanto mais em uma estrada; a perspectiva de ficar a pé justamente em uma sexta-feira, o que na melhor das hipóteses significava ficar a pé durante todo o fim-de-semana, e a quantidade dobrada de trabalho na sala de autópsias, uma vez que o Araújo não estaria lá para me ajudar.

E isto sim, era terrível...

Olhei, desanimado para a primeira sala, onde já me esperava um cadáver sobre a mesa.

Vesti-me, calcei as luvas, ajustei o microfone do gravador diante de minha boca e, depois de um suspiro infeliz, comecei:

— Cadáver do sexo masculino, cor negra...

Olhei para os dados anotados na lousa à minha direita, e continuei:

— ...com sessenta e quatro quilos de peso, um metro e setenta e seis de altura, falecido aos trinta e oito anos de idade na Segunda Clínica Médica.

Quase como um autômato, fui seguindo com a necrópsia, descrevendo as lesões macroscópicas que uma belíssima pneumonia lhe deixara.

Consegui sair daquele local de horrores nada menos que quatro horas depois e, como já tinha começado tudo com o respeitável atraso de uma hora, não almocei e fui correndo para minha sala, apanhar as anotações que fizera na véspera, para a aula que deveria ser dada para os alunos do terceiro ano.

Estava tão aflito que nem sequer percebi que os corredores, bem como o próprio Centro Acadêmico, estavam estranhamente vazios.

Foi Carmen, minha secretária, que me chamou a atenção para o fato, com um sorriso divertido:

— Mas... E então, doutor? Esqueceu que as aulas foram suspensas por causa das competições da Olimpíada Universitária?

Senti vontade de morrer...

Morrer de vergonha pois, se há algo que eu simplesmente deteste, é justamente dar motivos para que os leigos digam, de boca cheia, que todos os pesquisadores e professores ligados diretamente à Ciência, não passam de gênios distraídos e avoados.

— O senhor pode tirar o dia para trabalhar com calma, hoje — prosseguiu Carmen — E pode por em ordem todas aqueles relatórios de autópsias que estão atrasados...

Ora...

Se eu fosse o único assistente do Departamento a estar com o serviço atrasado...

Porém, não havia nenhum outro professor ou monitor que pudesse me atirar a primeira pedra e, ainda assim, percebi que era o único *otário* ali presente, o único que tinha ido trabalhar normalmente...

Até mesmo o Araújo, com toda a sua fama de *procurar vacas voando*, tinha me passado a perna.

E com o meu carro!

— Pode deixar — falei com sarcasmo — Pode deixar que eu vou aprontar tudo ainda hoje. Assim que eu voltar do almoço, viu?

E, mais do que depressa, antes que Carmen pudesse dizer alguma coisa, tratei de dar o fora, rumando para a estação do Metrô, decidido que estava em deixar pelo menos dois quilômetros de chão entre a Faculdade e eu...

— *Vou é visitar alguns sebos* — pensei, já descendo a escada rolante — *Não existe dia melhor do que hoje, para ver livros velhos!*

++++++

Estranhamente, aquele livro parecia queimar-me as mãos.

Por um breve momento, pensei em devolvê-lo à estante e, se seguisse realmente esse meu impulso, o próximo passo seria sair correndo dali.

Porém, minha formação de pesquisador, minha curiosidade e cepticismo com relação a tudo quanto dizia respeito às coisas e assuntos místicos e esotéricos, impeliavam-me a ali ficar e — o que era ainda mais assustador — a folhear aquela velha e carcomida publicação.

Olhei para os lados ressabiado, como se tivesse medo ou vergonha de que alguém me visse com aquele livro, como se fosse algo ignominioso simplesmente tocar, quanto mais, ler semelhante *coisa*.

Mas, graças a Deus, não havia mais ninguém na loja.

O *sebo* estava completamente vazio de clientes.

Havia, em um canto, apenas aquela moça loura e bonita que me cumprimentou quando cheguei, e que parecia trabalhar ali.

Ela estava completamente distraída com seus afazeres, não me prestando mais a menor atenção a partir do instante em que respondi ao seu cumprimento e comecei a vasculhar as estantes de livros.

Bem...

Ela poderia perfeitamente não estar prestando atenção em mim e eu jamais poderia culpá-la por isso.

Afinal de contas, que interesse poderia eu despertar naquela moça, um homem beirando a meia-idade, sedentário, usando óculos grossos e vestido como uma garça branca no meio da chuva?

Já vai muito longe o tempo em que os médicos eram considerados bons partidos, pessoas respeitáveis e de grande futuro pela frente...

Hoje em dia, ser médico...

Com certeza, é muito melhor ser escritor.

E aquela jovem, tão bonita, tão cheia de...

Sorri intimamente e balancei a cabeça como se fosse possível, com esse gesto, afastar de mim os pensamentos indevidos que começavam a me povoar o sótão.

Inútil...

Era absolutamente impossível não ser acometido por uma crise aguda de pensamentos *indevidos*, tendo uma tal beldade por perto...

Loura, beirando os vinte e oito, no máximo trinta anos de idade, cabelos longos caindo-lhe sobre os ombros como se formassem uma cascata de ouro velho

emoldurando um rosto digno de ser pintado pelos grandes mestres acadêmicos, ela estava concentrada em algumas anotações.

Sentada a uma velha, quase antediluviana escrivaninha, com o corpo ligeiramente inclinado para a frente, ela poderia fazer o que quisesse mas jamais conseguiria esconder as curvas atraentes e sensuais com que a Natureza a construía.

Bem...

Na realidade, ela não parecia estar fazendo qualquer esforço nesse sentido.

— *De fato, ela é muito bonita...* — pensei, voltando a olhar as páginas do livro, aberto a esmo.

A edição, antiga de mais de um século de idade, esmerada, com ilustrações bem feitas e muito bonitas, era em francês e eu não precisei ler mais do que duas linhas para perceber, apesar de toda a minha ignorância, que era um francês antigo, com termos e grafias já completamente em desuso.

Olhei, mais uma vez, o título: *Les Clés du Tarot de Marseille*.

Novamente, senti vontade de fechá-lo, mas...

Era mais forte do que eu.

Ergui o rosto, sentindo de repente, um estranho e inexplicável calor.

Foi nesse momento que meu olhar cruzou com o da jovem...

E, também foi naquele exato instante, que ela tinha deixado de lado suas escritas e passara a me fitar através de um par de olhos surpreendentemente azuis.

Um azul quase líquido, profundo como as águas de um lago em um dia ensolarado de primavera...

— O senhor se interessa por Tarô? — perguntou ela, com um sorriso.

Sou um homem consciente de minhas limitações.

Justamente por isso, em contrapartida, sou perfeitamente consciente de minhas capacidades, de minha potencialidade e, em especial, de minha desinibição com as mulheres.

Professor de muitas turmas da Faculdade de Medicina, o que significa hoje em dia, ser professor de um sem número de moças bonitas e inteligentes, não faço parte do grupo que treme diante de uma mulher e muito menos daqueles que ficam vermelhos e gogos quando uma mulher jovem, bonita e atraente lhes dirige a palavra.

Porém...

Como já disse anteriormente, aquela sexta-feira parecia estar marcada para ser um dia totalmente fora dos padrões...

Tentei responder que não, que não tinha o menor interesse por temas místicos ou esotéricos e que eu, como professor de Anatomia Patológica, um cientista mais do que habituado a ver e a lidar com a Morte e suas causas, jamais poderia perder tempo lendo um livro sobre baralhos mágicos e adivinhativos.

Mas, para extrema surpresa minha, a voz me ficou presa na garganta como se eu tivesse engolido uma bola de bilhar e, depois de alguns momentos angustiantes,

consegui dizer, ouvindo minha própria voz como se ela viesse do fundo de um poço:

— Sim... Acho interessante essa matéria...

A moça sorriu novamente, levantou-se da cadeira em que estava sentada, caminhou com passos lentos e sedutores até uma estante no fundo da loja e, enquanto revirava uma verdadeira montanha de livros velhos, falou:

— Tenho por aí, em algum lugar, um livro ainda mais antigo... Uma autêntica preciosidade que só mostro àquelas pessoas que realmente se interessam por assuntos esotéricos...

Curvou-se para a frente, buscando o livro em uma prateleira mais baixa e eu não pude deixar de ver e admirar suas belas e bem torneadas pernas...

Se até aquele instante, eu não estava querendo saber de qualquer livro sobre Tarô ou algum outro assunto desse gênero, a partir de então, se a jovem me perguntasse se desejaria que ela procurasse uma centena de títulos esotéricos, eu concordaria e de muito bom grado.

Principalmente se eles estivessem todos nas prateleiras inferiores...

Trazendo nas mãos um velho e empoeirado volume, a moça se aproximou de mim e disse, com uma expressão de intensa felicidade:

— Aqui está! Uma edição raríssima, de 1823! Pode apostar que é o único exemplar existente no mundo!

Fixando-me com seus olhos muito azuis, ela acrescentou:

— Este livro é muito procurado por pessoas que fazem interpretação das lâminas do Tarô... Mas eu não o vendo, não o empresto... Nem sequer deixo que o folheiem!

E, antes que eu pudesse comentar qualquer coisa, finalizou:

— Mas com o senhor é diferente... Pode consultá-lo quanto quiser, doutor Wilson... Pode até levá-lo para casa, emprestado.

Olhei espantado para a moça, tentando adivinhar de onde ela poderia saber meu nome.

Como se lesse meus pensamentos, ela falou:

— Eu o conheço muito bem... E sei que o livro estará sempre em muito boas mãos!

Ora...

Massageia o ego de qualquer um ouvir uma moça bonita falar que nos conhece...

E *muito bem*, ainda por cima!

Só que eu teria gostado de saber de onde ela me conhecia pois minha roda social era restrita quase que única e exclusivamente ao meio científico da Universidade e, conhecido fora dos muros da USP, eu até poderia ser...

Mas por outros médicos, por outros cientistas que se dedicavam à mesma esfera de atividades que eu.

Jamais esperaria que uma beldade como aquela soubesse quem eu era, soubesse meu nome...

Quase morri de vontade de lhe perguntar como ela poderia me conhecer tão bem assim mas, não sei se por modéstia ou se pelo sentimento diametralmente oposto, o orgulho, não encontrei jeito de fazer a indagação.

Respondendo espontaneamente à pergunta que eu nem sequer chegara a fazer, a jovem falou:

— Tenho vários conhecidos na USP... E durante os últimos anos, tenho ouvido falar de seus trabalhos com relação aos tumores malignos pulmonares...

Estendeu-me a mão e disse, apresentando-se:

— Meu nome é Louise Moitte, mas prefiro que os amigos me chamem simplesmente Lois.

Fitou-me no fundo dos olhos e juntou:

— E eu já sabia que o senhor...

— Você... — interrompi.

— Está bem... Você... Eu já sabia que nós iríamos nos encontrar e justamente agora...

Olhei intrigado para ela e, antes que eu pudesse fazer qualquer pergunta, Lois convidou:

— Venha esta noite à minha casa. Estarei esperando às nove horas, está bem assim?

O que eu poderia responder?

Exatamente...

Nada.

Minha boca emudeceu, a voz não conseguiu passar por minha garganta ressequida e eu pude, no máximo, balançar afirmativamente a cabeça ao mesmo tempo em que apanhava o cartão em que ela anotara o seu endereço.

++++++

Só comecei a me dar conta do que de fato acontecera quando, ao retornar à minha sala, no Departamento de Anatomia Patológica, já pelo meio da tarde, minha secretária olhou espantada para mim, dizendo:

— Mas que engraçado, doutor Wilson...! O senhor lendo livros sobre Tarô! Justamente o senhor que nem mesmo um romance lê, achando que é pura perda de tempo!

O que era uma mentira das maiores...

Em tempo algum eu dissera que ler romances era perda de tempo. O fato de não ser como a imensa maioria dos funcionários públicos que usam as horas de *trabalho-ócio* para fazer qualquer outra coisa, menos efetivamente trabalhar — incluindo-se nessas *quaisquer outras coisas*, a leitura de romances, fotonovelas, revistas e jornais — e portanto, uma vez na Faculdade, o que ali fazia não era outra coisa senão minhas funções de professor-assistente — o que excluía por completo qualquer leitura ou atividade que não estivesse intimamente relacionada com a

Patologia Humana — jamais poderia permitir a Carmen, pressupor que eu não estivesse perfeitamente em dia com as últimas publicações ficcionais, os grandes best-sellers e até mesmo com aqueles clássicos que, apesar de maçantes e excelentes como estimulantes das funções digestivas, são de imprescindível leitura para qualquer um que deseje ser incluído pelo menos na borda do círculo dos que se dizem intelectualizados.

Assim, era uma injustiça das maiores minha secretária dizer que eu não lia nada a não ser livros técnicos...

Porém, como apesar de solteiro, estou cansado de saber que a maior estupidez que um homem pode cometer é discutir com uma mulher — seja ela quem for — deixei-a falar sozinha e tranquei-me em meu gabinete, ainda olhando um tanto quanto pasmo, para o velho e carcomido livro que estava em minhas mãos.

Um livro que, no mínimo, me dava a certeza de que aquela noite, eu seria obrigado a rever Lois...

Mesmo que fosse apenas para devolvê-lo.

DOIS

Passei o resto da tarde amargando o conflito entre abrir aquele livro e trabalhar seriamente na pilha de relatórios atrasados e na preparação das aulas que ainda precisaria dar durante aquele mês.

Chegava a ser engraçado...

Eu começava a trabalhar, sentava-me diante do computador, começava a digitar um relatório e...

Meu pensamento parecia travar.

Involuntariamente meus olhos se voltavam para a escrivadinha como se procurassem, obedecendo a um impulso muito mais forte que a minha própria vontade, o livro que trouxera daquele sebo.

Quase que simultaneamente, eu via surgir, diante de mim, o rosto sorridente de Lois, seus olhos muito azuis, seus cabelos cor de ouro-velho, suas curvas...

Imaginava-a vestida como uma cigana, com uma saia multicolorida, quase etérea, uma blusa que apenas lhe cobria os seios, dançando só para mim...

— Loucura! — exclamei, deixando o computador e sentando-me diante do microscópio, na esperança que uma lâmina com um fragmento de carcinoma broncogênico fosse capaz de afastar de mim tais pensamentos.

— O que disse? — perguntou minha secretária — deseja alguma coisa?

Sem jeito, temendo que de um instante para o outro ela começasse a pensar que eu estava ficando de miolo mole e já a ponto de falar sozinho, respondi:

— Sim... Gostaria de um cafezinho...

++++++

Quando um homem trabalha assessorado por uma secretária, é mais ou menos normal que essa mulher venha a se tornar sua mais indispensável ferramenta de... vida.

E isso é bastante lógico, uma vez que ela representa suas mãos, seus braços, suas pernas e, principalmente, sua memória. Como se não bastasse, é a secretária o saco-de-pancadas sempre pronto a absorver o mau-humor de seu chefe e o bode expiatório capaz de arcar com a responsabilidade da maior parte de

seus erros. É muito comum — e até mesmo natural — que o executivo jogue a culpa de algo que não tenha feito por mera preguiça ou desinteresse, nas costas da pobre moça que está na ante-sala de seu gabinete, com o célebre comentário sobre *a incompetência dessas secretárias*, ou com a lamentação de que *não existem mais funcionários qualificados em nenhum nível...*

Dessa maneira, um executivo sem secretária, é com certeza, um executivo nu...

O mesmo é perfeitamente válido para um professor-assistente de Anatomia Patológica que, além de fazer autópsias, preparar reuniões anátomo-clínicas, preparar aulas e todas as outras atividades docentes, ainda precisa reservar algumas boas horas do seu tempo para esclarecer as dúvidas de diagnóstico dos colegas da Clínica Médica e da Clínica Cirúrgica, além de ouvir desaforos daqueles que, tendo errado completamente na conduta terapêutica, acabaram por ajudar o paciente a ocupar uma das muitas gavetas refrigeradas do Serviço de Verificação de Óbitos.

Sem Carmen para bloquear a minha porta em certas ocasiões, com toda a certeza, eu jamais teria tempo sequer para ir ao banheiro...

Por tudo isso e principalmente por ser solteiro, Carmen representava para mim muito mais do que uma simples funcionária que a Administração da Faculdade tinha posto à minha disposição.

Ela era minha amiga, minha auxiliar direta em tudo quanto fazia e...

Muitas e muitas vezes, tinha sido o ombro amigo em que encostara a minha testa nos momentos de baixo-astrol e de solidão.

Por esses e por muitos outros motivos, eu sempre me soubera absolutamente incapaz de viver sem a minha fiel Carmen.

É preciso reconhecer que, além de sua imensa competência profissional e de sua extrema sensibilidade e dedicação, Carmen era dona de uma capacidade intuitiva fora de série, especialmente nas coisas que diziam respeito ao meu estado psíquico.

Justamente por causa dessa sua sensibilidade, nosso convívio já chegara a passar bem além dos limites impostos por uma hierarquia funcional.

Houve ocasiões em que eu, solitário em uma supercidade, sentia falta de alguém com quem conversar coisas outras que apenas os temas mórbidos e cansativos do Departamento, momentos em que havia a premência de deixar o cérebro flunar um pouco mais livre e menos voltado para o trabalho...

E Carmen, nessas horas, tinha sido de uma valia incomensurável.

Era ela que me acompanhava — e não eu a ela — ao cinema, ao teatro, a um espetáculo musical ou, simplesmente, a um restaurante onde, em meio a um *ravioli* a quatro queijos ou um *steak au poivre*, bem regados a *chianti* ou a *Beaujolais*, eu lavava minha alma, falava de meus conflitos, chorava as minhas carências.

Obviamente, esse tipo de *terapia*, indefectivelmente terminava entre os lençóis de minha cama, ao som suave de *blues*, ou aos acordes de algo como o *Bolero* de Ravell.

E isso tudo, pelo menos a meu ver, sem qualquer chance de um envolvimento maior ou mais estável: Carmen era casada e, apesar de não estar lá muito satisfeita com o marido, não tinha a menor vontade de trocar a estabilidade de sua vida

matrimonial já de mais de dez anos de encontros e desencontros conjugais, com a instabilidade de alguém que, virava e mexia, estava passando por crises existenciais e conflitos decorrentes de uma seríssima teimosia em não querer se fixar a mulher nenhuma...

Diga-se, muito de passagem, que eu chegara a tentar.

Certa ocasião, aproveitando um Simpósio sobre Fisiopatologia e que o marido de Carmen tinha ido viajar a negócios para os Estados Unidos, nós fomos passar uma semana em Campos do Jordão.

Fazia frio, o tempo estava belíssimo e tanto Carmen quanto eu achamos que bem poderíamos *amarrar nossos cavalos no mesmo varal...*

Porém, quando já estávamos quase decididos a isso — quando voltássemos para São Paulo, nós conversaríamos com meu advogado a respeito de tudo — o bom senso voltou à cabeça de Carmen e a teimosia retomou seu lugar em minha alma.

Resultado: conversamos muito durante a viagem de volta, pesamos friamente os prós e os contras.

Chegamos à conclusão que o melhor era continuar tudo exatamente como estava.

E Carmen voltou a me tratar por *doutor* e *senhor*, a menos que, de repente, o tema conversado assumisse um caráter tão íntimo que o tratamento hierárquico-cerimonioso passasse a ser até mesmo ridículo.

Por essas e por outras, Carmen não precisou fazer nenhum esforço de raciocínio para perceber que alguma coisa não estava perfeitamente normal comigo.

Franzindo as sobrancelhas, ela se espantou:

— Cafezinho? Mas você nunca toma café antes das cinco da tarde!

Pousou a mão delicada sobre meu ombro esquerdo e falou:

— De mais a mais, meu amigo... Você está com aquela expressão de quem viu passarinho verde pousado no muro, sabia?

Na realidade, eu não sabia...

Mas sentia que, para uma pessoa que me conhecesse tão bem quanto minha secretária, eu deveria estar com um comportamento completamente diferente do meu padrão.

Resmunguei qualquer coisa — apenas para não ficar calado e dar oportunidade a Carmen me dizer que *quem cala consente* — e tentei retomar meus trabalhos, muito embora estivesse certo de que jamais o conseguiria.

Aquele dia estava condenado, definitivamente.

Aliás, condenado desde o momento em que Lois tinha me dado seu endereço e tinha dito que gostaria muito que eu a fosse ver..

— Está certo — falou minha secretária — Vou buscar seu cafezinho... E não vou perguntar quem foi que você encontrou na rua. Você mesmo há de me dizer, um dia destes, quando bater aquela consciência pesada, aquele sentimento de culpa...

Murmurei, comigo mesmo, um palavrão...

Por que diabos haveria eu de ter algum sentimento de culpa? Por que haveria de ficar com a consciência pesada?

Seria possível que Carmen estivesse com ciúmes?

Minutos depois, ela voltou à minha sala, trazendo café com alguns biscoitos e, deixando a bandeja sobre minha mesa de trabalho, falou:

— Sou capaz de apostar que você encontrou uma mulher...

Eu ia começando a abrir a boca para retrucar, quando a campainha do telefone soou e Carmen, reassumindo sua posição de secretária, correu a atender.

— Sala do Dr. Wilson... — fez ela.

Escutou alguns segundos, resmungou um frio *espere um momento*, e passou-me o telefone, dizendo:

— É uma tal de Lois... Disse que precisa falar com você.

Se eu ainda tinha alguma esperança de disfarçar meus sentimentos, se eu ainda imaginava conseguir enganar a fiel, sábia e ladina Carmen, minha atitude naquele instante fez com que tudo fosse por água abaixo.

Saltei da cadeira com tal ímpeto que por muito pouco não causava uma tragédia, enroscando-me no fio do microscópio e derrubando toda a caixa de lâminas no chão.

— Calma, Wilson! — exclamou Carmen, com um sorriso que fingia o divertido mas que deixava muito claro o azedume — Ela não vai fugir! Ela está esperando do outro lado da linha!

Olhei com expressão assassina para minha secretária, confirmando quase que subconscientemente o que dizia o Dr. Martins, nosso professor de Psiquiatria:

— *Nenhum homem gosta de ser pilhado fragilizado pela impressão que lhe fica de uma mulher...*

Carmen se afastou, discreta, e eu ouvi a voz de Lois, dizendo:

— Wilson... Será que você poderia chegar um pouco mais cedo? Vou preparar um jantar cigano para nós dois...

TRÊS

Percebi muito bem, pela fisionomia de Carmen, que ela não estava achando graça nenhuma em tudo aquilo.

As mulheres são muito engraçadas...

Quando eu chegara até a me decidir a fazer uma vida com ela, Carmen não quisera e, ainda por cima, me provara por $a + b$ que seria uma estupidez de ambas as partes, que aquela união jamais poderia dar certo, que o ideal seria continuarmos do jeito que estávamos, ou seja, *cada um na sua e, se pintasse o desejo*, então...

Talvez tenha sido exatamente esse o problema...

Desde aquela viagem a Campos do Jordão, de minha parte, o *desejo* não mais se manifestara com a mesma intensidade de antes...

É verdade que ainda saímos muitas vezes, ela e eu...

Mas já era diferente, já não havia mais o mesmo *élan*...

De qualquer maneira, Carmen se portou de maneira muito nobre...

Ciente de que *de direito* nada tinha a reclamar, ela apenas fez uma expressão de desagrado, ergueu os ombros e, desejando-me sarcasticamente *um bom fim-de-semana*, acompanhou-me com o olhar enquanto eu deixava o Departamento.

Evidentemente eu estava tão excitado quanto um adolescente que vai ao encontro de uma namorada pela primeira vez.

Tanto assim que eu me esqueci por completo de que meu automóvel não estava ali no pátio da Faculdade, mas sim com o maldito Araújo, e andei por todo o estacionamento feito um idiota, à procura de algo que jamais poderia encontrar.

Dei conta de mim quando o lavador de carros, um velho que ali estava havia mais de vinte anos, me perguntou o que é que eu estava procurando.

— O senhor veio a pé, doutor Wilson — disse ele, com a sua risada desdentada — Não o vi entrar com o carro!

Sem jeito, forcei um sorriso, resmunguei alguma coisa à guisa de desculpa por minha distração, e tratei de ir embora, atravessando o pátio e passando por trás do Serviço de Verificação de Óbitos, para apanhar um táxi na frente do Hospital das Clínicas.

Olhando o relógio, constatei que ainda era muito cedo.

Por mais que Lois tivesse me pedido para antecipar minha chegada, ainda era cedo demais.

Teria tempo de sobra para ir até minha casa tomar um banho e trocar de roupa.

Sorri comigo mesmo ante essa idéia...

Fazia já muito tempo, anos e anos na realidade, que eu não me preocupava com esse tipo de coisa. Vaidade era algo que eu não mais conhecia e o sentido da conveniência — como por exemplo tirar a roupa de trabalho substituindo-a por algo mais adequado antes de uma visita — já estava muito apagado dentro de mim. Era muito freqüente eu perceber que estava de branco, já dentro do cinema ou quando já me encontrava sentado a uma mesa de restaurante.

E, no entanto, naquele dia, eu ansiava por chegar à minha casa, tinha pressa de passar pelo chuveiro e começava a pensar de que maneira seria mais adequado eu me vestir.

Coisas que a cada momento, mais e mais me surpreendiam.

E eu nem mesmo estava escutando o que o motorista papagueava enquanto nos dirigíamos através de um trânsito infernal, para Higienópolis, onde eu residia.

Meus pensamentos voavam longe, teimosos, pairando sobre a imagem de Lois, insistindo para me transportar novamente para aquele momento em que eu a vira e ela conversara comigo.

Via nitidamente seus olhos, chegava a ouvir sua voz e a sentir o seu perfume...

Nem sequer me lembro de ter descido do táxi, muito menos de ter pagado a corrida.

Só voltei a este mundo de mortais comuns, quando estava debaixo do chuveiro e de repente, comecei a tentar juntar os fragmentos de tudo quanto havia acontecido naquele dia e que acabara por me levar a um estado de espírito que já fazia parte de meu passado e que não mais esperava reviver.

Era verdade...

Afinal, o que diabos causara aquela situação?

A resposta era mais do que evidente: um livro antigo de Tarô que, naquele momento, repousava sossegado sobre a mesa da sala-de-jantar.

E, evidentemente, a beleza meiga, mágica, ao mesmo tempo selvagem e sensual de Lois, que me impressionara de uma tal maneira que, por mais esforço que fizesse, jamais poderia tirá-la de minha cabeça.

Mas...

Havia algo mais...

Era uma força estranha, uma sensação até um certo ponto revoltante de impotência, de certeza de não conseguir lutar contra a situação, de nem mesmo querer evitar que conseqüências mais sérias viessem a ocorrer.

Muito pelo contrário, parecia até que eu estava ansiando por esses problemas, parecia que eu estava desejando ardentemente mergulhar neles.

Era como o indivíduo que sofre de vertigens com a altura. Ele acaba querendo mergulhar no vazio como se buscasse a própria morte, como se percebesse de repente ser inevitável a autodestruição.

Só que, no meu caso...

Havia uma voz dentro de mim dizendo que eu jamais estaria mergulhando para a morte mas sim para a vida...

Uma vida nova, diferente, cheia de todas as emoções e alegrias que até então muito inexplicavelmente, eu tinha evitado.

Por isso mesmo, eu estava com medo...

Medo de estar enganado, de estar alimentando mais um sonho que haveria de se desmanchar até mesmo dentro de poucos minutos, quando batesse à porta da casa de Lois e a encontrasse com o noivo, marido ou amante...

Com qualquer outro homem que tivesse o privilégio divino de dividir a vida com aquela mulher.

Ciúmes!

Eu estava com ciúmes!

E ciúmes de alguém sobre quem eu não tinha o menor direito!

— *Loucura!* — pensei, enquanto me vestia — *Isso não existe! Pelo menos, não pode acontecer com alguém como eu!*

Se eu fosse um pouquinho mais coerente comigo mesmo e com minhas idéias, creio que jamais teria pensado semelhante asneira...

Afinal, quem me julgava eu?

Um super-homem?

Alguém imune às coisas do espírito?

Um ser desprovido de alma?

Ou seria simplesmente um agnóstico teimoso e incapaz de enxergar que não pode haver coincidência nesta vida pois estas são tantas que só se pode imaginar que haja uma Existência Superior capaz de fazer com que essas mesmas coincidências aconteçam?

Ainda com esses pensamentos a martelar minha mente, saí do apartamento e dirigi-me a uma floricultura.

Afinal, não poderia chegar à casa de Lois assim, de mãos abanando...

++++++

Lois estava me esperando à porta da casa em que morava, um simpático bangalô numa vila de Pinheiros e, quando me viu descer do táxi, veio ao meu encontro com um sorriso nos lábios, dizendo:

— Que bom que você conseguiu chegar mais cedo! Assim, poderá me ajudar a preparar o jantar!

Ainda um tanto tímido e sem jeito, murmurei:

— Não entendo nada de cozinha... E muito menos de cozinha cigana!

— Ora! — exclamou Lois — é tudo muito fácil! E você nem imagina como é gostoso cozinhar a dois!

Subimos para o seu apartamento e, ao abrir a porta, Lois falou:

— Estou aqui há pouco tempo, Wilson. Muita coisa ainda não está bem organizada...

E, como se adivinhasse meus pensamentos, ela explicou:

— Eu estava estudando um pouco na terra de meus avós. No Delta do Mississipi, o reino dos ciganos *cajuns*...

Arregalei os olhos, espantado e não consegui deixar de perguntar:

— Quer dizer que você é uma cigana?!

Tentando justificar minha surpresa, acrescentei:

— Eu jamais poderia imaginar uma coisa dessas! Sempre soube que os ciganos são morenos, cabelos muito negros e pele acobreada...

— Os *cajuns*, em sua maioria, são louros. Têm olhos claros e a pele é bastante européia — explicou Lois — Isso é uma das muitas heranças da colonização gaulesa no Sul dos Estados Unidos... Meu bisavô era francês, casado com uma *cajun*.

Entramos em sua casa e eu fiquei deslumbrado com a decoração.

Tinha-se a impressão de estar entrando em uma espécie qualquer de túnel do tempo e retrogredindo para o final do século passado, tal era a quantidade de objetos e móveis antigos que ali havia.

A sala, em formato de *L*, tinha como peça principal um piano de um quarto de cauda que, para que se possa fazer uma idéia exata do tamanho do cômodo, não parecia ocupar espaço nenhum. Espalhadas com muito bom gosto e propriedade por todo o ambiente, havia diversas peças autênticas, a maior parte delas certamente oriundas do Sul dos Estados Unidos e provavelmente anteriores à Guerra Civil, que davam à sala o aspecto dos velhos casarões de New Orleans.

Para minha mente imaginativa, só estava faltando que, de um momento para o outro, surgisse pela porta da cozinha uma banda de negros tocando as músicas sacras que precederam os *blues* e o *jazz*.

— Você toma um uísque? — perguntou Lois, aproximando-se de um barzinho engenhosamente construído dentro de um barril de madeira.

— Sozinho, não — respondi, muito embora minha alma, naquele momento estivesse clamando por alguma coisa alcoólica, forte o bastante para me ajudar a destravar a língua e a expandir o espírito.

É interessante...

Não me considero um bebedor e muito menos um dependente do copo.

Porém, há certas ocasiões em que há uma necessidade premente de se *inibir os inibidores* e, para isso, não há nada melhor do que uma boa e generosa dose de *Bourbon*.

Aliás, exatamente daquela marca que Lois, magnânima, estava despejando em um copo pequeno, de fundo pesado...

— Como você poderia adivinhar que eu preferiria um *Jack Daniel's* a qualquer outra marca? — indaguei, aceitando o copo que ela me oferecia.

— Eu simplesmente sabia — respondeu Lois, com candura — Sabia, da mesma maneira que sei a sua preferência em matéria de queijos...

Mostrou um pratinho com pedaços de queijo cortados em cubinhos e disse:

— Queijo de Serra de Estrela... Para daqui a pouco, quando começarmos a tomar um excelente *Dão* de 1964... O meu ano.

Com o uísque já começando a circular em meu sangue, retruquei:

— Por isso que a safra portuguesa de 1964 foi uma das melhores... É a sua safra...

Lois riu, serviu-me mais uma dose de *Jack Daniel's* e convidou:

— Venha... Venha me ajudar a preparar o jantar. Poderemos cozinhar e conversar ao mesmo tempo!

QUATRO

Enquanto picava cebolinhas e salsinhas em uma tábua, Lois disse:

— Você falou algo interessante...

Olhou para mim sorrindo, e acrescentou:

— E, para alguém que ainda está apenas se iniciando nos mistérios do Tarô, é muitíssimo interessante!

— Mas eu não estou me iniciando em nada! — exclamei — E, na realidade, o Tarô e todas essas histórias místicas e esotéricas, jamais me interessaram!

Ficando subitamente muito séria, Lois falou:

— Isso é o que você pensa, Wilson. Aliás, é o que lhe diz a sua parte consciente do espírito. A parte inconsciente, ainda que em silêncio, está lhe dizendo que você precisa começar a se interessar por tudo isso... Por tudo isso que você acabou de chamar de *histórias*.

Provavelmente, se fosse uma outra pessoa que estivesse ali à minha frente, eu teria dito que ela não sabia o que estava dizendo, teria afirmado e jurado que o meu inconsciente, por mais inconsciente que fosse, jamais derivaria para o lado místico das coisas, ainda mais eu, um homem da Ciência, um indivíduo cujos objetivos de vida estavam unicamente voltados para a pesquisa científica.

Mas...

Quem estava ali era Lois...

Lois, aquela mulher maravilhosa que conseguira povoar de pensamentos os mais absurdos, toda a minha tarde...

E, para ser muito sincero comigo mesmo, àquela altura dos acontecimentos, eu já estava começando a ficar disposto a rever alguns de meus princípios.

Como, por exemplo, aquele que eu insistia em manter ativo, ou seja, o de permanecer sozinho...

Fui arrancado de meus pensamentos pela voz de Lois, que me dizia:

— Não quer abrir o vinho, Wilson? Eu adoraria tomar um cálice com você...

Entregando-me um sofisticado saca-rolhas de pressão, absolutamente intempestivo, impertinente e extravagante àquele ambiente, Lois falou:

— Você disse que 1964 é o meu ano... O ano da minha safra.

Servi o vinho em um cálice e, quando ia despejar a bebida em um outro, Lois disse, com um trejeito coquete e cheio de malícia:

— Eu disse que ia tomar um cálice com você... Isso significa, um cálice para nós dois.

Suspirei...

A continuar daquela maneira, a probabilidade de sair alguma espécie de jantar era muito pequena...

Lois tomou um gole de vinho, aproximou o cálice de minha boca e continuou, enquanto eu sorvia a minha parte:

— O ano da minha safra, para alguns tarólogos, é regido pelo Arcano Maior VIII, A Justiça. Para outros, seria o Arcano Maior XVII, A Estrela. E para outros ainda, seria o Arcano Maior XX, *O Julgamento*, ou o Arcano Maior XI, *A Força*...

— Isso me parece incoerente — argumentei — Se é uma coisa, não pode ser a outra. Alguém está errado, por aí...

— Isso é como na medicina, Wilson — retrucou Lois enquanto lavava o arroz — Para determinados quadros clínicos incrivelmente evidentes, alguns médicos dão um diagnóstico e outros dizem que a doença é algo completamente diferente. O mais engraçado, é que muitas vezes, ambos estão certos!

Ora...

Desde os meus estudos básicos de Clínica Médica, eu cansara de ouvir os professores falarem que não se poderia jamais pensar em duas patologias ao mesmo tempo. O correto é sempre juntar todos os sinais e sintomas em um quadro nosológico único, para chegarmos a uma doença apenas.

Contudo, eu não poderia jurar que Lois estivesse errada.

Como patologista, ou seja, um autêntico *analizador de cadáveres*, eu vira muitas e muitas vezes, necrópsias que apresentavam mais de uma doença. E o interessante era o fato de que, nas papeletas desses casos, alguns colegas tinham visto uma das moléstias e outros, uma outra. Porém, era raríssimo encontrar um médico que tivesse feito diagnóstico das duas doenças.

Antecipando-se ao que eu ia dizer, Lois prosseguiu:

— Por isso, o ideal é analisar *todos* Arcanos mencionados para ver se há alguma correlação com a minha personalidade...

Pôs o arroz no fogo, ajeitou um bellissimo rosbife em uma assadeira e, tomando mais um gole de vinho, perguntou:

— Quer tentar? Podemos começar pelos dois primeiros... Depois que você já souber um pouco mais sobre os mistérios do Tarô, analisaremos o *Julgamento* e a *Força*.

— Mas como poderei julgar? — indaguei — Eu a conheci hoje! Nada sei a respeito de seu caráter ou de sua personalidade!

Lois riu, empurrou-me delicadamente para a sala e falou:

— Você vai dizer... Você vai escrever o que pensa de mim e como é que me imagina. Não vai me deixar ler o que escreveu e depois, vamos ler as cartas do Tarô...

++++++

Deixando-me sentado à mesa diante de uma folha de papel em branco e segurando uma caneta na mão, Lois voltou para a cozinha, dizendo:

— Procure ser sincero, Wilson... E não tenha medo do que vai escrever. Pode ficar tranqüilo que eu não me ofenderei de jeito nenhum!

Lois voltou, pôs o cálice de vinho à minha frente e falou:

— Tente se abstrair de tudo. Tente uma isenção absoluta de espírito e você vai ver como isso é interessante.

Ela se afastou e eu, depois de tomar um grande gole de vinho, escrevi:

Lois é uma jovem bonita, inteligente, atraente, provocante e sensual, de pensamentos liberais e que mostra perfeito domínio de sua vontade e de seus atos. Isso é, a meu ver, uma prova de equilíbrio emocional.

Por mais que eu quisesse alongar, não o conseguiria.

Era aquilo, apenas aquilo que eu tinha visto em Lois — e há de se me perdoar, uma vez que eu realmente a estava conhecendo naquele dia.

Levantei-me, guardei o papel no bolso e voltei para a cozinha, a tempo de ver Lois espargindo algumas ervas sobre o rosbife, antes de colocá-lo no forno¹.

— Os ciganos sempre gostaram de comidas muito temperadas — explicou Lois — E a utilização de ervas como o tomilho, o orégano, o manjericão e o alecrim, é muito freqüente...

Pôs o rosbife no forno e, tomando-me pela mão, voltou para a sala, dizendo:

— Agora... Vamos ver o que é que falam as cartas do Tarô...

CINCO

Fez-me tomar mais vinho, pôs em minha boca um cubinho de queijo e, depois de estender uma toalha sobre a mesa da sala, tirou de uma gaveta um baralho de Tarô, dizendo:

— Este é o Tarô de Marselha. Como você sabe, há um sem número de tipos de baralhos de Tarô mas este, o de Marselha, além de ser o mais comum, é o que aparentemente melhor guardou as características originais através dos anos. O Tarô surgiu provavelmente, no Egito dos Faraós. Há quem afirme que ele surgiu na Caldéia ou ainda, na cidade de Fez, no Marrocos, onde teria sido criada uma sociedade secreta e esotérica para estudar e salvaguardar a sabedoria ancestral na forma de dados pictóricos, uma vez que havia uma séria proibição religiosa quanto às manifestações públicas de crenças outras que não aquelas autorizadas pelos Sumos-Sacerdotes, detentores presumíveis de toda a sabedoria e, portanto, facilmente tomados por magos.

Separou duas cartas e colocou-as sobre a mesa, voltadas para cima.

Apontou para uma delas e explicou:

— Estes são os Arcanos Maiores, Figuras, Trunfos ou *Ataouts*. Trata-se de um conjunto de 22 figuras que não pertencem a nenhum dos naipes dos baralhos comuns.

Mostrou uma outra carta qualquer, e disse:

— Veja que o baralho de Tarô também possui naipes. Ouros ou Moedas, Copas ou Taças, Paus ou Bastões e Espadas. Desde que arrumados em seqüência, de acordo com a sua numeração, os Arcanos Maiores contam pictoricamente, uma história. Essa história seria o *Caminho Real* (que se relaciona íntima e etimologicamente com o termo *Tarô*), o caminho da autocompreensão, ou ainda o *Caminho da Vida*. Também podem representar as fases de uma iniciação esotérica misteriosa e ainda desconhecida.

Sorriu ao ver a expressão de espanto que eu estava fazendo e falou, pousando a mão sobre meu antebraço, o que me causou um delicioso arrepio de prazer:

— Não se desespere, Wilson... Você vai entender tudo isso dentro de muito pouco tempo. E vai se apaixonar, tenho certeza. O Tarô mexe com o mais íntimo e profundo de nossa consciência. Podemos dizer que ele vai até o limiar que separa o consciente do inconsciente. É por isso que se pode fazer uma analogia muito próxima das cartas do Tarô com os sonhos. Como as imagens de nossos

sonhos, as figuras do Tarô transmitem mensagens do subconsciente, de acordo com as interpretações conscientes que damos a elas.

Pegou uma das cartas que tinha separado e, mostrando-a para mim, falou:

— Veja bem que nós não estaremos fazendo uma *leitura oracular* das lâminas do Tarô.

Interrompeu-se, olhou para a carta que tinha em sua mão e disse:

— No baralho de Tarô, na realidade, não temos *cartas*. São *lâminas*, uma vez que elas eram, inicialmente, de pedra, marfim ou mesmo madeira.

Tomou um gole de vinho e prosseguiu:

— Nós estaremos apenas interpretando *objetivamente* as lâminas, tentando ver o que elas nos trazem como *informações genéricas*.

Fitou-me intensamente e pediu:

— O que vê, nesta lâmina?

Tomei a lâmina da mão de Lois e, depois de pigarrear, comecei:

— Parece ser um rei... Como a lâmina é a lâmina da Justiça, como você me falou, deve ser um juiz. O sentido arquetípico de Justiça está bem presente: ele tem uma balança de pratos na mão esquerda e uma espada na direita, que pode significar a punição para o criminoso.

— Muito bem! — exclamou Lois — Você está me mostrando que não é nenhum insensível! Foi perfeitamente capaz de sentir e de dizer o arquétipo da lâmina!

Voltando a fixar o fundo de meus olhos, ela disse:

— A lâmina, em suma, mostra um homem. Não importa, neste momento, se é um rei ou um juiz. É um homem segurando uma balança e uma espada. Um homem capaz de julgar e de punir. Além disso, o número desta carta é o 8 e o algarismo arábico 8, se colocado horizontalmente...

Lois desenhou com o dedo o oito deitado sobre a mesa e prosseguiu:

— Tanto pode representar os dois pratos de uma balança, quanto o símbolo do Infinito, a *Leminiscata*.

Aceitou o cálice de vinho, tomou um gole e falou:

— Há muitos tarólogos que não valorizam a regência dos Arcanos. Isso quer dizer que eles não acreditam que os Arcanos do Tarô tenham uma influência direta sobre as pessoas de acordo com o ano de nascimento ou coisas assim. Não seria como na Astrologia, que um indivíduo tem a sua personalidade e caráter influenciados pelos signos.

Ergueu displicentemente os ombros e disse:

— Mas isso não é verdade. Infelizmente, ainda há muitos charlatões entre os que se dizem conhecedores da arte oracular do Tarô. Os Arcanos Maiores exercem influência sobre as pessoas, imprimem-lhes características próprias que podem ou não ser utilizadas por essas pessoas no correr da vida. Obviamente, o fato de nascer em 1970 e ser regido pelo Arcano Maior VIII, A Justiça, não fará de alguém um ser justo, equilibrado e ponderado. Porém, com o passar dos

anos, esse indivíduo *terá mais chances* do que um outro qualquer, de adquirir ponderação, espírito de justiça e equilíbrio. Uma interpretação mais *Junguiana* desta lâmina, diria que uma pessoa nascida em 1970, teria mais possibilidades de se *ajustar* com ela mesma e com a sociedade que a circunda, pois Jung vê esta lâmina como *Ajustamento* e não como *Justiça*.

Eu devia estar, naquele momento, com todas as caras do mundo, incluindo-se e enfatizando-se entre elas, a de idiota...

Lois sorriu, colocou-me na boca mais um pedacinho de queijo e disse:

— Vá descrevendo o que vê na outra carta...

Respirei fundo e comecei:

— Bem... Esta é a décima sétima lâmina do Tarô de Marselha...

Lois riu, levantou-se e, enquanto se dirigia para a cozinha, reclamou:

— Ora, querido... Você parece estar descrevendo uma necrópsia!

Acompanhei-a e vi quando ela tirou o arroz do fogo e despejou-o no interior de uma travessa, literalmente cobrindo-o com cebolinha e salsinha picadas e mais uma incrível e inacreditável bateria de ervas.

Abriu um pote de iogurte e, enquanto misturava o seu conteúdo no arroz, explicou:

— Os ciganos *cajuns* usam muito os derivados do leite na cozinha.

Manteiga, iogurte, coalhada, queijos... E eles gostam de coisas picantes, ardidas.

Sorriu, passou a mão sobre meu rosto e acrescentou:

— Normalmente, coisas que funcionam muito bem como potentes afrodisíacos...

Voltamos para a sala e, instado por Lois, continuei:

— Não posso dizer que esta lâmina seja bonita. O desenho é feio e olhe que poderia ser belíssimo, pois representa uma mulher nua — o que por si só já deve ser belo — à beira de um lago ou rio. Ela está despejando água de dois cântaros, há duas árvores ao fundo, um pássaro e o céu está coberto de estrelas dentre as quais uma, em especial, se destaca, parecendo uma *Rosa-dos-Ventos* sem a marcação dos graus ou dos pontos cardeais.

Lois fez um sinal afirmativo com a cabeça e perguntou:

— Você não vê mais nada?

— Somente consigo acrescentar o fato da mulher estar ajoelhada sobre o joelho esquerdo... — murmurei.

Lois pegou carta de volta e disse:

— A moça, de fato, não está bem retratada neste desenho. Mas você deve perdoar e imaginá-la bonita... O artista desconhecido que a fez, era excessivamente primitivista. Primário, melhor dizendo, para não causar pruridos naqueles que se dizem entendedores de artes pictóricas e escolas artísticas. Ela está à beira de um rio, você pode notar que a água está representada como água corrente, até mesmo formando ondas e não círculos concêntricos como seria em um lago. Além disso, ela está despejando o conteúdo dos vasos no

chão, o que pode simbolizar a fertilização da terra pelos fluidos astrais. O pássaro que está perto da moça, pode ser uma íbis, ave que combate a serpente e que surgia no Egito com a cheia do Nilo — justamente a época da fecundidade do solo. Sobre a jovem, há oito estrelas, uma maior — que você viu muito bem e que representa a *Alma* — e sete menores, que representam a *natureza setenária do ser humano*, ou seja, a regência do número sete.

Olhando para mim com uma expressão distante, explicou:

— Para os teósofos orientalistas, temos a *Rupa* ou *Sthula-Sarira*, o corpo físico, mortal; *Prana*, o princípio vital; *Linga Sarira*, o corpo astral; *Manas*, o princípio dual da inteligência que se divide em inteligência superior e inferior; *Buddhi*, a alma espiritual; e *Atman*, que é o espírito propriamente dito, união com o Absoluto, com a Suma Transcendência. Na Alquimia Clássica, há sete corpos, ou seja, o Sol, que é o ouro; a Lua, a prata; Marte, o ferro; Mercúrio, que é o próprio mercúrio; Saturno, o chumbo; Júpiter, o estanho e Vênus, que é simbolizado pelo cobre. As sete estrelas, portanto, representam os sete elementos componentes do ser humano e a oitava, maior, é a representação da Alma Espiritual, ou *Buddhi*.

Como se despertasse de um transe, Lois pediu:

— Agora, mostre-me o papel que você escreveu...

Ainda abismado e atordoado com tudo quanto ouvira, entreguei-lhe minhas anotações, dizendo:

— Creio que há muita relação com a lâmina da *Justiça*... Mas, com esta da *Estrela*, não consegui ver nenhum sentido de paralelismo.

— O que talvez sirva para provar que a minha lâmina verdadeira, ou seja o meu Arcano Regente, é de fato a lâmina número oito, A *Justiça*... — ponderou Lois.

Leu as palavras que eu escrevera e, mais uma vez, sorriu, dizendo:

— Sinceramente, não sei afirmar todo esse equilíbrio... Mas que você não é a primeira pessoa a me dizer isso...

— Quem já lhe falou a mesma coisa? — perguntei, sem conseguir disfarçar o ciúme.

Lois riu, tomou um gole de vinho, inclinou-se para a frente e beijou-me suavemente na face esquerda, murmurando:

— Não fique com ciúmes... Mas, só por diversão, veja qual é o seu Arcano Regente, enquanto eu vou ver a quantas anda o nosso jantar.

SEIS

Apanhei o baralho e, depois de fazer algumas contas que me levaram a concluir que o meu Arcano Regente era a lâmina II, A Sacerdotisa, falei:

— Minha formação latino-machista não pode se orgulhar muito desta lâmina, Lois... A Sacerdotisa...!

— Não ligue para isso, Wilson... As lâminas do Tarô nada têm a ver com masculinidade e feminilidade! — gritou Lois, lá da cozinha — Descreva-a para mim!

Caminhei até o fogão, sempre segurando a lâmina na mão e falei:

— Ela representa uma mulher entre duas colunas, usando um chapéu...

Olhei a lâmina com mais atenção e retifiquei:

— Não... Não é um chapéu, parece mais uma coroa ou uma mitra pontifícia.

— E é exatamente isso que ela está usando — corroborou Lois — Uma mitra pontifícia, por isso ela também é chamada de *Papisa*.

— Bem... — continuei — De qualquer maneira, está nítido o fato de ela estar entre duas colunas. Parece que ela segura um rolo nas mãos, algo como se fosse um daqueles pergaminhos antigos. E tem uma cruz sobre o peito.

Lois tirou o rosbife do forno e começou a cortá-lo em fatias muito finas, enquanto dizia:

— Você pode ver que nós temos muita coisa em comum, querido...

Confesso que estremei ao ouvi-la dizer essa frase.

Além do mais, era a segunda vez que Lois me tratava por *querido* e isso soava como música aos meus ouvidos

— A *Sacerdotisa* também representa equilíbrio. Ela está entre duas colunas do Templo de Salomão, provavelmente entre os pilares que sustentam as energias positivas e as negativas do universo astral. Isso, somado ao fato de estar segurando um rolo de papiro, com certeza, o próprio *Torá*, faz com que possamos interpretá-la como o esclarecimento espiritual, a compreensão das verdades que residem no mundo interior. Ao mesmo tempo, a *Sacerdotisa* pode ser interpretada como a *vigilante* das portas do templo, ou seja, como aquela que cuida para que não entre o indevido e não saia o que é necessário para a boa formação do universo particular de cada um.

Sorrindo para mim, Lois completou:

— A *Sacerdotisa*, como o médico, busca o equilíbrio entre o interior e o exterior, ou seja, o que está dentro do corpo e o que pode agredi-lo ou beneficiá-lo.

Pedi-me para ajudá-la a servir a mesa e, enquanto arrumava as travessas, falou:

— Na realidade, a *Sacerdotisa* é uma das lâminas mais complexas do Tarô pois denota uma dualidade muito intensa, uma verdadeira dicotomia entre o Bem e o Mal. Para Jung, a dualidade é necessária para a constituição do todo. Jamais seria possível um todo, uma totalidade, se não houver no mínimo dois... Há muitos tarólogos que interpretam a lâmina da *Sacerdotisa*, ou seja, o Arcano Maior II, como sendo a lâmina da paixão desenfreada e irracional. Outros, dizem que o surgimento dessa lâmina em um oráculo, indica a necessidade de se tomar cuidado para não se abraçar cegamente o supérfluo, ou seja, para não se dedicar demais àquilo que pode não ser estritamente relacionado com a realidade cotidiana.

Olhou para mim, ergueu os ombros como se estivesse pedindo desculpas e disse:

— Sei que é muito difícil de entender. E sei que uma mente racional como a sua não consegue aceitar muito facilmente essas histórias todas.

Aproximou-se de mim, ergueu-se para me dar um beijo no rosto e acrescentou, em tom de desafio:

— Mas tente montar a sua própria interpretação.

— Não seria capaz, Lois — esquivei-me — Tenho a impressão que, para tentar interpretar corretamente uma lâmina de Tarô, é preciso muito conhecimento sobre as cartas e sobre os arquétipos junguianos do subconsciente.

Sorri, um pouco sem jeito e disse:

— Não é bem exatamente a minha especialidade... O meu trato diário é com cadáveres e os mortos não têm mais nenhum arquétipo do subconsciente mesmo porque eles já não têm mais subconsciente e nem consciente!

A moça, fazendo-me sentar à mesa, ponderou:

— Os cadáveres, por si só já formam a imagem arquetípica mais característica e mais comum do subconsciente coletivo. A morte, representada pelo corpo do defunto, está no subconsciente de todos, da mesma maneira... Transfere-se para o consciente a imagem arquetípica da dor, do desespero, do fim, do sem-solução uma vez que a morte não tem retorno.

Servindo meu prato, ela insistiu:

— Vamos... Como você interpretaria a lâmina da *Sacerdotisa*? De que maneira você daria um sentido prático à descrição subjetiva dessa lâmina?

Ainda que pouco à vontade — afinal, eu não gosto de falar sobre assuntos que não conheço justamente para evitar que me tomem por presumido ou charlatão — tentei:

— Se considerarmos o conceito junguiano da necessidade da pluralidade para a constituição de um todo e transportarmos esse conceito à sua essência

mínima, estará clara a necessidade de ao menos dois para a constituição da totalidade. Assim, a dualidade da *Sacerdotisa*, acabaria por se tornar na essência do todo ser humano, na constituição do espírito daquele que precisa permanentemente optar por um caminho ou por outro, no mínimo. Assim, eu diria que o surgimento da lâmina da Sacerdotisa em um jogo oracular, poderia ser interpretado como a necessidade de opção. Ora, para optar é preciso refletir, analisar, pesar e por último, escolher.

Lois olhou para mim com uma expressão divertida de espanto e comentou:

— Mas, excelente! Você não poderia ter dito de maneira melhor! Até parece que andou estudando interpretações tarológicas muito a fundo!

Serviu mais vinho em nossos cálices e continuou:

— A interpretação está correta. A lâmina, estando no sentido normal, pode ser interpretada assim. Invertida, a interpretação pode ser exatamente a oposta, ou seja, a dualidade seria interpretada como uma dicotomia da personalidade e a necessidade de opção passaria a ser uma dúvida ou dilema insolucionáveis pelo menos no momento. A reflexão e análise deixariam a sua conotação essencial, para assumir uma outra, de vacilação, dúvida e principalmente medo do desconhecido.

Mostrou-me a lâmina, chamou minha atenção para a predominância da cor azul e explicou:

— A maior parte da figura está preenchida pela cor azul, o que pode ser interpretado como a cor da suavidade, da meiguice e do amor espiritual.

Mostrou-me a parte em cor vermelha, em formato losangular e disse:

— Note que não deixa de lembrar uma vagina feminina. Isso pode significar, no caso de uma consulente do sexo feminino, a necessidade de valorizar o próprio sexo, seja na sensualidade inerente ao ato, seja na valorização espiritual da posição da mulher na sociedade. Já no caso do consulente masculino...

Sorriu, com um olhar malicioso e falou:

— Como seria o seu caso, afinal de contas a lâmina da *Sacerdotisa* é a sua lâmina tarológica, significa a sensualidade animal, o prazer sexual e a supervalorização do corpo como fonte de prazer, seja sexual, seja gastronômico, tendo em vista que a área em vermelho está justamente na região abdominal da figura.

Meneei a cabeça em sinal de dúvida e ponderei:

— Não acha que essa última interpretação está um pouco forçada? Confundir sexo com estômago não seria...

— O ser humano é um estômago em cima de uma genitália — interrompeu-me Lois, rindo — Se você fizer um raciocínio freudiano, verá que Eça de Queiroz, quando falou isso pela boca de Jacintho de Thormes, estava profundamente certo. Tudo na vida do ser humano pode ser resumido à busca do prazer carnal e nós podemos dividir a satisfação corpórea em duas áreas, quais sejam, a que se relaciona com o apetite gástrico e a que se refere ao apetite sexual, obviamente ambas com as suas realizações.

Fitou-me com intensidade e falou:

— Exatamente por isso é que o ser humano se considera realizado quando consegue obter a materialização total nesses dois quesitos. Quando ele transforma o apetite gástrico em alimentação, realizando o desejo de comer, e quando ele transforma o apetite sexual no ato sexual em si, satisfazendo o desejo instintivo da reprodução da espécie.

Eu ia abrindo a boca para contestar, mas Lois me interrompeu, dizendo:

— Pessoalmente, eu não acho que a realização material, pura e simples do apetite sexual, seja suficiente para o ser humano verdadeiramente racional, ou seja, para aquele que está pelo menos um pouco mais voltado para a espiritualidade de sua condição nesta vida. Há a necessidade de um *élan* maior, uma ligação que transcende o corpo material e invade o corpo astral, chegando ao ápice, no corpo espiritual. Para esse ser humano, a verdadeira realização, é o amor, ou seja, o ato sexual é a materialização de um estado cósmico que só pode ocorrer verdadeiramente quando há a união e consonância de dois corpos astrais harmônicos, que vibram na mesma frequência e comprimento de onda. A lâmina da *Sacerdotisa*, em uma interpretação místico-esotérica, pode dar a entender exatamente essa dualidade ou seja, o conhecimento das necessidades tanto do corpo material quanto do corpo astral para que haja a interação de ambos satisfazendo o principal, que é o corpo espiritual.

— Mas não é possível que tudo isso que você acabou de dizer esteja *escrito* em uma lâmina de Tarô! — exclamei — Por mais que eu me esforce, jamais vou conseguir enxergar tanta coisa!

Lois sorriu e, a voz em um sussurro, falou:

— Na lâmina está apenas sugerida uma parte do que meu discurso. O resto é fruto da interpretação pessoal que eu fiz de minha simbologia particular, de meus arquétipos individuais. Como já dissemos, é fruto da projeção do subconsciente.

Serviu mais arroz em meu prato e completou:

— Ou do inconsciente, como queira.

Olhando para mim com expressão séria, ela disse:

— É justamente por isso que o Tarô não deve ser considerado apenas como um jogo adivinhatório. É muito mais um processo oracular, onde há a necessidade de interpretações feitas à luz de conhecimentos esotéricos e mágicos profundos e, principalmente, de grande honestidade por parte do tarólogo.

— Você está querendo dizer que todos aqueles que fazem previsões do futuro baseadas nas cartas... lâminas... do Tarô, são charlatães?

Lois refletiu por alguns segundos e respondeu:

— Não é bem assim, querido... Há tarólogos competentes, honestos e que realmente estão fazendo seu trabalho bem feito. Seria, nesses casos, mais correto dizer que estão cumprindo adequadamente a missão que lhes foi dada pela Consciência Suprema. Infelizmente, são muito poucos e, mais infelizmente ainda, justamente esses tarólogos são os menos procurados pelo público interessado...

— Mas... Como assim? Se o tarólogo é competente...

— Na medicina, os clínicos enfrentam problema semelhante — continuou Lois, interrompendo-me — Se um médico acha que um determinado paciente não necessita de nenhuma medicação, não deve prescrever nada, concorda?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça e Lois prosseguiu:

— No entanto, se ele agir de acordo com a ciência que realmente aprendeu na Faculdade, dentro de muito pouco tempo não terá mais nenhum cliente. E isso, simplesmente porque quem vai ao médico, em especial aqui no Brasil, só acha que foi atendido, que foi examinado e, digamos, *tratado*, se sair do consultório segurando uma receita na mão. Ora, aquele que vai procurar um tarólogo, quer antes de tudo, que ele lhe diga o que vai acontecer amanhã. Ou seja, quer que se faça uma predição de futuro, o que não passa de um imenso absurdo.

— Mas sempre ouvi dizer que o Tarô é adivinhatório...! — protestei.

— Ele tem sido usado para isso e, quase sempre, inadequadamente. Como já falei e está nos compêndios tarológicos sérios, o Tarô é um espelho do inconsciente e por isso, precisa ser devidamente interpretado. As imagens que ele fornece e que podem ser chamadas de *previsões do futuro*, na realidade são reflexos do subconsciente e da personalidade da pessoa e que, uma vez bem *administrados*, podem resultar em reações ou ações dessa pessoa bastante previsíveis. Acaba acontecendo... Seria uma espécie de previsão.

SETE

Lois serviu a sobremesa e, enquanto ela continuava a dissertar sobre as mil maneiras diferentes de interpretar o Tarô, deixei que meus pensamentos voassem um pouco, tentando desesperadamente por ordem em minhas idéias.

Tudo aquilo era de fato surpreendente, desde a maneira como encontrara Lois até o fato de eu estar ali, sozinho com ela em sua casa, depois de um jantar à cigana e ouvindo-a falar sobre uma matéria que me era totalmente desconhecida e no entanto, absolutamente fascinante.

A moça parecia conhecer profundamente o assunto...

E, para alguém com a sua idade, isso era de espantar.

Já ouvira, em muitas ocasiões, pessoas que se diziam entendidas em ocultismo e coisas que tais, falarem que só a grande experiência de vida possibilitaria conhecimento sobre esses temas e capacidade para — autorizadamente — expor suas idéias.

E eu estava presenciando Lois não apenas falar sobre Tarô e seu relacionamento com outras ciências ocultas e esotéricas, como também formular conceitos, tecer considerações e críticas, fazer comentários e tudo o mais que um catedrático se veria com direito de fazer.

Era algo assim como se um acadêmico de quinto ano, em uma reunião anátomo-clínica se dispusesse a contestar o chefe do departamento e, ainda por cima, mostrasse que ele, na verdade, sabia muito mais do que qualquer outro sobre o caso.

Lois estava falando alguma coisa sobre o perigo que certas pessoas correm ao se deixarem influenciar por falsos ocultistas quando, de repente, parou.

Olhou para mim com um meio sorriso e disse:

— Você está muito pensativo, Wilson... E está imaginando o por quê de sua presença aqui.

Mais uma vez, não pude deixar de me sentir, de uma certa forma, violentado.

Era incrível a capacidade que Lois tinha de penetrar em meus pensamentos e falar algo que estivesse intimamente correlacionado com o que estava em minha mente.

Sem me dar chance de dizer o que quer que fosse, ela continuou:

— Como eu já lhe disse e como você, apesar de todo o seu materialismo e cepticismo, deve já ter percebido, todos nós temos uma missão aqui na Terra. Alguns, mais afortunados, desde muito cedo, descobrem qual é essa missão. Destes, muito poucos respeitam essa *iluminação* e *trabalham* em cima dos objetivos que precisam ser atingidos para a perfeita realização dessa tarefa. A imensa maioria, ou não tem a menor idéia do motivo pelo qual vieram para este planeta, para esta dimensão, ou simplesmente não se dão conta da importância que tem o desenvolvimento de sua própria espiritualidade para, com isso, poderem chegar a um nível mais alto, o nível daqueles que conseguiram cumprir a missão para a qual foram destinados.

Tomou fôlego, segurou minha mão e, com os olhos muito brilhantes, disse:

— Você, como médico e cientista, como um homem ligado umbilicalmente à Ciência, acha que a sua missão é pesquisar, é tentar descobrir novas doenças, novas alterações no *mecanismo* do corpo humano e, de posse desses conhecimentos, ajudar o homem a prolongar o tempo de vida nesta dimensão.

— Ou diminuir o seu sofrimento... — consegui interromper.

— Sem dúvida — admitiu Lois — E também sem a menor sombra de dúvida, é uma missão muito importante. Diminuir a dor física, sedar a ansiedade e a angústia provocadas pelo medo da morte ou pelo receio da dor... Isso é bonito e é claro que é necessário.

Fixou-me os olhos e perguntou:

— Mas... Será que essa é, realmente, a sua missão? Será que é o seu objetivo final?

Eu ia responder que muito provavelmente era, afinal eu sempre gostara daquilo que fazia, sempre me sentira realizado quando conseguia estabelecer um diagnóstico preciso e, inegavelmente, sentia muito orgulho de mim mesmo quando via meu nome citado nas revistas médicas e até mesmo em compêndios de patologia e de fisiopatologia.

Porém, com um gesto, ela me impediu de falar e prosseguiu:

— Na verdade, como todos os seres humanos dotados de uma capacidade intelectual maior, você deve ter também, uma missão espiritual *maior*.

— Mas a pesquisa científica jamais pode ser considerada como uma missão material — protestei — Ainda mais aqui no Brasil, país onde a ciência e a intelectualidade são tão desconsideradas do ponto de vista financeiro!

Lois sorriu e replicou:

— A pesquisa científica pode ser considerada como uma missão intelectual.

Separando bem as palavras, ela insistiu:

— Mas eu falei de *missão espiritual*...

Seus dedos fizeram um pouco mais de pressão sobre os meus ela disse:

— A missão espiritual tem a ver com o *espírito*, a *alma*.

— O que deve ser óbvio — ponderei, sarcástico — Se é espiritual, não pode ter qualquer relação com a matéria...

Lois lançou-me um olhar atravessado e falou:

— Talvez você não goste de admitir, mas dentro do ocultismo, o homem precisa ser estudado como constituído por três princípios: o *corpo material*, o *corpo astral* e a *alma*. O *corpo material* é o que se resume à biologia do corpo humano propriamente dita, ou seja, o amontoado bem organizado de células e de *energia vital*. O *corpo astral* sede do conhecimento hermético, do consciente e do inconsciente, é o elo que une o homem à Suprema Consciência, que você pode chamar, se quiser, de Deus ou, o que seria melhor, de Todo Imanante, pois a partir dessa nomenclatura, não há mais qualquer cunho religioso, restando apenas um cunho cósmico, Universal.

— Com tudo isso — consegui falar — você está querendo dizer que a minha missão como médico patologista, é meramente ligada às coisas da Terra, à área material...

— Se você quiser considerar o *intelecto temporal* como uma parte da matéria, estará certo. Mas não se esqueça da parte *astral* do seu *eu*. É nessa parte astral que está a sua verdadeira missão, a relação desta dimensão com a *zona adimensional* em que reside o espírito.

Lois sorriu e murmurou, carinhosamente:

— Acho que estou indo depressa demais... Você vai ficar ainda mais confuso, assim...

No que ela estava coberta de razão.

Naquela altura dos acontecimentos, eu já estava começando a encontrar dificuldade até mesmo para pensar pois, além de tudo, havia o medo de que Lois pudesse realmente ler meus pensamentos e, de repente, descobrir que...

— Sei muito bem — falou ela, com um sorriso maroto — que você não veio aqui apenas com a intenção de conhecer a comida cigana e me devolver um livro velho...

Deu uma risada, levantou-se e aproximou-se de mim, dizendo:

— O seu *eu material*, o seu lado animal e instintivo, comandou com pelo menos setenta e cinco por cento de influência a sua vinda para cá...

Curvou-se, beijou-me delicadamente sobre os lábios e completou:

— Mas há os vinte e cinco por cento restantes e é justamente aí que está a maior importância...

Pousou as mãos sobre meus ombros e disse:

— Mesmo porque, no seu caso, era fundamental que o *arranque* fosse dado pelo seu lado instintivo. Por enquanto, seu *eu astral* ainda está um bocado adormecido e cumpre a mim encontrar a melhor maneira de despertá-lo.

Esforcei-me muito para não pensar na melhor maneira que Lois tinha para alcançar seu objetivo...

E, furioso comigo mesmo, tive a certeza de que, mais uma vez, ela conseguira ler claramente o que me ia pela mente...

OITO

O complicado e sofisticado aparelho de som de Lois, deixava-nos ouvir um conjunto de cordas que executava músicas suaves e que tinham o dom de fazer com que eu me sentisse mais leve, mais propenso a aceitar as novidades que a moça estava me *injetando* na cabeça.

Sentada ao meu lado, a cabeça repousando sobre meu ombro, Lois tinha silenciado por alguns instantes e isso dava-me outra vez a possibilidade de refletir sobre os acontecimentos daquele dia.

O mais engraçado era eu não estar conseguindo aceitar de mim mesmo a afirmação de que tudo não passara de uma formidável seqüência de coincidências.

Afinal, eu entrara naquele *sebo* como poderia ter entrado em qualquer outro... E Lois estava ali por mero acaso. Ela poderia ter encontrado trabalho em qualquer outra atividade — como vendedora de calças femininas, por exemplo — e então eu não a teria achado...

E, por fim, o que diabos teria a ver o Tarô com tudo aquilo?

Lois não poderia ser uma entendida em filatelia ou em heráldica?

Ou, se insistirmos na tese do ocultismo, não poderia ser uma *expert* em religiões afro-brasileiras?

Por que Tarô?

— Porque o Tarô é o espelho do subconsciente — respondeu Lois, sem que eu precisasse formular a pergunta — E é no seu subconsciente que você vai encontrar a sua verdadeira *missão astral*, a cidadela que aparece no Arcano Maior XVIII, *A Lua*...

Olhei de soslaio para a moça, já começando a me acostumar com a história de ter minha privacidade mental permanentemente invadida por ela.

Sorrindo, Lois fitou-me e disse:

— Podemos dizer que a Lua, como astro, como satélite da Terra, é uma *força que gera a imaginação*. É uma força oculta e magnética que age sobre Terra, influenciando os reinos mineral, vegetal e animal, atuando sobre o homem, sobre as águas dos mares... Não é à toa que os primitivos chamavam-na de *mãe e feiticeira*. Já os poetas denominam a Lua, eufemisticamente, de *pastora das estrelas*. A Lua é um astro que, no céu, não está visivelmente estático: a cada dia ela tem uma forma diferente e está em um lugar diferente. Por isso, o Arcano XVIII é

considerado por muitos tarólogos, como sendo o símbolo arquetípico da *evolução, do desenvolvimento e da mutação*. Para esses estudiosos, os dois mastins que uivam para a figura da Lua em minguante, representam as forças da Natureza. Já o artrópode ou crustáceo que está dentro do lago, representaria o exemplo mais primitivo da vida consciente. E, sobre tudo isso, há o clarão do fulgor lunar iluminando a Terra, representando os olhos celestiais, abençoando e inspirando o homem.

Lois fez uma pequena pausa, olhou para mim como se estivesse preocupada por estar me aborrecendo com sua dissertação e, como eu a instigasse a continuar, sorriu e disse:

— Para outros tarólogos, a lâmina do Arcano XVIII, a *Lua*, é simplesmente tétrica e aterradora. Para eles, o arquétipo mais evidente é a impossibilidade de se alcançar o objetivo — os dois palácios ao fundo — por causa do lagostim ou escorpião, e dos dois mastins que guardam o caminho.

— E o que pode significar, na prática, esse Arcano? — indaguei, realmente interessado.

Lois fez um gesto pedindo-me para ter calma e respondeu:

— Ia falar sobre isso neste instante... O surgimento oracular desta lâmina sugere um momento de observação, contemplação e meditação. Refere-se, também à luta para conseguir alcançar as metas definidas pela própria vontade e sugere ainda, o reconhecimento de erros com a opção para se desviar de obstáculos.

Com um sorriso, Lois prosseguiu, retomando o fio da meada:

— Como você pode ver, o verdadeiro tarólogo precisa ser um mago. A interpretação correta das lâminas do Tarô, só é possível se feita à luz da magia pois, caso contrário, não deixará jamais de ser uma simples interpretação das imagens do subconsciente, algo que apenas estará beirando os limites do *eu astral* e estará sendo única e exclusivamente subjetiva, o que é um imenso erro. A interpretação subjetiva *por parte do tarólogo*, exprime os arquétipos do subconsciente *dele* e não os do consulente.

Procurou entre as lâminas do baralho, separou a do Arcano Maior XX, *O Julgamento*, e falou:

— Este Arcano maior também é denominado de *O Juízo Final*. O arquétipo mais aceito é o que exprime o *fim de tradições, de filosofias, de religiões e dogmas prepotentes*. A lâmina mostra um anjo empunhando um clarim e trazendo uma bandeira onde há uma cruz. Esta cruz, mais que o símbolo religioso, sugere uma encruzilhada, indicando o encontro de opostos — ou o momento em que uma decisão importante deve ser tomada. O centro da cruz, que por ser um ponto no centro, não se altera com a posição, seria o *eu*, inalterável com relação a novos tempos e integrando-se perfeitamente a eles. Na parte inferior da lâmina, vê-se três figuras humanas, uma mulher e um homem, ambos nus, e um homem, este de costas, também nu e emergindo de um túmulo. Sua nudez é devida à necessidade de se contemplar o Tempo — passado, presente e futuro — absolutamente isento de quaisquer preconceitos, fantasias, mentiras ou dissimulações. O vestuário, na realidade, representa uma dissimulação, um meio de esconder alguma coisa que não queremos mostrar a ninguém. Assim, o anjo pode estar anunciando um reinício completo, a partir do nada, ou seja, da nudez do homem e por isso é lícito dizer que o Arcano XX, o *Julgamento*, dramatiza o momento da *ressurreição espiritual*, o

dia em que nascerá outro espírito mais verdadeiro em cada criatura que não sucumbiu no abismo das decepções terrenas. Por isso, uma interpretação bastante viável deste Arcano em um jogo oracular, é a regeneração, o perdão, o recomeço.

Escolhendo uma outra lâmina, Lois indagou:

— E esta lâmina? O que pode me dizer sobre ela?

Apanhei a lâmina na mão e procurei examiná-la o mais atentamente possível.

Depois de estudá-la por quase um minuto, eu disse:

— Trata-se do Arcano VI, o Amor...

Sorri, um pouco sem jeito, e continuei:

— Se eu não estiver enganado, diria que o arquétipo mais nítido dessa lâmina, é o dilema muito comum de um homem, a dúvida entre duas mulheres...

— Muito bem! — exclamou Lois — Você poderia dizer que acertou quanto à análise arquetípica...

Beijou-me a ponta do nariz e completou:

— A análise mais grosseira...

Confesso que me senti um pouco decepcionado.

Já estava começando a exultar e, de súbito, ela transformava meu castelo em um monte disforme de areia!

Lois apanhou a lâmina de minha mão e disse:

— Basicamente, você está certo. O arquétipo deste Arcano é a dúvida. Contudo, não se pode ser tão primário e tão materialista. O dilema não é a escolha entre duas mulheres, mas sim, *a escolha entre dois caminhos*.

Franzi as sobrancelhas, intrigado, e Lois continuou:

— Este Arcano maior, também costuma ser denominado *Os Amantes* ou *O Enamorado*. Veja bem que o *amor* de que fala a lâmina, não diz respeito apenas ao amor carnal, sexual ou àquele que se costuma chamar de *amor platônico*. É muito mais o *amor universal*. Aquele que engloba tudo em um universo de compreensão, caridade, fraternidade.

Com um sorriso cheio de malícia, Lois olhou para mim e disse:

— Porém, em hipótese alguma o Arcano VI descarta o erotismo e a paixão carnal. Este Arcano pode ser intimamente relacionado com Venus-Afrodite, a deusa do amor físico. Justamente por isso, ele é considerado como o Arcano do sexo.

Mostrou-me o Cupido com sua flecha e explicou, enquanto desenhava com o dedo, uma figura hexagonal imaginária em torno da figura:

— Observe que é muito simples desenhar um hexágono ao redor da imagem do Cupido. E o Hexágono, que é uma figura formada pelo entrelaçamento de dois triângulos equiláteros invertidos um em relação ao outro, pode ser interpretada pela filosofia hinduísta, como sendo a penetração da *yoni* pelo *lingam*, ou seja, a penetração de um pênis em uma vagina. E isso, em todas as filosofias, simboliza o princípio do equilíbrio entre o Masculino e o Feminino do Universo.

— Depois que você fala — murmurei — isso parece ser óbvio...

— Não é tão óbvio assim — falou Lois — E infelizmente não são todos os que *trabalham* com o Tarô que são capazes de enxergar aquilo que, para você e para mim, parece ser tão lógico.

Lois levantou-se e desapareceu no interior de sua casa, voltando alguns minutos depois com uma garrafa de cristal que continha um líquido de cor esverdeada, com reflexos nacarados.

Enquanto ela apanhava dois pequenos cálices de ouro, eu cobrei:

— Você disse, há pouco, que eu quase tinha acertado quanto ao arquétipo deste Arcano. Onde a realidade é diferente da minha interpretação?

A jovem ergueu os olhos para mim e respondeu:

— Creio que é necessário ver a lâmina do Arcano VI por um prisma mais generalista, ou seja, por um ângulo um pouco mais universalista e muito menos individualista.

Fiz uma expressão de desalento, mostrando que aquilo tudo estava sendo de muito difícil digestão para mim e Lois, com um sorriso, explicou:

— A Lâmina do Arcano Maior VI, mostra um jovem que parece estar envolvido com duas mulheres. A representação pictórica é de um homem normal, não é um deus, semideus ou mesmo mago. Observe como ele tem os pés bem apoiados no chão, como se estivessem efetivamente plantados na realidade desta nossa dimensão terrena.

Mostrou-me as duas mulheres da lâmina e falou:

— A diferença principal de sua interpretação arquetípica com a realidade expressa nesta lâmina, está nas duas mulheres aqui presentes. A existência de duas — e não uma, três ou mais — é bastante significativa. Observe que uma delas, a da esquerda, aparenta ter bem mais idade que a da direita. Intui-se com muita facilidade, que a da esquerda é a mãe do rapaz e a da direita é a sua amante ou namorada. A mãe representa o amor espiritual e a amante, o amor físico. E é aí que está a dúvida e o dilema, ou seja, a opção entre o sexo e o espírito. Cupido, pairando no alto da lâmina, dá a impressão de forçá-lo a uma escolha.

Um pouco ressabiado, arrisquei:

— Isso quer dizer que este Arcano, surgindo em uma leitura de cartas...

Lois pousou o dedo indicador sobre meus lábios e disse:

— Em primeiro lugar, não é correto dizer *leitura de cartas*. Não são *cartas*, são *lâminas*. Segundo, não se trata de *leitura*. No máximo, seria lícito falar de *jogo oracular* e ainda assim...

Serviu o líquido da garrafa de cristal nos dois cálices de ouro e prosseguiu:

— A interpretação arquetípica é essa. Porém, há muitas outras maneiras de se enxergar a mensagem ditada pela lâmina do Arcano Maior VI. Por exemplo, podemos dizer que esta lâmina representa o ser humano diante da dualidade dos princípios, o homem diante do dilema entre o Bem e o Mal, entre a Pureza e o Pecado, entre a Resistência e a Tentação.

Ergueu o cálice em um brinde e falou:

— Este licor é, na realidade, um filtro que os magos ciganos produzem há muitos séculos e que tem o dom de fazer despertar os instintos mais primários do ser humano...

Sorri, fixei-a com o olhar e murmurei:

— Pode ser perigoso, não acha? De repente, meus instintos mais primários estão muito perto daqueles dos trogloditas...

Lois tomou o licor de um só gole e, instando para que eu a imitasse, replicou:

— Só a experiência pode levar à verdade... Você jamais saberá como é o seu verdadeiro *eu*, se não o provocar...

Provei o licor.

Arregalei os olhos, estalei a língua, deliciado...

— Tem gosto de hortelã... E de cerejas... — comentei.

— Ora! — exclamou Lois, rindo — O sabor é o que menos interessa. Pode ter até mesmo gosto de damasco ou... de peixe. O que importa é o seu efeito e isso, nós vamos saber dentro de poucos minutos...!

Olhei desconfiado para Lois e ela, voltando a encostar a cabeça em meu ombro, falou:

— Alguns tarólogos mais ortodoxos costumam dizer que a flecha de Cupido tanto pode gerar a Felicidade quanto a Desgraça. E isso, unicamente porque o amor, considerado dentro desta nossa dimensão temporal, nunca vai deixar de ser o mais fascinante dos perigos. Na ligação de duas pessoas, por mais bela e forte que possa ser essa união, sempre haverá o espectro do ciúme, o fantasma da traição e da infidelidade.

Olhando intensamente para mim, ela perguntou:

— Não percebe aí, mais uma vez, a dualidade de tudo? Felicidade e Desespero, Dedicção e Traição, Lealdade e Infidelidade, Amor e Ódio...?

Bem...

Depois que Lois tinha mostrado, era mais do que evidente...

— Nesse caso — murmurei — o aparecimento deste Arcano VI em um jogo oracular, pode significar a influência vivificante do amor e o envolvimento muito íntimo com as emoções, ao mesmo tempo em que sugere cautela para não haver uma opção errada e, com isso, não haver sofrimento. Seria a sugestão da necessidade de uma escolha absolutamente correta para que possa ocorrer o bom desenvolvimento espiritual.

Olhei para ela, ansioso e perguntei:

— É isso?

— Sim — respondeu Lois, beijando-me desta vez com volúpia, sua língua forçando a entrada em minha boca, seu corpo se aproximando mais, fazendo-me sentir de repente um calor interno muito grande e um desejo irreprimível.

Com a voz rouca e morna, Lois completou:

— E este Arcano Maior significa também, atração sexual e o início de uma relação amorosa, lícita ou não.

Comecei a perceber que o tal licor cigano realmente tinha alguma ação sobre mim...

Pelo menos, naquele momento, eu não estava mais me preocupando com o que me tinha sido ensinado sobre boas maneiras na lide com uma mulher...

Eu desejava Lois, desejava-a intensamente...

E não se tratava apenas de um desejo físico, da manifestação fisiológica da atração carnal...

Era algo muito mais intenso, algo que parecia partir do meu interior mais profundo e não apenas de meu interior endócrino.

Retribuindo minhas carícias, Lois disse:

— No caso, não fizemos um jogo oracular... Tão somente escolhemos uma lâmina e a interpretamos. Mas, no oráculo tarológico, se a lâmina estiver invertida, ou seja, se ela aparecer de cabeça para baixo em relação ao tarólogo, pode mostrar a possibilidade de se deixar conduzir cegamente pelos impulsos físicos...

Desabotoando minha camisa com dedos ágeis e nervosos, ela arrematou:

— E eu tenho certeza que você já percebeu o sentido esotérico deste Arcano...

Fazendo-me sentir seus seios contra meu peito, Lois explicou:

— O sentido esotérico é a luta interior para chegar a uma escolha entre o físico e o espiritual...

Sorri...

Vendo-a despir a blusa para me revelar uma plástica mais que perfeita, murmurei:

— Sim... E lamento informar que, neste momento, não sei dizer se o que estou sentindo é meramente físico, espiritual, ou uma mistura das duas coisas...

Lois tomou-me pela mão e, levando-me para seu quarto, disse:

— Talvez haja aí novas dualidades... Amor e Prazer... A Loucura do Antes e a Responsabilidade do Depois...

NOVE

Já passava de dez horas da manhã quando despertei.

Há sempre aqueles quinze segundos que sucedem ao despertar, em que o indivíduo se re-localiza tanto no espaço quanto no tempo e consegue recordar alguma coisa do que aconteceu nos momentos que precederam o adormecer.

E, comigo, naquela manhã, eu pude apenas perceber que não estava em meu quarto e...

De um salto, eu me levantei.

Senti o aroma delicioso e excitante de um quarto de mulher, o perfume que resta no ambiente após uma noite de loucuras de amor e, aos poucos, as imagens foram se reconstituindo em minha mente.

Lois!

A doce ciganinha que eu encontrara em um *sebo* e que, durante horas, na véspera, tinha dissertado sobre o Tarô e culminara com uma espetacular Aula Magna sobre o amor...

O amor capaz de levar ao êxtase e ao único e verdadeiro prazer...

Lois!

Sabia, sentia que depois dela, jamais eu conseguiria olhar para outra mulher...!

E essa certeza, uma certeza tão súbita quanto estranha, estava me assustando.

Olhei ao meu redor e, para maior surpresa, percebi que estava sozinho.

A cama de casal completamente desarrumada, os lençóis amarfanhados, os travesseiros jogados, mostravam bem que a noite tinha sido uma árdua e deliciosa batalha...

Batalha que me deixara marcas e dores pelo corpo, sensações ainda bem nítidas do prazer que me tinha sido dado...

— Mas onde está ela? — perguntei-me, saindo do quarto enrolado em uma toalha — O que estou fazendo aqui, assim sozinho?!

A casa estava silenciosa, as janelas da sala abertas para a bela manhã ensolarada, o tráfego lá longe, do mesmo jeito de sempre, os carros disputando um pedaço de chão, os pedestres andando apressados, o ruído de fundo constante e permanentemente incomodativo...

E nem sinal de Lois...

Fui para a cozinha e, sobre a mesa, havia um bilhete dizendo:

Querido,

Fui comprar alguma coisa para o seu desjejum e para o nosso almoço.

Estarei de volta dentro de uma hora, no máximo.

Beijos,

Lois

Respirei fundo e, sem mais nada para fazer, com a cabeça ainda girando por causa dos acontecimentos da noite anterior, achei que um bom banho poderia me ajudar a pensar.

O que, na realidade, sempre acontecia comigo.

Quando tinha algum problema para resolver ou um assunto mais sério em que pensar, gostava de entrar sob o chuveiro, me esfregar vigorosamente e deixar que os pensamentos voassem longe, tomassem o rumo que bem quisessem e de repente, tudo parecia se aclarar...

Minhas idéias passavam a se concatenar, o raciocínio voltava a funcionar conveniente e devidamente, e os dramas e problemas pareciam encontrar por si só, suas soluções.

Enquanto ensaboava a cabeça, pensei:

— É engraçado... Lois não me parece ser uma mulher leviana... Muito pelo contrário, algo me diz que ela, no mínimo, não é promíscua e sabe muito bem o que quer e o que espera da vida. No entanto...

Sim...

No entanto, eu poderia dizer sem o receio ou a impressão de estar me gabando, que Lois tinha sumariamente me atacado, que eu tinha sido literalmente *laçado* por ela...

— Mas — pensei, enxaguando o cabelo — se eu caí em alguma espécie de armadilha, foi muito porque eu assim o quis!

Sorri comigo mesmo ao me lembrar da plástica maravilhosa de Lois, de sua maneira vulcânica de amar, de seu arrebatamento no instante de êxtase...

— E não me arrependo! — pensei — Não me arrependo um segundo sequer!

De súbito, quando já estava saindo do banho, lembrei-me do que Lois dissera, poucos momentos antes do amor: *A Loucura do Antes e a Responsabilidade do Depois...*

— Mas o que será que ela quis dizer com isso? — perguntei-me, em voz alta — Qual será a responsabilidade a que ela se referiu?

Com um frio no estômago, imaginei que ela poderia muito bem estar querendo se referir à possibilidade de uma gravidez ou, quem sabe, até mesmo a um casamento...

— Não... — pensei, já voltando a me vestir — *Lois não seria ingênua a ponto de achar que uma noite de amor possa justificar uma espécie qualquer de cobrança a posteriori...*

Uma vez vestido, deixei-me cair sobre o sofá e, distraidamente, meus olhos pousaram sobre o baralho de Tarô que tinha ficado esquecido sobre a mesinha de centro, exatamente ao lado do livro velho que eu tinha trazido do *sebo* para devolvê-lo à moça.

Estava estendendo a mão para apanhar as cartas — ou lâminas, como queria Lois — quando eu me lembrei, como em um *flash* muito claro, nítido e rápido, de um determinado momento da noite.

Já não mais tinha a menor idéia das horas, não imaginava a que altura andava a madrugada...

Lois e eu tínhamos acabado de provar para nós mesmos, que havia alguma coisa a mais, que havia algo além de uma simples e pura atração física de um pelo outro.

Sim, pois não seria possível um êxtase tão grande, um prazer tão intenso, apenas a nível animal ou, como dizia Lois, apenas a *nível corporal*.

Tinha de haver uma ligação mais transcendental, uma união de auras, de perispíritos, de corpos astrais.

Ainda ofegante por causa dos excessos de amor, Lois dissera:

— Eu precisava ser sua, Wilson... Há muitas vidas, nós caminhamos lado a lado mas nunca pudemos materializar o amor que sentíamos um pelo outro. E agora...

Beijou-me com ardor, encostou seu corpo no meu fazendo-me sentir mais uma vez a rigidez de seus seios, as protuberâncias de seus mamilos ainda túrgidos de desejo, e completou:

— Agora, finalmente pudemos realizar um sonho que existe há séculos! Pudemos completar este ciclo de nossas vidas!

Interrompi o gesto que estava fazendo, de apanhar o baralho de Tarô.

Se, no instante em que fora dita, eu não lhe dera muita atenção, agora aquela frase de Lois estava me deixando preocupado.

Teria ela querido dizer que, uma vez estando completo o ciclo, uma vez feita a experiência e materializado o amor, não haveria mais nenhum motivo para novos...

Sacudi a cabeça tentando afastar de mim esses pensamentos.

Não!

Isso não poderia jamais acontecer!

Lois não era uma leviana, isso já tinha sido constatado por mim — pelo menos, assim eu imaginava — e por isso mesmo ela não poderia me abandonar como se eu

fosse simplesmente um livro já lido, um sapato velho que nem sequer valesse a pena mandar reformar...!

No entanto...

Aquele conhecimento todo de psicologia junguiana que ela demonstrara, a familiaridade com o Tarô e com o ocultismo...

Isso não poderia significar que ela se deixaria influenciar por idéias menos ortodoxas e, de um momento para o outro, simplesmente me dizer que *os Arcanos do Tarô informaram que os nossos caminhos não se cruzam e nem andam em linhas paralelas?*

De repente — e para susto e surpresa meus — percebi que estava profundamente preocupado e angustiado com essa possibilidade.

Era, de fato, surpreendente...

Com a minha idade, com a minha vivência e experiência, não era mais de esperar que eu começasse a me comportar como um colegial com medo de perder a namorada!

E muito menos seria racional, que eu estivesse me sentindo tão ligado a uma mulher, sendo que fazia menos de vinte e quatro horas que eu a conhecera!

Ora, a vida já me calejara o suficiente e já me dera provas bastantes de que não é nada saudável se deixar empolgar por um belo par de pernas, por um palminho bonito de rosto, ou...

Bem...

Mas parecia-me naquele instante que, com Lois, a situação era muito diferente.

Tinha a impressão de tê-la conhecido profundamente desde há muito tempo e, na realidade, *sentia* que esse conhecimento chegava a transcender a dimensão Tempo.

Tentando desesperadamente entender o que estava se passando com minha pobre alma, peguei o baralho de Tarô, mais como um gesto reflexo, um gesto de quem não tem nada para fazer e está simplesmente procurando matar o tempo.

Ao segurar as cartas, uma delas caiu no chão e eu, apanhando-a, instintivamente a olhei.

Era a lâmina do Arcano Maior XI, *A Força*, um dos supostos Arcanos Regentes de Lois.

Sorri comigo mesmo, ao me perceber perguntando-me se aquilo poderia ter algum significado místico ou esotérico...

— *Ora!* — pensei, olhando para a lâmina — *Foi uma mera coincidência... Qualquer carta poderia ter caído no chão! Isso não deve e não pode significar coisa nenhuma!*

Contudo, não pude deixar de prestar atenção à figura que estava em minha mão.

Era uma lâmina muito simples, com o desenho de uma mulher abrindo, com as mãos, a boca de um animal que parecia ser um leão, embora este fosse um pouco pequeno proporcionalmente ao tamanho da figura humana que ali estava representada.

Quase inconscientemente, murmurei:

— O arquétipo deve ser o domínio do ser humano sobre o reino animal... Seria a representação da hegemonia do racional sobre o irracional?

Devolvendo o baralho ao seu lugar, depois de brincar um pouco de misturar suas cartas, perguntei-me, em voz alta:

— Ou será que esta lâmina está me mostrando que eu, até hoje um leão indomado, finalmente encontrei quem me pusesse as rédeas?

Rindo sem nenhuma convicção desta minha idéia, levantei-me e aproximei-me da janela.

Começava a me questionar sobre o que diabos estava fazendo ali, naquele apartamento, aguardando tão ansiosamente a chegada de uma mulher, quando ouvi a porta da entrada se abrir.

Imediatamente, todas as dúvidas se dissiparam e eu tive a certeza...

Meu coração bateu mais rápido, fora de compasso...

Meus lábios se esticaram em um sorriso e, toda a angústia e ansiedade que desde o momento em que despertara, vinha sentindo, desapareceram.

Era Lois chegando!

E, com ela, voltava para mim uma imensa alegria de viver, uma incomensurável felicidade por estar ali, naquele momento...

Com ela!

DEZ

— Não vou lhe dar muito o que comer agora — disse Lois enquanto descascava uma maçã para mim — porque senão, não terá apetite nenhum à hora do almoço e eu quero fazer um prato muito especial...

E, com aquele sorriso que seria capaz de derreter um iceberg, explicou:

— É um prato mágico... Capaz de dar a força de dominar um leão...!

Ora!

A força para dominar um leão!

Nada menos que a descrição arquetípica da lâmina que, poucos momentos atrás, estivera em minhas mãos!

Antes que eu pudesse manifestar a minha surpresa ou dizer o que quer que fosse, Lois falou:

— Como na lâmina que você viu, há pouco...

Arregalei os olhos e, mal controlando o espanto, balbuciei:

— M-mas... C-como é que você pode saber?!

Respirando fundo em uma tentativa de me acalmar, exclamei:

— Eu nem sequer estava pensando nisso, agora! Você, desta vez, não pode nem mesmo dizer que leu meus pensamentos!

Lois riu, beijou-me carinhosamente e falou:

— Como eu já lhe disse, querido... É preciso haver um pouco de magia. E a magia não é outra coisa senão a capacidade de utilizar as forças da Natureza para provocar alterações em fenômenos que são absolutamente normais e naturais!

Apoiando o indicador direito na minha frente, Lois completou:

— Você não estava pensando no Arcano Maior XI *conscientemente*. Mas o seu inconsciente estava... E com tanta intensidade, dando tão grande importância a esse pensamento, que me foi muito simples captá-lo...

Serviu-me uma xícara de café e, levantando-se da mesa, convidou:

— Venha... Ajude-me a preparar o almoço... Nós conversaremos enquanto trabalhamos.

Quase como um autômato, acompanhei-a até a cozinha e, vendo-a tirar de um dos pacotes de super-mercado que trouxera da rua, uma bandeja com filés de frango, perguntei:

— Mas você exercita a telepatia com todos? Com muita frequência?

Pareceu-me, ao terminar de formular a pergunta, que novamente havia uma nota importante de ciúmes em minha voz...

Lois sorriu, fitou-me com uma expressão divertida e respondeu:

— Não, meu querido... Não precisa ficar com ciúmes...

Dando-me um beijo rápido, ela falou:

— Isso só acontece com você... Não sou uma telepata, não tenho o dom da adivinhação. Mas entre você e eu há muita coisa já passada, já vivida nesta e em outras vidas...

Muito séria, juntou:

— Há pelo menos quatro mil voltas do mundo sobre ele mesmo!

Abriu a bandeja de filés de frango e disse, sem me dar tempo de pensar com mais atenção no que ela acabara de falar:

— Nossa sintonia é perfeita, Wilson... Há quem chame esse fenômeno de *sincronicidade*. Mas eu prefiro falar de *harmonização*.

Cortando os filés em cubinhos de mais ou menos dois centímetros de aresta, Lois esclareceu:

— Nossas energias são absolutamente compatíveis entre si. Se isso pudesse ser analisado e comentado por um físico, ele diria que nossas vibrações têm o mesmo comprimento de onda e a mesma frequência.

— Isso pode significar que nossas energias são passíveis de uma espécie de somação — arrisquei.

— Não há nada que o impeça de dizer isso, querido — concordou Lois — E você poderia acrescentar que, *juntos, nossa força é muito grande!*

Descascou duas cebolas de tamanho médio e, enquanto as picava em pedaços bem pequenos, com expressão muito séria, disse:

— Desde há muito tempo eu venho me preparando para este encontro.

Olhei para Lois interrogativamente e a moça, com um sorriso cheio de candura, explicou:

— Fiquei sabendo que eu o encontraria, Wilson... E me foi dito que eu deveria estar muito bem preparada para esse momento porque seria preciso...

Um pouco sem jeito, completou:

— Seria preciso facilitar um pouco as coisas.

Meneei a cabeça em sinal de dúvida, pensando que esse preparo todo a que Lois estava se referindo, deveria ter sido completamente desnecessário pois eu tinha a certeza de que teria me apaixonado por ela de qualquer maneira.

— Talvez — disse Lois, mais uma vez invadindo meus pensamentos — Mas também era possível que você me visse como uma louca, como uma visionária...

Ou mesmo com uma fanática por ocultismo e ciências esotéricas, coisa que jamais aceitaria, tendo em vista a sua formação científica e sua maneira cartesiana de pensar.

Sorri, acariciei seus cabelos e, com meu lenço, enxuguei-lhe os olhos molhados por causa da cebola, falando:

— Nas últimas horas, acho que andei sofrendo algumas mudanças na maneira de encarar certas coisas, querida... Não estou mais tão seguro assim de ser *cartesiano* em toda a minha linha de raciocínio!

Vendo-a esmagar dois dentes grandes de alho, pedi:

— Mas... Conte-me como foi isso. Conte-me de que maneira ficou sabendo deste nosso encontro e quem lhe disse que era preciso você estar muito bem preparada...

Lavando os dois tomates que ela me entregara, acrescentei:

— E que tipo de preparo era tão necessário...

ONZE

Lois cortou os dois tomates em dezesseis pedaços cada um e apanhou na geladeira um pote de requeijão cremoso.

Em seguida, pôs no fogo uma panela de barro dizendo:

— Esta panela foi feita por uma índia mexicana. É uma panela que, além de ser excelente para cozinhar, reúne algumas características mágicas decorrentes do material com que foi feita, da pessoa que a modelou e principalmente, do seu lugar de origem.

Pôs um pouco de banha de porco no fundo da panela e, enquanto a derretia, falou:

— O barro é um material mágico, Wilson... Segundo a Bíblia, foi do barro que Deus fez o primeiro homem e é para o barro que todos nós voltamos quando deixamos esta dimensão. É da terra, portanto do barro, que o homem tira a maior parte do seu sustento, é de barro que ele constrói seu lar...

Sorriu para mim e disse:

— Como pode ver, o simbolismo do barro, da terra, é muito importante. Logo, é de se imaginar que uma panela feita de barro cozido — o que implica na utilização dos quatro elementos da Natureza, a terra, a água, o fogo e o ar, necessário para que exista o fogo — reúna muito mais *energia alquímica interna* do que uma panela de ferro ou de alumínio.

Cortou em tiras bem delgadas e pequenas, cerca de cinqüenta gramas de toucinho defumado e, colocando-as na panela, falou, como se monologasse:

— Sempre gostei de cozinhar... Mas, eu nunca vi a arte culinária simplesmente como se fosse uma série de truques e de *fórmulas* para se preparar alimentos. Para mim, a cozinha precisa ter algo mais, precisa possibilitar uma maior aproximação do corpo material com o corpo astral. O corpo material *precisa* comer e o corpo astral *sabe* comer.

Mexendo a panela com uma colher de pau, virou-se para mim e juntou:

— A culinária, desde que executada com uma certa magia, faz com que o corpo material e o corpo astral se aproximem e se completem... Faz com que um simples frango ensopado adquira poderes afrodisíacos e um *boeuf à Bourguignon* ajude no fechamento de um grande negócio.

Pôs a cebola na panela e disse:

— Aprendi um pouco desse tipo de culinária com minha mãe. Quando fui para New Orleans e estive morando com minha avó e aí sim, aprendi muitas coisas interessantes!

Apanhou na geladeira uma garrafa de vinho branco e seco, despejou na panela uma quantidade equivalente a duas colheres de sopa desse vinho, e murmurou:

— Foi com minha avó que descobri os primeiros dados a seu respeito...

Franzi as sobancelhas e Lois prosseguiu, com um sorriso:

— Não, meu querido. Minha avó não o conhecia e tampouco você a viu. Mas ela, apesar disso, sabia muito bem de sua existência e sabia que eu o encontraria. Mesmo que o mundo desse quatro mil voltas, eu haveria de encontrá-lo!

Viu que o vinho que colocara na panela já secara e que a cebola já estava começando a dourar. Juntou o alho, pôs um pouco de sal e, voltando a mexer na panela com a colher de pau, falou:

— Minha avó aprendeu com a avó dela, a interpretar as lâminas do Tarô. Quando eu tinha dezoito anos de idade, mais precisamente, no dia de meu aniversário, ela fez para mim um jogo oracular...

Despejou na panela um pouco de salsa seca, uma pitada de pimenta vermelha também seca, orégano e hortelã. Mexeu bem e pôs os pedaços de frango, arrumando-os de maneira a ficarem acamados no fundo depois de bem misturados com o tempero. Acrescentou um copo de vinho branco, tampou a panela e abaixou o fogo, dizendo:

— Pronto... Agora é só esperar que o frango cozinhe. Depois, mais um pouco de *alquimia* e... Será só comer!

Lois levou-me para a sala e, depois de me servir uma dose de uísque, falou:

— Venha... Vou lhe mostrar o jogo que minha avó fez para mim.

Sentou-se no chão, diante da mesinha de centro e arrumou as lâminas do baralho de Tarô, explicando:

— Este sistema oracular é uma variante do sistema chamado *Cruz Celta*. São onze lâminas ao todo, que são tiradas do baralho depois que a pessoa consulente o cortou três vezes, com a mão esquerda. Nesta variante, utiliza-se apenas os Arcanos Maiores e não se procede à *leitura astrológica* necessária quando se faz o jogo oracular com o baralho completo.

Lois escolheu as lâminas sem que eu visse quais elas eram e colocou-as, viradas para baixo, dispondo-as em dois grupos: o primeiro, à sua esquerda, tinha duas lâminas cruzadas no centro e quatro outras formando os extremos de uma cruz. O outro grupo formava uma coluna vertical de quatro cartas.

Deixando de lado as cartas que sobraram, Lois disse:

— Como você pode perceber, eu disse que o sistema usaria onze lâminas e, no entanto, você me viu tirar apenas dez.

Concordei com um sinal afirmativo de cabeça e Lois explicou:

— A décima-primeira lâmina é aquela que representa a pessoa consulente e não entra no jogo...

Apanhou o resto do baralho, escolheu uma lâmina, colocou-a virada para baixo mais à sua direita e falou:

— Esta é a minha lâmina, o meu Arcano Maior naquele instante e representa a minha situação pessoal, tanto cósmica quanto telúrica, no momento em que o jogo oracular está sendo feito.

— Isso quer dizer que esse Arcano pode variar — comentei.

— Exatamente — concordou Lois — Não é como um signo zodiacal, que é sempre o mesmo para um determinado indivíduo. Nessa variante da Cruz Celta, o Arcano Maior Pessoal, apenas significa as tendências do consulente naquele momento, não tem muita importância.

Apontou para as duas lâminas cruzadas no centro da cruz, e disse:

— A lâmina número um está por baixo da número dois. Mostra o momento presente, aquilo que está acontecendo com o consulente naquele instante. A lâmina número dois, mostra a reação do consulente frente à situação revelada pela lâmina número um e as tendências para a solução do conflito, se houver.

Mostrou a lâmina que formava o braço direito da cruz e falou:

— Esta é a lâmina de número quatro. É a lâmina do passado e mostra situações anteriores que causaram ou que ainda estão influenciando o presente, ou seja, as lâminas um e dois.

Olhou para mim e perguntou:

— Está me acompanhando?

— Sim — respondi — E confesso que estou ficando a cada momento, mais e mais interessado!

Lois sorriu e, mostrando a lâmina que formava o pé da cruz, continuou:

— A lâmina número cinco é considerada a *lâmina do método*. Sugere a maneira de agir para que o consulente seja mais autêntico, menos influenciável pelo meio que o cerca.

Mostrou o braço esquerdo da cruz e disse:

— A lâmina de número seis, é a lâmina do futuro.

Fitou-me com um sorriso e falou:

— Ao contrário do que muitos tarólogos costumam dizer, essa lâmina não *dita* um futuro, não *determina* o que vai acontecer. Ela simplesmente indica a provável trajetória de vida do consulente, trajetória esta que pode ser alterada para melhor ou para pior, de acordo com as suas atitudes e reações frente à vida.

Lois mostrou a coluna de quatro lâminas que estava à sua direita e apontou para a primeira delas, de baixo para cima.

— A lâmina número sete — disse ela — pode ser chamada de *lâmina da auto-crítica*, pois diz respeito à maneira como o consulente se vê, principalmente frente ao conflito mostrado pela carta número um.

Pousando o dedo nas três lâminas restantes, uma após a outra, Lois falou:

— As lâminas seguintes, estão em seqüência lógica. A número oito, fala sobre o círculo de relacionamentos do consulente e em especial, sobre uma relação importante para o conflito em questão. A número nove, diz respeito aos sentimentos mais profundos do consulente, como o medo e a esperança, em relação ao conflito em análise. A lâmina número dez, é o *resultado final*, e diz como o consulente poderá solucionar o conflito, bem como diz o que ele pode esperar como recompensa... ou castigo.

— Você não me falou nada sobre a lâmina que forma a cabeça da cruz — protestei.

Lois sorriu e explicou:

— Deixei-a, propositadamente, por último, querido. Esta lâmina é denominada por muitos tarólogos, como *Lâmina da Coroa*, e diz respeito ao mais elevado, ou seja, a meta mais alta e mais sublime que pode ser alcançada pelo consulente, através de todo o oráculo. Ela se refere, quase sempre, ao aspecto mais positivo e mais transcendental que o consulente poderia resgatar da leitura do jogo oracular.

Serviu-me mais uma dose de uísque e depois de ir à cozinha mexer mais um pouco em sua panela de barro, Lois prosseguiu:

— Minha avó, como eu estava dizendo, *deitou cartas* para mim, de acordo com esta variante da Cruz Celta. As lâminas que saíram foram estas que estão aqui e eu vou tentar repetir a interpretação que ela me deu...

Ergueu a lâmina número um e sorriu.

— Veja que não é possível dizer que tudo não passa de coincidência...

Olhei para o Arcano Maior XI, *A Força*, e murmurei:

— A mesma lâmina que caiu no chão, agora há pouco...

— Pois é... — fez Lois — E é uma boa lâmina. Ela mostra uma mulher jovem e serena, abrindo a boca de um leão. A mulher está usando um vestido azul — símbolo da suavidade e ternura — e uma capa vermelha — símbolo das energias carnis e primitivas. Sobre sua cabeça, há um chapéu com a forma da *Leminiscata*, ou símbolo do infinito, o oito deitado. O leão amarelo simboliza as forças primitivas do ser humano. O arquétipo é evidente: o domínio da força bruta pela espiritualidade.

— Aplicando isso que você está dizendo a uma interpretação de sua personalidade, naquele momento — ponderei — poderíamos dizer que você estava dominando de maneira bonita e vitoriosa, o seu lado animal pela força do espírito...

— Também — admitiu Lois — Mas, por outro lado, poderia ser diferente e o que minha avó disse foi que eu tinha, já naquela ocasião, consciência de que é necessário suavidade e espírito para controlar a bestialidade primitiva do ser humano.

Lois sorriu e, olhando para mim com uma expressão maliciosa, disse:

— Alguns tarólogos, principalmente os seguidores de Crowley, consideram esta lâmina pelo seu lado oposto. Seria, ao contrário do domínio da força bruta pela espiritualidade, a repressão dos instintos para a salvação da alma. Crowley, ainda mais radical, nega a denominação *A Força*, e prefere o termo *Lust*, que poderia ser mais apropriadamente traduzido como *Luxúria* e outros, como Veet

Pramád, acham mais adequado o termo *Tesão*, no sentido de vontade predominante, imperiosa.

— Bem... — murmurei — No seu caso, acho que esse tal de Pramád, está bem certo...

Lois riu e disse:

— O que interessa, deixando de lado a sua poluição mental, é que, segundo minha avó, eu já estava, desde aquela época, voltada para a busca do desenvolvimento espiritual, dominando sempre os instintos mais primitivos. Em resumo, de uma certa forma, eu deveria ter uma vida mais monástica, talvez até mesmo mais ascética.

— E foi o que aconteceu? — perguntei.

— Em parte, sim — respondeu Lois — Eu sempre me preocupei muito com o verdadeiro *saber*, com o *conhecimento*. E você deve imaginar que essa busca implica em sacrifícios por vezes muito grandes...

— Sacrifícios? — indaguei, com expressão surpresa.

— Sim, Wilson — falou Lois — Sacrifícios... Como por exemplo, deixar de me relacionar com pessoas de minha idade, moças ou rapazes, dos dezessete anos até muito pouco tempo atrás.

Antes que eu perguntasse, Lois disse:

— Durante todos esses anos, eu me dediquei aos estudos e à prática de muitos sistemas oraculares.

— Ah! — exclamei — Então é por isso que você conhece tanto sobre o Tarô e sobre ocultismo!

— Não, meu querido — contestou ela — Eu nada sei. Ninguém pode dizer que, efetivamente saiba alguma coisa sobre ocultismo, em profundidade. Somos, apenas *iniciados*. Começamos a trilhar o Caminho do Conhecimento. E há muito chão pela frente! Tanto mais, quanto mais avançamos!

Voltando a olhar para a Cruz Celta, levantou a lâmina número dois e falou:

— Quando minha avó *deitou cartas* para mim, a lâmina número dois foi esta...

Mostrou para mim a lâmina do Arcano Maior XIX, *O Sol*.

— Este Arcano também é benfazejo — disse Lois — Pode ser interpretado como sendo o resplendor do dia trazendo alegrias e anunciando a liberdade. A lâmina traz duas crianças nuas, brincando tranquilas, já ultrapassado um muro que ficou para trás. Esse muro pode sugerir uma limitação para o próprio *eu natural* pois o excesso de luz solar pode ser pernicioso tanto quanto o pode ser, o excesso de liberdade. A existência de duas crianças que aparentemente têm o mesmo comportamento, pode indicar equilíbrio.

Respirou fundo e, depois de alguns segundos de reflexão, Lois continuou:

— É interessante notar que numerologicamente, o Arcano XIX está relacionado com a unidade. Dezenove menos nove é dez que, por sua vez, é a unidade mais zero, ou seja, a própria unidade. Da mesma maneira, somando-se os dois algarismos de dezenove, um mais nove, vamos obter como resultado, dez. Que é um mais zero, ou seja, novamente a unidade. Por isso, o Arcano Maior *O Sol*, está intimamente relacionado com a *individualidade*.

— Ou seja — murmurei — com o egoísmo...

— Nada disso! — protestou Lois — Não há nada de egoísmo neste caso! E principalmente porque a lâmina surgiu, no sistema oracular, em sua posição correta. Se estivesse invertida, aí sim, você poderia dizer que o individualismo seria excessivo e, conseqüentemente, acabaria arrastando para o egoísmo.

Pensei em pedir desculpas pelo comentário desastrado, mas Lois não me deu tempo, prosseguindo:

— Segundo o que disse minha avó, a presença deste Arcano como a segunda lâmina do sistema oracular, indicava que eu estava pronta para aceitar a iniciação. Eu estava ciente do que teria de fazer, das dificuldades que teria de enfrentar e das privações por que teria de passar. O objetivo era maior, justificava tudo. E eu queria.

Balancei a cabeça mostrando que estava entendendo o que Lois dizia e ela, apanhando a lâmina número três, falou:

— Esta deve ser vista com mais atenção e, normalmente, em função do que as outras lâminas dizem. Por isso, ela ficará para depois, juntamente com as lâminas cinco e sete.

Manteve a terceira lâmina voltada para baixo, para que eu não a visse e ergueu a quarta, dizendo:

— Minha quarta lâmina, a que se refere ao meu passado, era o Arcano Maior XIII, *A Morte*.

Fiz uma expressão de horror e murmurei:

— Tétrico... Não gosto desse Arcano...

Lois sorriu, pousou sua mão em meu antebraço e disse:

— A imensa maioria das pessoas pensa assim. A simples visão do Arcano Maior XIII, *A Morte*, já é suficiente para arrepiá-las e assustá-las.

— Mas isso é natural! — defendi-me — Até mesmo eu, que estou acostumado a lidar com cadáveres, não gosto da idéia da morte... Creio que todos vêem nessa lâmina, o pior de todos os arquétipos: a inexistência do amanhã, o fim de tudo...!

— Isso, se você encarar a morte como o final — argumentou Lois — Mas a morte precisa ser vista como o fato diametralmente oposto! A morte, na realidade, não passa de uma transição para um renascimento! É apenas o fim de uma etapa e o início de outra!

Tomou fôlego e falou:

— Este pode ser considerado o Arcano de maior importância no desenvolvimento espiritual do homem. Observe que a lâmina mostra um esqueleto com um alfanje. No chão, há vários pedaços de corpos humanos, inclusive duas cabeças, sendo uma delas, coroada. Isso pode significar que a Morte alcança a todos, tanto reis

quanto plebeus, o que mostra a igualdade transcendental e extra-circunstancial de todos os seres humanos nesta dimensão terrena. Mas, paralelamente, há vegetação... Brotos vegetais que nascem do chão, significando renascimento, ressurgimento. E azuis! O que mostra que a sensibilidade sempre há de reaparecer, que o espírito precisa ser considerado como imortal. Para muitos tarólogos e ocultistas, a vida não é mais do que uma sucessão de mortes. Assim, a morte da infância é o nascimento da adolescência e a morte da juventude é o nascimento da maturidade. Por isso, o Arcano XIII, significa primordialmente, o advento de *uma transformação inevitável*. Mas, é bem verdade que este Arcano também significa a solidão da morte física.

Baixando um pouco a voz, Lois falou:

— No meu caso, naquela época, relacionava-se justamente com isso... Com uma morte física.

Quis perguntar-lhe mais sobre o assunto mas desisti ao perceber que ela controlava a emoção.

Beijando-a, pedi:

— Continue, querida... Parece-me estar vendo uma radiografia de sua alma...!

Ela olhou intensamente para mim e, atendendo ao meu pedido, disse:

— Este Arcano, *A Morte*, como minha quarta lâmina, estava dizendo que uma morte que ocorreria extremamente próxima a mim, agiria em meu *eu interior*, como um estímulo para a renovação de minha vida, de meus ideais, de meus objetivos. A morte, por si só dá a idéia de *passado* e, no caso, esse *passado* estaria influenciando muito seriamente o meu futuro.

Passou pela quinta lâmina, repetindo que ela seria vista depois e, segurando na mão a sexta lâmina, falou:

— Esta foi a minha sexta lâmina, a *lâmina do futuro*. E, como pode ver, é o Arcano Maior VII, *A Carruagem*.

Olhei para a lâmina.

A figura mostrava um rei ou um príncipe, com uma coroa de ouro, sentado em um carro tracionado por dois cavalos sem rédeas que mostravam estar em movimento.

— Observe — disse Lois — que cada cavalo parece puxar o carro para um lado, dando a entender a ambigüidade da opção de caminho: o Bem ou o Mal. Contudo, ambos olham para o mesmo lado. Coincidentemente, é o mesmo lado para onde olha o auriga. Isso significa que o carro está indo para onde ele quer. Por isso, o Arcano VII no jogo oracular, tem o significado de vitória.

— Portanto — falei — você já sabia que acabaria ganhando a batalha.

— Não é bem assim — replicou Lois — Eu ganharia a batalha desde que aceitasse as regras do jogo e dirigisse o meu *carro* no sentido correto. Como já lhe disse, o Tarô oracular, não mostra os desígnios do Destino, mas tão-somente nos indica as opções e nos mostra os caminhos que temos para escolher.

Mostrou as outras lâminas e explicou:

— A minha oitava lâmina era o Arcano Maior IX, *O Eremita*. A nona, era o Arcano Maior XIV, *A Temperança* e a décima, era *O Mundo*.

Olhei para Lois com expressão insatisfeita, cobrando-lhe uma explicação mais detalhada e ela, com um sorriso, levantou-se, dizendo:

— O nosso frango já deve estar pronto, querido. Explicarei o restante enquanto almoçamos.

DOZE

Lois serviu-me um pouco de frango, encheu meu copo de vinho e disse:

— Como já lhe falei, a oitava lâmina da Cruz Celta, diz respeito às relações sociais, ao círculo de relacionamentos que poderão interferir, de uma maneira ou de outra com o conflito em questão.

Com a boca cheia, fiz um sinal afirmativo com a cabeça e Lois prosseguiu:

— Minha lâmina era o Arcano Maior IX, *O Eremita*.

— O que significa que você estaria fadada a ter um círculo de relações muito restrito — interrompi.

Lois riu.

— Não, meu amor — falou ela — O fato da lâmina ser a do *Eremita*, não implica na inexistência de círculo de amizades. Isso significa, apenas, que eu saberia como utilizar a minha própria luz, ou seja, saberia fazer bom uso dos conhecimentos que viria a adquirir, sem a necessidade de depender fosse de quem fosse.

— Você seria, de qualquer maneira — argumentei — uma pessoa solitária.

Com um sorriso que tentava ser maroto, acrescentei:

— E não é muito bom, para quem deseja estudar e se aprofundar em algum tema, estar sozinho, não ter com quem trocar idéias...

— Concordo — admitiu Lois, muito séria — Mas este Arcano Maior não obriga a nenhum isolamento, Wilson. Ao contrário, a *luz própria* acaba levando à abertura de idéias, faz com que a pessoa saiba perceber a *luz alheia* e, o que é melhor, faz com que se torne consciente da necessidade de transmitir seus conhecimentos. O arquétipo deste Arcano sendo um sábio, a idéia seguinte é a de *ensinamento*. De nada adianta um sábio que não ensine, que não transmita aos outros o que aprendeu.

Sorriu, olhou para mim com um ar de vitoriosa e completou:

— Aí sim, *o que ele aprendeu em sua solidão*.

— Isso pode significar que uma de suas missões seria ensinar aos outros a ciência do Tarô? — perguntei.

— Não obrigatoriamente a do Tarô, Wilson — respondeu, de pronto, Lois — Mas sim transmitir alguma coisa sobre o ocultismo e em especial, ajudar pessoas a se conhecerem melhor através do esoterismo. Mesmo que fosse apenas *uma pessoa*.

Fitei Lois com olhar crítico e indaguei, em tom de desafio:

— Não acha que você é jovem demais para ensinar... essas coisas... para os outros?

Lois deu de ombros e respondeu:

— Cristo, quando falou aos sábios e sacerdotes do Templo, tinha apenas doze anos de idade... Não estou me comparando com Ele, é claro... Mas estou querendo dizer que a idade cronológica, o *cronos* desta dimensão, tem muito pouco valor quando se trata de algo astral, de alguma coisa que transcende os limites dimensionais desta vida.

Serviu-me um pouco mais de vinho e continuou:

— A nona lâmina, a que fala sobre os meus sentimentos mais íntimos e mais profundos, era a do Arcano Maior XIV, *A Temperança*.

Tomou um gole de seu cálice e falou:

— Esta lâmina representa um anjo com jeito de mulher, com cabelos azuis, despejando a água de uma ânfora azul para uma outra, vermelha. Há uma série de dados que levam ao arquétipo da harmonização dos opostos. Assim, o anjo tem um pé imerso na água enquanto o outro está em terra firme, há o azul e o vermelho, a própria figura está bem distribuída na lâmina. Há uma profunda sugestão de equilíbrio, uma interação completa e absoluta da dualidade. Alguns tarólogos fazem questão de dizer que a lâmina da *Temperança*, indica o equilíbrio entre os sexos e a fusão do inconsciente com o consciente.

— E como está relacionado este Arcano com os seus sentimentos mais íntimos?
— quis saber.

— A nona lâmina da Cruz Celta, como já disse, está relacionada com os sentimentos mais íntimos mas, também, com as necessidades mais importantes para a solução do conflito em questão. No meu caso, minha avó interpretou a presença deste Arcano Maior, como uma necessidade muito grande, de minha parte, de uma união feliz com alguém para que, a partir da soma de minhas energias com as dessa pessoa, eu e essa pessoa, pudéssemos atingir todos os nossos objetivos e, assim completarmos nossa missão astral.

Lois olhou para mim com intensidade e murmurou:

— Nessa ocasião, eu já sabia disso... Só não tinha certeza de conseguir...

Deixei que ela me servisse mais frango e comentei:

— Isso está parecendo um pouco incoerente. Se na lâmina anterior, você estaria sozinha, você teria sua luz própria e não dependeria de ninguém, como é que poderia ter uma necessidade tão grande de partilhar a vida com uma pessoa qualquer?

Lois sorriu e respondeu:

— Não se trata de uma *pessoa qualquer*, mas sim de *alguém muito especial*. Depois, é preciso lembrar que há sempre um complemento para qualquer coisa. Um farol jamais deixará de ser uma lanterna apenas mais forte, se não possuir um refletor. Uma bela refeição jamais será perfeitamente apreciada, se não estiver acompanhada de um bom e bem adequado vinho. O maior e mais intenso amor do mundo jamais será completamente vivido se não houver a complementação carnal, a materialização desse mesmo amor.

Segurou minhas mãos sobre a mesa e disse:

— Eu jamais seria eu mesma, se não o tivesse perto de mim...

E o engraçado era que eu também já chegara à mesma conclusão: eu jamais poderia ter morrido sem conhecer Lois...

Sem ter amado Lois.

Ficamos alguns segundos em silêncio, olhando-nos embevecidamente e, depois de um suspiro, Lois prosseguiu:

— A minha décima lâmina, aquela que é considerada na Cruz Celta como o *resultado final*, era o Arcano Maior XXI, *O Mundo*...

— Mas você não falou da sétima lâmina! — protestei.

Lois fez um gesto com a mão, pedindo que eu tivesse calma, e continuou:

— A lâmina mostra uma dançarina nua, muito bonita, deixando entender a integração com o momento, a natureza e a divindade. A grinalda que se vê em torno da bailarina, sugere o equilíbrio e a interação harmoniosa de todas as formas energéticas da natureza, e delimita o espaço próprio do *eu interior*, um espaço onde pode haver movimento à vontade, sem qualquer interferência exterior.

Lois encheu mais uma vez o meu cálice e disse:

— A interpretação dada ao surgimento dessa lâmina como *resultado final* para mim, foi que eu colheria perfeitamente os frutos de meu trabalho, alcançaria êxito em minha missão e, portanto, todo o conflito seria solucionado.

Tomei um gole de vinho e murmurei:

— Ou seja, tudo acabaria dando certo...

— Sim — falou Lois, séria — Mas seria preciso ver, analisar e interpretar as outras lâminas... Aquelas que ainda não viramos: a terceira, a quinta e a sétima. Vamos começar pela sétima, que para mim, foi a do Arcano Maior II, *A Sacerdotisa*.

Sorriu para mim e disse:

— Você já sabe uma porção de coisas a respeito deste Arcano... Por isso, vou apenas lembrá-lo que um dos arquétipos mais importantes relacionados a este Arcano, é o equilíbrio. Na Cruz Celta, o aparecimento da *Sacerdotisa* como sendo a sétima lâmina, ou seja, a *lâmina da auto-imagem*, sugere antes de mais nada uma auto-crítica bastante... favorável, até mesmo muito benevolente. E é verdade. Naquela época, com apenas dezoito anos de idade, eu ainda me via muito espiritualizada e com pensamentos muito mais elevados do que a média das moças e rapazes que me cercavam. Ao mesmo tempo, eu estava totalmente desligada do mundo material, era excessivamente idealista e achava que não precisaria, por exemplo, de dinheiro para sobreviver. A velha teoria de que os passarinhos não trabalham e, no entanto, a Divina Providência cuida para que eles comam... Foi preciso que minha avó chamasse minha atenção para a minha quinta lâmina, para que eu me convencesse de que estava errada e que, sem trabalho, sem pelo menos um mínimo do mundo material, seria absolutamente impossível atingir meus objetivos e ideais.

Fez uma pausa e, fitando-me com um ar divertido, falou:

— Minha quinta lâmina, era o Arcano Maior XV, *O Diabo*.

++++++

Confesso que senti um arrepio percorrendo minha coluna vertebral.

O medo atávico, o preconceito, tudo quanto me tinha sido ensinado na infância a respeito do Demônio, do Anjo Mau, pareceu-me vir à tona e de uma maneira bastante assustadora...

Percebendo o que se passava em meu interior, Lois riu e continuou:

— Sou capaz de entender o que se passa com você, querido... Mas, está redondamente enganado! É preciso lembrar que a imagem que você tem do Diabo, traz em seu bojo o arquétipo da maldade. Mas, não é assim. E basta ver que, no correr do tempo essa imagem vem mudando no subconsciente coletivo. No decorrer dos séculos — talvez de milênios — a imagem que se faz do Diabo está cada vez mais próxima à da figura humana. Antes via-se, como representação do Demônio, monstros horrendos, dragões cuspidores de fogo, serpentes enormes com chifres na cabeça... Hoje, não é mais assim e o Príncipe das Trevas aparece como um ser humano, no máximo dotado de asas de morcego, chifres de bode e pés de cabra. Isto acontece porque hoje, estamos mais tendentes a ver o Diabo como um aspecto umbroso e sinistro de nós mesmos.

Com um piscar do olho esquerdo, juntou:

— Ou seja, o Diabo acaba não sendo tão feio assim, uma vez que sempre conseguimos encontrar uma boa desculpa para nossos maus atos...

Apanhou um cacho de uvas, deu-me na boca um bago e prosseguiu:

— O Arcano Maior XV, *O Diabo*, só poderia estar relacionado arquetipicamente, com os prazeres mundanos. Assim, não é à toa que, numerologicamente, quinze é igual a um mais cinco, que é igual a seis, que é o número do Arcano Maior *O Amor*. Ou seja, *sexo*. O mesmo resultado se obtém se subtrairmos nove de quinze.

— E o que poderia significar a presença do *Diabo* como a sua quinta lâmina na Cruz Celta? — perguntei.

Lois riu e, com um trejeito coquete, respondeu:

— Poderia significar que eu deveria me deixar guiar pelos instintos, fazer uso deles à minha vontade para poder alcançar minhas metas. Isso significaria que eu estaria até mesmo sendo coerente, se me entregasse a alguém visando tirar proveitos, fossem eles materiais ou não.

Antes que eu lhe dissesse que poderia chamar uma tal atitude simplesmente de prostituição, Lois acrescentou:

— Mas não é essa a interpretação a ser dada. A quinta lâmina da Cruz Celta, é a lâmina do *método*, a lâmina que indica o caminho para a vitória. E, no meu caso, ela queria dizer somente que eu alcançaria o êxito de minha missão, graças à minha própria sexualidade e sensualidade. Obviamente, eu não estaria obrigada a aceitar assédios e muito menos a me prostituir. O caminho estava diante de mim. As armas, já me tinham sido dadas. Restava apenas saber como, quando e de que maneira utilizá-las para que eu não me ferisse.

Fitou-me, com malícia e perguntou:

— No fundo, não foi exatamente isso o que aconteceu?

Era inegável.

Eu me aproximara de Lois principalmente por causa de sua beleza física, em um impulso inicial...

Mas...

Desde quando eu poderia estar incluído na missão ou nos objetivos daquela moça?

E por que eu?!

Sem desgrudar os olhos de mim e segurando com força minhas mãos, Lois disse:

— A resposta para esta pergunta que você acabou de se fazer, está, em parte, na minha terceira lâmina...

Olhei interrogativamente para ela, indagando:

— O que significa, mesmo a terceira lâmina da Cruz Celta?

— É a *lâmina da coroa* — respondeu Lois — A que indica o que de mais sublime se pode alcançar dentro do conflito em discussão.

Levantou-se, deu a volta à mesa e veio sentar-se em meu colo, dizendo:

— Minha terceira lâmina era a do Arcano Maior X, *A Roda da Fortuna*. Mais uma vez, o arquétipo é o sentido dos opostos, da dualidade humana. Na lâmina aparecem dois seres vestidos com roupas humanas, parecendo estarem aprisionados a uma roda. Há estudiosos que afirmam serem esses estranhos seres, a representação de Anúbis e de Tífon. Anúbis, deus egípcio com feições de cachorro, representaria o bem e Tífon, o Mal. Na lâmina, Anúbis está subindo e Tífon está descendo, o que poderia significar que o Bem domina o Mal. Porém, se considerarmos o óbvio, ou seja, o próprio movimento da Roda, em pouco tempo, Tífon estará subindo e Anúbis estará descendo, o que nos leva a pensar que o Mal domina o Bem. É a representação figurativa de mudanças permanentes e cíclicas, o movimento perpétuo do Universo e da própria vida, dependendo do Karma de cada um.

Lois tomou fôlego e falou:

— A minha terceira lâmina, a *lâmina da coroa*, era esta. E minha avó interpretou a sua presença na Cruz Celta, como sendo a indicação de que eu conseguiria atingir o equilíbrio perfeito a partir do momento em que pudesse contar com a ajuda de alguém que contrabalançasse a minha *Roda da Fortuna*. Como em uma balança romana, pesos iguais equilibram os pratos.

Olhei para Lois ainda sem conseguir entender muito bem o que ela tinha querido dizer, e perguntei:

— E eu sou esse peso neutralizador? Como pode ter tanta certeza assim?

Lois me beijou e, acariciando meu rosto, murmurou:

— Recebi algumas outras indicações, Wilson... Durante as últimas quatro mil voltas que o mundo deu, tive muito tempo para pensar, analisar as indicações recebidas e... Concluir. Mas, a certeza, como já lhe falei, só tive quando o reencontrei lá no *sebo*...

Olhei desconfiado para Lois.

— O que quer dizer com isso? — perguntei — O que está chamando de *outras indicações*? E o que é que aconteceu, afinal, naquele *sebo*, que lhe deu a certeza de que seria eu a pessoa que você precisava reencontrar?

Lois ficou de pé à minha frente, enlaçou meu pescoço com seus braços e, depois de me beijar apaixonadamente, disse:

— Sei que é muito difícil para você, acreditar em mim... Por outro lado, sei que em seu íntimo, você ainda acha que eu não passo de uma garota leviana que está inventando uma porção de histórias inacreditáveis e fantásticas com o único intuito de prender a sua atenção.

Fixando-me com o olhar, ela pediu, com expressão séria:

— Mas acredite em mim! Faça um esforço e daqui a muito pouco tempo, você compreenderá que eu jamais teria qualquer motivo para mentir.

Não posso dizer que tenha ficado satisfeito com essa resposta mas, na realidade, nem tive tempo para reclamar.

Lois, apertando-se muito a mim, falou:

— A minha décima-primeira lâmina, aquela que representa a mim, no momento da *leitura*, era o Arcano XII, *O Pendurado*.

Olhou, marota, para mim e acrescentou:

— Não vou falar sobre esse Arcano... Você ainda escutará muito sobre ele... Mais uma vez, Wilson... Acredite em mim!

Bem...

Naquela altura dos acontecimentos, o que eu mais queria era poder acreditar em tudo o que Lois estivera me contando e, ainda mais, queria entender o que tudo aquilo poderia efetivamente significar.

Eu me conhecia...

Sabia, de cima de todos os meus anos de *janela*, que minha reação quanto a Lois não tinha seguido os padrões costumeiros e tinha sido muito diferente da que eu mesmo esperava.

É bem verdade que a *abordagem* tinha sido muito pouco ortodoxa e que, partindo do princípio de que o homem-macho é um animal mais predador do que caçador, minha atitude poderia ter sido considerada como *dentro dos padrões da normalidade* até o momento em que eu chegara à residência da moça.

Afinal, Lois era muito bonita, atraente, sensual...

E eu era solteiro, livre, desimpedido e até um certo ponto, desinibido.

Mas...

A partir do instante em que ela me recebera à sua porta...

Tudo ficara muito diferente e eu mesmo custava a me reconhecer.

Não era a primeira vez que eu me deparava com uma possível companheira para uma noitada, dada a falar sobre misticismos, esoterismos e coisas que tais...

E todas as vezes, eu me enfatiara muito rapidamente, a noitada não levava a nada e eu voltara para minha casa furioso com o tempo perdido.

Com Lois, tinha sido de uma outra maneira...

Dei-me conta, de repente, que nós praticamente não tínhamos falado sobre outro assunto que não fosse Tarô e — por incrível que para mim pudesse parecer — eu não me aborrecera, muitíssimo pelo contrário.

Parecia-me querer saber mais, ansiava por entender um pouco mais sobre o assunto para melhor poder conversar com Lois e melhor poder partilhar suas idéias e seus pensamentos. Ao mesmo tempo, desesperava-me perceber que alcançá-la em nível de conhecimentos sobre esse tema, demoraria muito — se é que algum dia eu chegaria lá...

Lembrei-me, em um relance, de quando ela dissertara sobre a lâmina do Arcano Maior V, *O Hierofante*.

Como já acontecera antes, a lâmina do *Hierofante* caíra do baralho por acaso, enquanto Lois mexia com ele.

Aproveitando a oportunidade, ela explicara:

— Esta é uma lâmina das mais interessantes do Tarô de Marselha. Representa o *Sumo Sacerdote*, ou *Hierofante*.

Mostrando-me a lâmina, continuara:

— Segundo os historiadores e cronistas interessados nos assuntos herméticos, na era medieval, o *Hierofante* era freqüentemente chamado de *Papa*. Mais tarde, já na Renascença, os estudiosos decidiram denominá-la de *Hierofante*, porque essa denominação tem um significado mais amplo e não ficaria *atrelado* a uma cultura ou religião específicas. Já os cabalistas e alguns esotéricos preferem chamar este Arcano de *O Mago do Eterno* ou de *O Mago Triunfante*. É o Arcano Maior V, corresponde à Sephirah Gueburah e seu planeta é Marte. É interessante ver que o número cinco pode ser relacionado, esotericamente, com o Tempo. Isso pode ser explicado da seguinte maneira: existindo o Um, para que ele possa ser posicionado no Espaço, necessitamos do Dois, como elemento referencial. Com o Um e o Dois, já se pode ter uma noção de sentido, de direção. Com o surgimento do Três, podemos definir o plano. Com o Quatro, definimos o volume material e com o Cinco, podemos ter uma idéia de movimento que por sua vez, só pode existir se houver a consideração do Tempo. Além disso, o número cinco, se aplicado ao desenho do ser humano de Leonardo da Vinci, forma o Pentagrama, o símbolo do Homem Microcósmico, com seus cinco sentidos e cinco extremidades. E é preciso lembrar que o número cinco corresponde ao quinto misterioso e esotérico elemento que só está presente no homem: o *espírito*. Teríamos os quatro elementos primários, Terra, Ar, Água, Fogo e *Espírito*. A lâmina representa um homem maduro que, com a mão direita, faz um sinal que parece ser uma bênção e com a esquerda, segura uma espécie de cajado cuja extremidade se assemelha a uma chave. Esotericamente, possuir uma chave significa ser *iniciado*. Simultaneamente, o significado de uma chave pode ser o de *abrir* ou *fechar*. No caso, seria abrir ou fechar as portas do Conhecimento. A lâmina do *Hierofante*, representando a relação mais íntima com a Divindade, seria uma ponte de ligação do Homem com Deus. A presença do Arcano Maior V em um jogo oracular, pode significar tanto a tendência à espiritualidade e à intelectualidade, quanto a responsabilidade de comando, ensinamento e condução

político-religiosa-intelectual de uma determinada multidão. É a religião em seu sentido lato — *religare* — a *re-ligação* com o Cosmos. A lâmina, surgindo no sentido correto, significa consciência do dever, religiosidade, intelectualidade e espiritualidade apuradas. No sentido inverso, significa o falso dogmatismo, a má liderança, distorção de idéias, pobreza de espírito. Também é importante observar que o *Hierofante* — ou o *Papa* — tem ajoelhados diante de si, dois homens do clero, o que é comprovado pelas tonsuras clericais no alto da cabeça. As duas colunas erguidas atrás do *Hierofante*, significam o portal de entrada no Reino Espiritual, a verdadeira ponte com a Suprema Consciência.

TREZE

E era assim todas as vezes...

Lois falava com absoluta segurança, fazia citações, raciocinava em termos de ocultismo e chegava a conclusões que surpreendiam pela lógica em um assunto que sabidamente foge de todos os padrões lógicos de raciocínio.

Essa faceta de Lois estava me encantando.

Para alguém que — pelo menos pretensamente — pertença ao mundo da intelectualidade, encontrar uma pessoa capaz de conversar coerentemente sobre um tema complicado e cheio de empirismos, sem divagar, sem perder o fio da meada e sem se perder em raciocínios e teorias estéreis, é um verdadeiro presente dos deuses...

E, quando essa pessoa, além de tudo é uma mulher belíssima, carregada de uma sensualidade animal e conhecedora de sua própria sexualidade, então...

Mais uma vez, confirmei para mim mesmo o que já sabia desde a noite anterior: eu estava apaixonado, enfeitiçado, perdido...

Conscientemente, sensorialmente, eu sabia que Lois tinha sido a minha última mulher. Depois dela, nenhuma outra teria graça, eu jamais conseguiria me interessar e muito menos me entregar totalmente para quem quer que fosse que não fosse a minha Lois.

Contudo...

Uma parte de meu cérebro, aquela parte que tinha sido martelada durante anos a fio com a leitura de livros científicos, com o aprendizado da Ciência Pura, da Matemática, da Lógica Cartesiana e Aristotélica, tentava ainda me perguntar o que diabos estava acontecendo com todo o restante de meu encéfalo, que parecia anestesiado e inebriado por tudo quanto emanasse daquela mulher.

Afinal...

Lois não passava de uma mulher.

Certo que era muito mais bonita que qualquer outra que eu tivesse conhecido até então... Certo que ela tinha uma capacidade fora do comum para conversar e para prender a minha atenção — não apenas em suas curvas, mas principalmente em seu raciocínio...

Mas, não passava de uma mulher e, o que era mais grave, uma mulher que mostrava tendências místicas e esotéricas imensas, tendências estas que, até pouco menos de vinte e quatro horas atrás, eu sempre abominara.

De fato...

Até pouco menos de vinte e quatro horas atrás...

O que era bastante significativo pois, se daquele momento em diante, eu conseguira passar a ouvir e a aceitar que Lois me falasse a respeito de Tarô, de Numerologia, de *corpos astrais* e tantas outras coisas que até então eu jamais dera valor, então...

Sim...

Eu estava mudando.

Ou, já estaria mudado.

Definitiva e indelevelmente alterado.

Lois foi apanhar a garrafa de licor e, com um sorriso que me pareceu um pouco triste, ela disse:

— Como você pode perceber, a dualidade existe, está presente e, muitas e muitas vezes, serve bem para atrapalhar a felicidade do homem...

Suspirei...

Mais uma vez, lá estava Lois invadindo a minha mente, dividindo os meus pensamentos, adivinhando o que me ia pela alma...

Serviu dois cálices de licor, e falou:

— Mas você não deve se angustiar. O dilema é necessário pois é ele que obriga à escolha. Além do mais, seria impossível ter um *todo* se tivéssemos apenas *um*. Já lhe disse que é preciso haver no mínimo *dois* para se poder conceituar corretamente o *todo*, o *Universo*.

Molhou os lábios no seu cálice, beijou-me em seguida, permitindo que eu sentisse em sua boca o gosto do licor, e prosseguiu:

— Depois que minha avó *tirou* para mim, essa variante da Cruz Celta, fui para New Orleans, para o meio do povo de meus antepassados, os ciganos *cajuns*. Sentia a necessidade de me aperfeiçoar um pouco mais na ciência do Tarô, precisava aprender muito mais sobre o ocultismo e a magia que envolvem esse oráculo maravilhoso.

Com uma ponta de malícia e sem conseguir esconder o ciúme, comentei:

— Mas não foi somente sobre Tarô, o seu treinamento, Lois... Você aprendeu muitas coisas mais...

Lois riu, beijou-me outra vez e disse:

— Não seja ciumento, Wilson! É claro que eu não poderia viver entre os *cajuns* sem aprender todo o resto que uma boa cigana precisa saber! Desde as artes da culinária erótica, até as aplicações práticas do que se inicia à beira do fogão!

Abraçou-me e acrescentou:

— Mas eu sabia que estava apenas aprendendo, querido... Estava treinando para, um dia, poder por em prática com a pessoa que as lâminas da Cruz Celta disseram que haveria de surgir!

Antes que eu pudesse perguntar, Lois falou:

— Não, meu amor... Não me apaixonei antes. Nenhuma vez. Nem sequer posso dizer que tenha me entusiasmado por qualquer homem. Eu sabia que meu companheiro

final, o homem que completaria meu corpo astral, não estava lá em New Orleans... Assim como também não estava na Índia, no Egito, nos Andes, nas densas florestas da Europa Central...

Olhando-me com intensidade, Lois disse:

— Ele estava aqui... Até que bem perto de mim, só que... Ele não podia enxergar pois a hora ainda não havia soado.

Esvaziei meu cálice de licor e Lois, enchendo-o outra vez, continuou, em tom queixoso:

— Enquanto eu me preparava, enquanto estudava e praticava o ocultismo e as ciências esotéricas, meu companheiro estava aqui, vivendo normalmente, dividindo-se entre uma mulher que o amava e uma outra que, na realidade, apenas queria se divertir...

+ + + + + + +

Confesso que levei um susto.

Como já falei anteriormente, depois de tantas e tantas vezes que Lois *invadia* meu cérebro, eu já começava a me acostumar com a sua capacidade telepática...

Porém, aquela era a segunda vez que ela dizia alguma coisa que era minha, muito minha, não partilhada com praticamente ninguém, e em que eu não estava pensando no momento.

A primeira vez, fora com a lâmina do Arcano Maior *A Força*, que ela adivinhara ter estado em minhas mãos poucos segundos antes de sua chegada com o desjejum.

E a segunda fora naquele exato instante...

Eu não estava pensando em outra coisa senão em suas próprias palavras, não estava fazendo nada além de me permitir sentir um pouco de ciúmes por Lois ter vivido entre os *cajuns* e, com eles, ter aprendido tudo quanto me mostrara saber a respeito de amor e de técnicas de amor...

Amor carnal...

Material...

Animal.

E, de repente, ela me vem com aquilo!

Ela me vem dizer de algo que havia muito, eu tentara esquecer, enterrar no buraco mais fundo de minha memória, para nunca mais tirar de lá...!

— Mas o que é que você sabe sobre isso?! — perguntei, assustado — Como pode adivinhar...?

Lois pousou a mão direita sobre o meu antebraço e respondeu, carinhosa:

— Uma das primeiras coisas que aprendemos em termos de magia, é justamente a utilização de nossa capacidade telepática.

Sorriu e juntou:

— E eu fui uma ótima aluna, pode acreditar!

— Mas eu não estava pensando nisso! Não estava pensando em nada disso! — protestei.

— Isso é o que você imagina — replicou Lois — Não se esqueça que você é constituído, *cerebralmente*, de duas porções: o *consciente* e o *inconsciente*. Como vocês médicos falavam, *cortical* e *subcortical*. Veja bem... *Conscientemente*, você não estava pensando em Marlene e muito menos em Nelly...

Arregalei os olhos, a estupefação quase fazendo com que eles se auto-enucleassem.

— Mas...! — exclamei, atônito — Não é possível que você saiba até mesmo os nomes!

Balancei a cabeça, incrédulo e murmurei:

— Não... Você deve ter feito uma incrível pesquisa a meu respeito...! E ainda assim...

— Ainda assim... — continuou Lois — Mesmo que eu tivesse pesquisado a respeito de sua vida pregressa, dificilmente eu chegaria a esses nomes, nomes que ninguém sabe, acontecimentos ocorridos há dez anos e que você esconde até de si mesmo!

Fui obrigado a admitir que Lois estava dizendo a verdade e, voltando a segurar minhas mãos, ela prosseguiu:

— Como eu estava dizendo, você não estava pensando em nenhuma das duas *conscientemente*. Mas, seu *subconsciente*, estava.

Sorriu e pareceu-me ver um certo ar de superioridade nesse seu sorriso.

— No momento em que eu lhe disse que aprendera muitas outras coisas com os *cajuns*, seu subconsciente foi desentranhar de um arquivo já quase esquecido, a figura de Marlene... Marlene, a loura sensual e provocante, dona de uma alegria incrível e com quem você traía Nelly, a moça de interior que o amava e que sonhava com um casamento, com uma estabilidade, com a formação de uma família...

Apontou o dedo acusadoramente para mim e completou:

— Você *subconscientemente* se lembrou de Marlene, dizendo-se que você também tinha tido um *treinamento especial*... E, no mesmo instante, também subconscientemente, lembrou-se de Nelly e do dia em que ela, ao descobrir a sua traição, chorou muito e o deixou.

Baixei os olhos, olhei para as pontas dos meus dedos dos pés, encabulado, sentindo-me terrivelmente mal dentro de minha própria pela.

O que Lois estava dizendo era a mais pura verdade.

Nelly me amava, eu sabia disso e eu achava que a amava, também...

Mas surgira Marlene em minha vida, em uma noite fria de inverno, em um chalé na Serra da Mantiqueira.

E eu precisara perder o amor de Nelly para descobrir que Marlene nada queria a não ser aproveitar a vida, em um sentido imediatista, material, *corporal*, animal.

A voz de Lois pareceu vir do fundo de um poço, dizendo:

— Você, *conscientemente*, tratou de esquecer e de enterrar esse pedaço de seu passado. E por causa disso, acabou se tornando muito mais duro, mais frio, menos

emotivo. Você tentou bloquear seus sentimentos, procurou apagá-los e passou a supervalorizar o seu mundo intelectual, técnico e...

Sorriu, beijou-me a testa e arrematou:

— Como não é de ferro, buscou a satisfação apenas do corpo material, deixando de lado a tão necessária participação do corpo astral nas coisas do amor. Por isso era um homem insatisfeito. Por isso, não queria acreditar na existência do verdadeiro amor, da entrega recíproca, da mútua doação das energias mais puras.

Muito séria, com uma expressão que beirava a piedade, juntou:

— E nem poderia, de qualquer maneira. Depois da decepção que teve com Marlene, era mesmo de esperar que você *se fechasse em copas*, virasse uma verdadeira ostra e decidisse nunca mais partilhar seus sentimentos com ninguém.

Um pouco incomodado com as palavras de Lois, protestei:

— Mas não é bem assim, Lois... É verdade que eu fiquei muito aborrecido com o que aconteceu... Mas nem por isso...

Lois pousou o dedo indicador sobre meus lábios, pedindo-me que ficasse calado e, inclemente, falou:

— Marlene mostrou para você o que pretendia da vida, da maneira mais dura. Quando começou a perceber que você era, por natureza, um indivíduo calmo e introvertido, um homem que preferia ficar com ela em casa, aproveitando os prazeres da mútua companhia a ir *badalar* em boates e restaurantes da moda, ela simplesmente o trocou por um outro, um pouco mais *dinâmico* dentro de seus conceitos e padrões. Ela não se preocupou se o magoava ou não.

Com um tom de voz incriminatório, Lois disse:

— Assim como você também não se preocupou com o quanto a pobre Nelly poderia ter ficado magoada com a sua atitude...

Meneou a cabeça tristemente e murmurou:

— Ela não conseguiu entender... Afinal, você a traíra por causa da vivacidade de Marlene e, no entanto, assim que imaginou tê-la nas mãos, achou que o melhor era ficar quieto em casa, literalmente *apagando* todo esse brilho, toda essa até exagerada vontade de viver.

Ergueu os olhos para mim e concluiu:

— Você, na verdade, não gostava de Nelly. Era cômodo ter uma namoradinha no interior, na cidade onde você nasceu e que gostava de visitar. Tampouco gostava de Marlene. Ela simplesmente representava para você, uma faceta da vida que, de uma maneira ou de outra, o atraía. Marlene era o catalisador de sua personalidade, naquela época. Fazia com que você se aproximasse um pouco mais da maneira de pensar e de agir de seus amigos.

Fiquei em silêncio, pensando...

Mais uma vez, o que Lois estava dizendo era a mais pura verdade.

De fato, depois que Marlene me deixara, muitas e muitas vezes refletindo sobre o ocorrido e suas causas, acabara chegando à conclusão que o erro maior tinha sido meu. Não soubera enxergar a realidade, não quisera ver que aquela moça, simplesmente jamais poderia ter sido feita para mim. Afinal de contas, alguém como eu não conseguiria

viver no meio de tanta futilidade, não conseguiria vislumbrar horizontes tão fechados... Para Marlene, o que interessava era a *sociedade* e nada mais.

— Você substituiu a presença de Marlene em sua vida, pela ciência e pela pesquisa, Wilson — falou Lois — Mas, essa substituição não poderia ser total, tendo em vista que você, querendo admitir ou não, é um homem sensível e que, por isso mesmo, necessita de companhia, precisa ter com quem conversar... banalidades.

Com um sorriso, ela disse:

— Foi justamente por você ser sensível, por precisar de companhia feminina, por ser carente de afeto, aconteceu aquele caso com Carmen...

Olhei de lado para Lois, já sem coragem nem mesmo para me surpreender.

Aquela moça parecia conhecer minha vida de cabo a rabo...

— Um caso que, de qualquer maneira, estava fadado ao insucesso — disse Lois.

— Como você pode afirmar uma coisa dessas? — revoltei-me — Que bases, que fundamentos você pode ter para dizer isso com tanta certeza, como se fosse algo que estivesse escrito...

— No Livro do Destino? — perguntou Lois, com uma risada divertida.

E, olhando intensamente para mim, ela explicou:

— Não, Wilson... Não seria preciso estar escrito em livro nenhum! Carmen representou um cajado para você. Apenas um ponto de apoio para os momentos de maior solidão. Digamos, que ela foi nada mais que *um complemento profissional*, alguém que teria de surgir em sua vida para que até mesmo o seu trabalho pudesse ser realizado mais... conveniente e completamente.

— Você está sendo muito dura — protestei — Falando assim, tenho a impressão de que apenas me *utilizei* de Carmen! Como se ela fosse um objeto!

Com energia, defendi-me:

— E não foi isso que aconteceu! Jamais encarei Carmen como sendo um objeto, jamais a imaginei dessa forma!

— Acredito — admitiu Lois — E tenho certeza que, se você se *utilizou* de Carmen, ela também soube muito bem como *usá-lo*! Não se pode negar que houve um certo equilíbrio...

Separando bem as sílabas, Lois acrescentou:

— Mas foi um equilíbrio muito falso... E isso, simplesmente porque nunca houve amor. Houve a atração física, a atração intelectual, a admiração profissional recíproca, a carência afetiva, a fraqueza bilateral...

— Como assim, fraqueza?! — quase gritei.

— Sim, fraqueza — confirmou Lois, com seriedade — Nenhum dos dois soube resistir ao apelo do corpo! E foi somente corpóreo, material, o caso de vocês dois!

— Você mesma falou que havia um lado intelectual... — murmurei, em desafio.

— Intelectual não é obrigatoriamente espiritual — falou ela — Nem mesmo *astral*! A atração e o respeito intelectual, nesse caso, fazem parte da porção *material, corpórea*, compreendendo-se o cérebro e as realizações profissionais como sendo *matéria*, uma

vez que, com a morte do corpo, essas realizações e todas as conquistas intelectuais científicas, ficam nesta dimensão.

— Com isso — ponderei, entre preocupado e assustado — você está querendo dizer que todas as conquistas científicas, que todo o conhecimento científico, faz parte de uma dimensão absolutamente terrena... E que o espírito nada tem a ver com isso!

Desanimado, murmurei:

— Não posso concordar com essa teoria, Lois... Seria muito triste descobrir, de repente, que nada do que foi feito no campo da ciência, não passa de algo estritamente temporal, sem qualquer proveito para a *alma* do ser humano!

Os olhos de Lois brilharam e ela exclamou:

— Muito bem! Aí temos um grande progresso!

Olhei interrogativamente para ela e Lois explicou o seu entusiasmo, dizendo:

— Para alguém que vacilava bastante em aceitar a existência da alma e que sempre se disse *acostumado a lidar com a morte e explicá-la*, ficar preocupado com uma eventual impossibilidade de se transferir o conhecimento adquirido nesta dimensão para uma outra, como uma forma de *patrimônio espiritual*, é mostra de um imenso progresso!

Lois tomou fôlego e continuou:

— O conhecimento científico, aquilo que costumamos chamar de *ciências exatas*, e mesmo o que se estuda como *ciências humanas*, efetivamente só tem proveito para esta dimensão. O que interessa a um espírito, saber a Teoria Quântica da Matéria? E em que pode lhe interessar todo o conhecimento do mundo na área da Sociologia? O mundo *verdadeiramente espiritual*, a dimensão astral e supra-astral, não precisa de nada disso. Tanto assim, que lá, na outra dimensão, isso é matéria sabida, corriqueira. O *Conhecimento* faz parte da rotina...

— Não sou capaz de entender como é que você pode dizer essas coisas — argumentei — Você ainda não esteve lá para saber...!

Lois não replicou.

Simplesmente, ela sorriu e disse:

— Mas há provas do que acabei de afirmar. Basta ver os hieróglifos egípcios, as pinturas maias, incas e astecas, para se ter a certeza de que houve uma tentativa de transmissão de conhecimentos há muitos milênios...

Fez um gesto pedindo-me silêncio e completou:

— Não venha me dizer que eram astronautas visitantes... Pode até ser que eles — os espíritos, as entidades de outras dimensões — tenham assumido a forma de astronautas, de deuses, de qualquer outra coisa.

Mostrou o baralho de Tarô e murmurou:

— Uma das teorias sobre a origem do Tarô, é justamente essa... O Tarô seria uma maneira encontrada por *sábios* — ou *entidades de outras dimensões* — para transmitir ensinamentos.

QUATORZE

Aceitei mais um cálice de licor que Lois me oferecia e, recostando-me no sofá, tentei encontrar uma maneira de contradizer a teoria que ela acabara de me expor.

No entanto, enfocando o problema por um lado menos materialista, não era difícil perceber que havia muita lógica no que Lois falara.

A ciência como ela é entendida corriqueiramente, ou seja, a ciência tecnológica em todos os campos do conhecimento humano, interessa apenas ao *homem matéria*, ao *ser humano corporal*, por mais que esse conhecimento seja elevado intelectualmente. E, *do lado de lá*, em uma outra dimensão efetivamente desconhecida para os mortais comuns, nada do que aprendemos, descobrimos ou inventamos nesta nossa passagem pelo planeta Terra, pode ter qualquer interesse.

O objetivo da pesquisa, do treinamento, do conhecimento, é o bem estar do homem, a melhoria de sua qualidade de vida, melhoria esta que inclui — paradoxalmente — o próprio prolongamento da vida, independentemente de ser este prolongamento, digno ou não.

Qual seja: é lícito manter um coração batendo e um par de pulmões respirando através de aparelhos... É *conduta correta e ética* operar um canceroso já de idade avançada, mesmo sabendo-se que essa cirurgia, apesar de lhe prolongar a vida por mais algumas semanas, vai lhe trazer um terrível desconforto, muita dor e muita dependência...

Seria isso digno?

O prolongamento da vida, nessas circunstâncias, não deveria ser entendido como *prolongamento do sofrimento*?

Teria o homem direito de interferir nos desígnios do Destino e manter nesta dimensão um seu semelhante sofrendo, já muitas vezes apenas vegetando, sem a menor esperança de cura?

O velho e polêmico problema da eutanásia...

Como se eu tivesse pensado em voz alta, Lois ponderou:

— É verdade, querido... Sendo o objetivo primordial do conhecimento humano, o seu próprio bem-estar físico e psíquico — compreendendo-se o *psíquico* como fazendo parte do *homem corporal*, esse conhecimento perde totalmente o sentido a partir do momento em que não exista mais *corpo* para se sentir bem...

Um pouco chocado com a trajetória de nossos pensamentos, perguntei:

— Nesse caso... De que serve viver como nós vivemos? De que adianta todo o sacrifício que fazemos para aprender, para descobrir coisas novas? De que adianta toda a pesquisa feita até hoje e para que serve o progresso tecnológico?

— Serve justamente para melhorar a vida terrena das pessoas — respondeu prontamente Lois.

Com um tom professoral na voz, disse:

— O homem precisa ser considerado como constituído de uma parte material e de uma parte imaterial. Não importa, no momento, o que dizem muitos estudiosos das ciências místicas e esotéricas, quanto às inúmeras subdivisões dessas duas partes. Interessa levar em consideração que há uma parte *palpável, concreta*, e uma parte *-não-palpável, abstrata*. A pesquisa, o conhecimento, o progresso tecnológico, é a missão de muitos homens e mulheres nesta dimensão. Uma missão nobre, que é a de fazer com que os seus semelhantes vivam melhor *nesta dimensão*. Uma missão que não pode ser desprezada. Desde os primórdios do Tempo, esses homens e essas mulheres vêm sendo responsáveis pelo desenvolvimento da humanidade em todos os sentidos, inclusive no que diz respeito ao sentido esotérico, místico, ocultista.

Olhei para Lois com a expressão desesperada de quem não estava conseguindo alcançar o que ela estava querendo dizer.

Lois sorriu, afagou meus cabelos e explicou:

— Quando, há milênios, *entidades* ou *visitantes extra-dimensionais* surgiram em nosso planeta para transmitir ensinamentos, o êxito obtido foi muito pequeno porque, principalmente, não havia preparo tecnológico para a aceitação, compreensão e assimilação adequada desses ensinamentos. Em síntese, não havia base, *alicerces* capazes de suportar nem mesmo os pilares desses ensinamentos. Foram precisos muitos séculos de pesquisas, descobertas e teorias para que o homem chegasse ao ponto de se arriscar a entender uma pequena fração do que lhe fora ensinado.

Com certo tom de dúvida na voz, indaguei:

— Isso quer dizer que hoje o homem está pronto para receber... ensinamentos de outras dimensões?

Lois refletiu por alguns momentos e respondeu:

— Talvez um maior número de pessoas estejam hoje reunindo condições de serem *iluminadas*.

Sorriu e juntou:

— Pelo menos, está havendo uma forte tendência de retorno ao estudo da *alma*, há uma busca das origens místicas, há uma procura pelo esoterismo...

Levantou-se, apanhou o velho livro que eu trouxera do *sebo*, folheou-o até encontrar um determinado trecho, e falou:

— Veja... Este livro é muito antigo. Quando ele foi escrito, ninguém imaginava a possibilidade sequer do homem voar. E, no entanto, neste capítulo em que o autor disserta sobre o Arcano Maior *O Louco*, há uma passagem muito interessante...

Deixando o livro de lado e apanhando o baralho de Tarô, Lois pegou a lâmina do *Louco*, e disse:

— Em muitos baralhos, a lâmina do *Louco*, não é numerada. É considerado o *Arcano sem Número*, ou o *Arcano Zero*. Outros, trazem-no numerado como o *Arcano XXII*. São controvérsias que não têm a menor importância.

Entregando-me a lâmina, continuou:

— Muitos tarólogos consideram este Arcano como a representação do próprio consulente. Seria o consulente, no papel de um andarilho tresloucado e irresponsável, que iria caminhar pelas lâminas dos Arcanos Maiores, desenhando uma trajetória de vida.

— É uma interpretação correta? — perguntei, tímido.

— Pode ser e pode não ser — respondeu Lois — Creio que o mais incorreto seria dizer que esta ou aquela interpretação esteja errada. Como você já sabe, interpretar as lâminas do Tarô é, antes de mais nada, saber enxergar os arquétipos que ali estão *escondidos*. E arquétipos, apesar do que possa dizer Jung quanto ao *inconsciente coletivo*, é algo bastante subjetivo. Na lâmina do Arcano Maior IV, *O Imperador*, por exemplo, uma pessoa pode ver como arquétipo a imagem paterna e outra pode ver a figura de um professor...

— O professor pode ser arquetipicamente relacionado com a imagem paterna — ponderei — Esse raciocínio confirma a teoria de Jung. O arquétipo obrigatoriamente seria a figura paterna...

— Pode ser — concordou Lois — Mas o que estou querendo dizer é que aquilo que é visto por um, pode não ser visto obrigatoriamente por todos. E é por isso, que não podemos desprezar a interpretação arquetípica individual. Veja, por exemplo a lâmina do Arcano Maior IV, *O Imperador*.

Mostrou-me a lâmina e disse:

— Nesta lâmina, alguns tarólogos vêem um homem que recende poder num trono, segurando na mão direita o *ankh* egípcio, a cruz da vida, cetro dos antigos imperadores. Para esses tarólogos, a lâmina do *Imperador* significa antes de mais nada, o *poder consciente*, a ordem e a disciplina. Para outros, o Arcano Maior IV, *O Imperador*, pode e deve ser considerado como o ponto de equilíbrio com o Arcano Maior III, *A Imperatriz* e, assim, uma interpretação arquetípica seria ele ser o princípio masculino que acaba por *ordenar* e *organizar* tudo o que a *Imperatriz* não conseguiu fazer. Ambas as interpretações no entanto, concordam que, pelo fato do *Imperador* estar assentado sobre terra firme, seu trabalho será sempre muito relacionado com as coisas e problemas materiais.

Como se estivesse falando em uma conferência, Lois continuou:

— Na realidade, o número *quatro* está intimamente relacionado com tudo que é sólido e material, ao mesmo tempo que tem a sua conotação mística e esotérica muito acentuada. É um número que está no quadrado e na cruz, representando a totalidade do Universo Manifesto. São quatro os elementos da Natureza, são quatro os pontos cardeais, são quatro as fases da Lua e as estações do ano. Principalmente, são quatro as fases em que a vida humana pode ser dividida: infância, adolescência, maturidade e velhice. Segundo os índios são quatro as virtudes do homem: coragem, generosidade, tolerância e fidelidade, assim como são quatro as da mulher: habilidade, hospitalidade, lealdade e fertilidade. Para os ciganos, as virtudes do homem também são quatro: valentia, potência, esperteza e sensibilidade. E são quatro as da mulher: boa-vontade, libido, beleza e conhecimento. Assim,

arquetipicamente, essa lâmina pretende representar o homem como ele virá a ser depois de desenvolver completamente todos os seus potenciais. É o retorno ao princípio masculino, ao poder de comando, sem jamais deixar de lado a porção material, corporal. O *Imperador* governa através do *Logos*, ou seja, a razão, ao contrário da *Imperatriz* que reina pelo *Amor*. O Imperador tem como arquétipo mais importante a figura paterna. *O Imperador sugere a transformação do arquétipo filho que anteriormente era protegido e nutrido no âmbito familiar, em indivíduo independente, que precisa enfrentar as responsabilidades do mundo adulto.*

Lois fez uma pausa e eu, aproveitando-a, pedi:

— Você falou tanto sobre o *Imperador*... Fale um pouco sobre a parte feminina, a *Imperatriz*...

Lois tomou fôlego, fez um sinal afirmativo com a cabeça e, pegando a lâmina do Arcano Maior III, *A Imperatriz*, no baralho, disse:

— Uma mulher pode se julgar realizada e feliz quando é amada e respeitada pelas pessoas que a cercam ou que, de alguma forma, se relacionam com o seu mundo. E uma mulher realizada e feliz é sempre firme e determinada em suas atitudes. Teimosa, talvez... Pode o mundo dar quatro mil voltas que ela não desiste de seus intentos. Assim é a *Imperatriz*: empunha o cetro do poder e da glória, é a representação da determinação, firmeza. A lâmina mostra uma mulher com aspecto bondoso, muito bem adequado para o arquétipo da figura materna. Ela é enérgica mas, ao mesmo tempo, magnânima e misericordiosa. É empreendedora mas sente a falta de um comando maior, mais eficaz que é representado por sua complementação, o Arcano Maior IV, *O Imperador*. O aparecimento deste Arcano em um jogo oracular, pode significar maternidade próxima, produção artística e intelectual profícua, sedução, sensualidade, riqueza material e espiritual.

Com um muxoxo, completou:

— Em compensação, há tarólogos que atribuem ao surgimento deste Arcano Maior no Oráculo, a possibilidade de possessividade, ciúmes, infidelidade, egoísmo e dissipação material.

Voltou a misturar as lâminas do baralho e disse:

— Como você pode ver, há tarólogos que enxergam uma determinada forma arquetípica e outros que vêem-na completamente diferente, até mesmo com sentido oposto.

Sem me dar tempo para tecer qualquer comentário, Lois prosseguiu:

— No caso do Arcano Maior XVI, *A Casa de Deus*, também chamado *A Torre*, há quem veja ali uma festa, uma orgia...

Com um sorriso, ela pegou a Lâmina da *Torre* e disse:

— Uma das principais causas de divergências quanto às interpretações, corre por conta das diferenças de representação pictórica das lâminas. Nesta aqui, por exemplo, em alguns baralhos — ainda que de Marselha — aparecem vários raios que caem e parecem destruir toda a torre. Em outros, como é o caso deste que eu tenho, há apenas um raio e cuja forma seria mais de uma língua de fogo, que derruba apenas a coroa que está encimando a torre.

— A coroa seria o símbolo do poder terreno — arrisquei — Assim, uma língua de fogo ou um raio que vem do alto, portanto *divino*, destrói esse símbolo. Destrói o orgulho do ser humano.

Lois bateu palmas, beijou-me sobre os lábios e exclamou:

— Muito bem! Você está conseguindo enxergar claramente o arquétipo desta lâmina!

Mostrou-me as duas figuras humanas que caíam da torre e prosseguiu:

— Em alguns baralhos, estas figuras representam um homem e uma mulher atordoados, tentando mergulhar na água que circunda a torre. Já outros, como este, mostram dois homens que caem com as mãos estendidas para baixo, para inúmeras plantas que brotam do chão. Não há água...

Sacudiu a lâmina na mão e disse:

— Mas, tanto a água quanto as plantas em brotação, significam a mesma coisa: o início da vida. Isso quer dizer, que aqueles que caem, ainda têm possibilidade de salvação através de um reinício. O Arcano XVI é uma torre particular, habitada por duas pessoas que a construíram como representação de sua própria importância e poder. A torre não possui portas e as janelas são excessivamente pequenas. Assim, não há possibilidade de *entrar* e nem de *sair*. E esse intercâmbio — *entrada* e *saída* — seria não apenas para outras pessoas, mas principalmente para o *conhecimento*. Só que a Consciência Suprema enviou um raio que arrancou o topo coroado da torre e obrigou seus ocupantes a sair. Por essa razão, a queda dos dois homens deve ser vista mais como salvação do que como qualquer espécie de punição. Um número expressivo de tarólogos — principalmente falsos tarólogos — atribuem ao Arcano XVI uma conotação excessivamente dramática e ruim por não saberem proceder corretamente à análise arquetípica da lâmina. Se tomarmos como um dos principais arquétipos da Torre, uma prisão, poderemos ver que a chama do conhecimento, está simplesmente libertando os dois personagens que estavam prisioneiros dentro de um universo extremamente fútil e falso.

Lois fitou-me com um sorriso e indagou:

— Você seria capaz de fazer uma análise diferente, mais psicológica?

Pensei por alguns segundos, olhando atentamente para a lâmina, e respondi:

— Se eu fosse psicólogo e me fosse dado interpretar esta lâmina depois de tudo o que você disse, eu imaginaria que a torre seria um baluarte fechado construído para esconder nossos erros e nosso verdadeiro ego. Seria uma *fachada*. A destruição dessa construção levaria à libertação do ego e ao resgate da nossa verdade individual. A língua de fogo que destrói a coroa de ouro que encima a torre, representaria nada menos que a Luz Verdadeira, a Revelação.

Lois sorriu, abraçou-se a mim e murmurou:

— Como você mesmo pode constatar, as interpretações diferem de acordo com o grau de preparo do *interpretador*.

Voltou a apanhar o velho livro de Tarô, e disse:

— Mas eu estava falando a respeito de uma passagem interessante que há neste livro e que diz respeito ao *substrato* necessário à transmissão de ensinamentos metafísicos e esotéricos...

Abriu o livro na interpretação da lâmina do *Louco* e, erguendo o rosto para mim, falou:

— Em alguns baralhos, e até mesmo os de Marselha, este Arcano Maior não tem numeração. É considerado como sendo o *zero do infinito*. O *Louco* também é considerado como o símbolo da irresponsabilidade e isto é tão verdadeiro que, muitas vezes, quando ocorre o surgimento deste arcano em um jogo oracular, podem ocorrer transformações das mensagens, transmitidas pelos outros arcanos. Nessas ocasiões, o *Louco* está insinuando que, para aquela questão, é dispensável o jogo — deve-se deixar que corram livremente os fatos. O *Louco* é o símbolo da liberdade e do descompromisso, da absoluta pureza e o eterno caminhar em busca do infinito. Também é o jovem que se apaixona incondicionalmente pelo desconhecido.

Mostrando a gravura, continuou:

— Veja que a estampa mostra um homem com aspecto até mesmo simplório, caminhando e olhando para cima, completamente despreocupado com o mundo que o cerca. Nem mesmo dá atenção ao cão que lhe faz festas. O embornal que carrega ao ombro, pendurado por uma vara, é interpretado por muitos tarólogos, como sendo a mala onde guarda os segredos da insensatez. A loucura é a sua sabedoria, o seu patrimônio, sua riqueza mais sagrada. Arquetipicamente, parece não haver a menor preocupação em atingir qualquer alvo. A única busca seria a absoluta e total emancipação cósmica.

Lois olhou para mim e disse:

— É justamente aí que você pode perceber o que eu quis dizer com aquela história da necessidade de um *substrato* para a transmissão de conhecimentos herméticos ou esotéricos.

Fixei-a interrogativamente, com uma expressão que mostrava bem que eu nada havia entendido e, com toda a paciência do mundo, Lois explicou:

— Considere um copo vazio, meu querido... Você poderá enchê-lo com o líquido que bem entender. Porém, se esse copo já estiver cheio de água, você jamais conseguirá despejar nele o que quer que seja.

Segurando minhas mãos, ela falou:

— Eu diria que o copo vazio está *pronto* ou *preparado* para receber qualquer líquido. Já o copo cheio, antes de receber um novo conteúdo, precisa ser *preparado* para isso. E a única maneira de prepará-lo será *esvaziando-o*.

Levou o dedo indicador à frente e disse:

— Assim é a mente humana em relação às ciências ocultas e esotéricas...

— Você está querendo dizer que a mente precisa estar *vazia* para receber os ensinamentos herméticos e esotéricos? — protestei.

— *Vazia* é um termo um bocado forte — respondeu Lois — Creio que seria melhor dizer *livre de preconceitos*. O *substrato* de que eu falava há pouco, é justamente isso... A *ausência* de todo e qualquer tipo de preconceito ou de tabu. É preciso ter uma total isenção de espírito.

Mostrou-me um parágrafo do livro e falou:

— A passagem a que eu me referia é esta. Fala de um homem que, durante a Guerra Civil Norte-americana, manteve contato durante vários dias com uma amiga, um contato muito intenso. Durante esses dias, desenvolveu-se a paixão e ele, completamente absorvido pelo amor, ouvia como se fosse lei tudo quanto a mulher lhe dizia. O homem era um importante general e uma de suas atribuições era montar a tática e a estratégia de combate a Chatanooga, local onde a Guerra efetivamente terminou. E essa mulher, que de alguma forma fora muito ligada aos sulistas, passou-lhe uma porção de informações vitais que possibilitaram a vitória dos nortistas. Foi depois da batalha que o general descobriu que aquela moça já tinha morrido fazia mais de um ano, vítima de um ataque de rebeldes sulistas à sua fazenda.

Respirei fundo, controlei-me para não manifestar a minha descrença...

Quando ainda estudante, em estágio pelo Departamento de Psiquiatria, ouvira de inúmeros loucos que lá se encontravam internados, histórias e mais histórias sobre reaparecimento de pessoas que já tinham morrido e que ressurgiam com a única missão de transmitir um recado a quem tinha ficado na Terra...

Eu, como médico, até que poderia acreditar nas interpretações arquetípicas do Tarô...

Afinal, para alguém cuja mente estivesse voltada unicamente para a matéria, a leitura oracular do Tarô poderia ser considerada como uma interpretação dos arquétipos do subconsciente *individual* — para contrariar Jung — com aplicações bastante evidentes na psicodiagnose e até mesmo na psicoterapia.

Mas, daí a acreditar em retorno à Terra de pessoas que já tinham falecido...

— Não se esqueça — falou Lois — que o Arcano Maior *O Louco*, pode ser considerado como o elo de ligação do homem desta dimensão com o Plano Astral de um outro campo dimensional. Exatamente por não ser uma pessoa *normal* dentro dos padrões a que estamos habituados, um louco não sente a necessidade de se prender a nenhum gabarito, ele está livre e solto, irresponsável por suas atitudes até mesmo perante a Lei. Não se pode cobrar responsabilidade de um louco, não é mesmo? Assim, por ter a mente *vazia*, o louco é o que melhor está *preparado* para receber os ensinamentos herméticos de qualquer ciência oculta. E o que é o apaixonado senão um *enlouquecido pelo amor*? Por isso, o homem que se deixa levar perdidamente pela paixão, também está *pronto* para ser *instruído* nas artes esotéricas e herméticas...

Sorri e, beijando-a, perguntei:

— É isso que você está tentando fazer comigo? Está me enlouquecendo para poder melhor me ensinar coisas sobre o Tarô?

Lois não respondeu...

Apenas esmagou seus lábios contra os meus e, mais uma vez, nós nos deixamos levar para o mundo onírico do êxtase absoluto...

QUINZE

Olhei para Lois deitada ao meu lado, nua, ainda adormecida, a respiração suave e repousada, a fisionomia distendida, mostrando aquele meio sorriso tão típico de quem encontrou a plena satisfação e está sentindo completamente a felicidade.

Acariciei suas costas e Lois ampliou um pouco o sorriso, respirou mais fundo e se aproximou de mim, o corpo quente e voluptuoso parecendo ainda ansioso por amor.

Eu também, estava satisfeito e feliz...

Pela primeira vez depois de muitos anos, eu sabia o que era me sentir completo e isso não deixava de me surpreender.

Afinal, depois de tanto tempo vivendo em um celibato que — agora eu mesmo confirmara — me tinha sido imposto pelo inconsciente, seria de esperar que não mais me adaptasse a partilhar com outrém os momentos de vida que até então vinha me reservando de maneira mais que egoísta...

Chegava a estranhar em mim mesmo o desejo, quase uma ânsia, de estabelecer uma ligação séria e estável com Lois, surpreendia-me pensando em mudar para uma casa maior, com um belo jardim e um amplo quintal — quem sabe até uma chácara — o mais afastada possível do burburinho da cidade, para poder usufruir ao máximo do prazer de estar com a minha amada.

Não...

Não haveria mais aventuras, não haveria mais a angústia de um sábado à noite absolutamente sozinho, não haveria mais a depressão de um aniversário, de um Natal ou um *réveillon* sem ninguém para dividir um brinde, sem ninguém para me sorrir desejando-me felicidades...

Ora...

A felicidade materializada estava ali ao meu lado, ressonando calma e tranqüila, parecendo-me dizer em seu sonho que estaria sempre pronta, que seria sempre minha e só minha...

Eu estava feliz, era capaz de sonhar outra vez como se voltasse a ter dezoito anos e vislumbrasse um horizonte novo, cheio de promessas, repleto de possibilidades.

Contudo...

Em minha mente ainda por demais materialista, algumas dúvidas martelavam a bigorna da teimosia...

Seria possível que houvesse mesmo uma espécie qualquer de predestinação?

Teria Lois apenas seguido ao pé da letra as indicações que lhe tinham sido dadas pelas lâminas do Tarô?

E, a dúvida mais atroz...

— *Será que ela me ama, realmente? Ou será apenas, um engano, uma impressão de amor, uma imposição do consciente tentando suplantar o inconsciente?*

Sorri comigo mesmo àquela idéia, porém a dúvida tinha algum procedimento...

Se Lois tinha sido influenciada pelas lâminas do Tarô, ela *conscientizara* um amor por mim, ela se imbuíra da idéia de que eu seria o homem de sua vida... E, no entanto, o amor para ser verdadeiro, segundo o que ela mesma dissera, precisaria ter muito de inconsciente, necessitaria de uma fração muito grande de participação do subconsciente.

Em síntese, o amor precisa ser instintivo ao mesmo tempo que precisa ser racional e estar à tona do *cortical*.

O amor é *sentido*, portanto, com o *eu material* e com o *eu astral*.

De minha parte, imaginava que houvesse essa participação de todos os meus *eus*.

Mas...

E quanto a Lois?

Estaria ela consciente, de fato?

E ao mesmo tempo, inconsciente *quantum satis*?

Como se estivesse respondendo às minhas perguntas, Lois se mexeu, encostou-se um pouco mais a mim e, ainda com a voz pastosa do sono da exaustão, murmurou:

— Venha, querido... Quero sentir seu amor mais uma vez...

++++++

O dia de domingo já ia pela metade quando Lois e eu saímos da mesa de almoço, depois de termos saboreado um magnífico e reforçadíssimo prato à base de feijões brancos, carne de porco e legumes — mais uma delícia *cajun* — e uma torta de maçãs com nozes e castanhas digna de fazer pecar por gula qualquer monge trapista.

Metida em uma túnica de *voil* branco, sedutoramente transparente, Lois sentou-se em uma das poltronas de seu jardim-de-inverno e disse:

— Você ainda está cheio de dúvidas a nosso respeito...

Eu ia protestar, dizer que não havia dúvida nenhuma quanto aos meus sentimentos em relação a ela e não queria nem mesmo imaginar que pudesse

haver qualquer indagação a respeito do que Lois sentia por mim, mas ela, autoritária e categórica, fez-me um sinal para que me mantivesse em silêncio.

— No fundo, é absolutamente normal que você esteja assim — disse ela — Meio perdido... Meio sem saber em que pé pisar. Afinal, trinta e seis horas é muito pouco tempo para que possa compreender adequadamente tudo quanto eu lhe disse e menos tempo ainda, para que possa assimilar todas as informações que lhe passei.

Lois estava muito séria, seu olhar parecia estar distante e, de repente, eu senti medo...

Muito medo...

— *Será que ela vai ter coragem de me mandar estudar esoterismo para que me torne digno de ser seu companheiro?* — pensei, já sentindo as mãos úmidas e o coração batendo fora de compasso.

Lois sorriu e, segurando minhas mãos, falou:

— Não tenha receio, querido... Não pediria a você alguma coisa que sei ser impossível, pelo menos a curto prazo!

Beijou-me e continuou:

— Mas eu acho que seria necessário você se convencer... E, para o bem de nossa felicidade, o mais depressa possível.

Respirei fundo, um pouco mais aliviado, e Lois falou:

— Como você, eu não acredito em predestinação. É claro que, já por minha formação, pela minha experiência e pelo tempo que vivi no meio do misticismo e do esoterismo, sou obrigada a atribuir muita coisa àquilo que se poderia chamar de *desígnios do Destino*. Mas não se trata de predestinação no sentido vulgar da palavra. Nossa passagem por este planeta pode estar escrita em uma página do tão famoso Livro do Destino. Mas lá, o que pode estar escrito e definido, é o nosso início e o nosso fim. Os meios que levam desse princípio até o final são muitos, os caminhos a serem percorridos são os mais diversos e... Há o livre arbítrio.

Sentou-se sobre as pernas cruzadas, em uma posição quase como a *posição de Lotus*, e prosseguiu:

— O Tarô, como qualquer outra ciência oracular, apenas mostra esses caminhos e, como uma espécie de *lambuja*, indica o melhor deles. Segui-lo ou não, compete ao homem. Se ele for esperto, inteligente, sensível e coerente consigo mesmo, seguirá as indicações oraculares e sua missão poderá ser atingida com maior facilidade. Se for teimoso, desprezará essas informações e, então, será obrigado a sofrer um pouco mais e, se não conseguir cumprir a missão que lhe foi destinada, acabará tendo que voltar para levar ao fim o compromisso assumido com os mundos astral e espiritual, quando de sua chegada a esta dimensão. O *kharm*a tem que ser cumprido, neste ou em muitos outros renascimentos.

Pediu-me que segurasse suas mãos e, depois de beijar as pontas de meus dedos, disse:

— Eu o amo, realmente, Wilson... Não se trata de ser influenciada pelo que me foi dito muitos anos atrás em um oráculo tarológico. As lâminas do Tarô apenas deram a informação de que eu haveria de encontrar o meu par perfeito. Uma

leitura profética levou-me à conclusão que esse alguém apareceria justamente nesta época do ano e que eu deveria me entregar de corpo e alma aos impulsos e ao amor.

Sorriu e acrescentou:

— Foi você que apareceu no *sebo*. Poderia ter sido qualquer outro mas... Eu não teria sentido por outro homem, o que senti no momento em que o encontrei.

Apertando minhas mãos entre as suas, ela explicou:

— É mais que uma simples questão de pele, querido... É uma questão de *auras*. É uma perfeita combinação de corpos astrais e a prova disso é que nós dois...

Riu, beijou-me, e completou:

— Bem... Você sabe o que estou querendo dizer... Nós dois nos acertamos muito bem, parece que fomos feitos sob medida, um para o outro, não é mesmo?

O que era inegável...

Jamais eu conseguira sentir a mesma quantidade de prazer com uma mulher, como tinha acontecido com Lois...

E era mais do que evidente que eu não poderia atribuir esse fato à simples coincidência.

— Mas — argumentei — pensando dessa maneira, você está admitindo a predestinação... E, com isso, está se contradizendo!

— Não há qualquer predestinação, Wilson! — exclamou Lois — Nós fomos feitos um para o outro mas isso não implica na obrigatoriedade de estarmos juntos, de estarmos apaixonados um pelo outro! E muito menos significa que tenhamos de estar unidos em qualquer espécie de ligação estável!

— E é isso que você não quer? — indaguei, trêmulo — Uma ligação estável?

Mais uma vez, Lois riu.

Levantando-se, veio sentar sobre meus joelhos e, abraçando minha cabeça, fazendo-me sentir seus seios e seu corpo ardente, ela disse:

— É o que sempre quis, Wilson...

Afastou-se um pouco, fitou-me com intensidade e murmurou:

— Mas eu quero que você tenha a mesma certeza que eu. Quero que você deseje uma vida a dois comigo, com a mesma intensidade e seriedade que eu desejo!

— Mas... —comecei.

— Não me diga nada, por enquanto, querido! — pediu Lois — E prometa-me que, se você realmente quer ficar comigo, se você quer, como eu, que este fim-de-semana seja o verdadeiro início de uma eternidade de amor, você vai refletir sobre tudo o que aconteceu, com muito carinho, vai tratar de se informar sem a minha ajuda e...

Esmagou meus lábios com os seus e arrematou:

— E nós nos encontraremos na sexta-feira que vem, ao entardecer, e decidiremos de uma vez por todas o que faremos de nossas vidas...

— Vou passar uma semana inteira sem encontrá-la? — perguntei, angustiado.

— Você nem mesmo terá tempo de pensar nisso, Wilson — respondeu Lois — Estará ocupado demais durante esta semana...

— Preocupado, você quer dizer... — retruquei.

Lois não respondeu.

Limitou-se me beijar novamente, como o ardor e a paixão da mulher que está se despedindo do homem que vai para o campo de batalha...

SEGUNDA PARTE

UM

Nunca uma segunda-feira me pareceu tão insípida e deprimente.

Jamais o prédio imponente da Faculdade de Medicina me trouxe tanta raiva e tanta vontade de mandar tudo para o inferno e ir para Timbuctu, Bangladesh ou, que fosse, para Piúma, no Espírito Santo...

Afinal, o inferno é igual em qualquer parte do mundo.

Sozinho?

É claro que não!

Teria de ser com Lois ao meu lado ou não teria coragem e nem motivação para ir a lugar nenhum...

Nem mesmo para o reino de Satanás.

A sala de autópsias, de repente, ficou ainda mais tétrica do que habitualmente já era e, pela primeira vez, senti uma certa aversão por meu trabalho.

Vi o primeiro cadáver a ser necropsiado, um cadáver de jovem do sexo masculino que tinha morrido em virtude de uma infecção generalizada, e imaginei-o ainda vivo, cheio de sonhos, cheio de esperanças, amando e sendo amado, desejando, lutando por um lugar ao sol...

E, no entanto, ele estava ali.

Tudo terminara, para ele não haveria mais o amanhã...

Estava começando a me paramentar para iniciar a necrópsia, quando vi o Araújo que se aproximava, todo sorridente, balançando na mão as chaves de meu carro.

Não perdi a oportunidade...

— Foi bom que você tenha chegado, companheiro — falei, voltando a me vestir — Trate de me pagar o trabalho extra de sábado e o uso de meu automóvel durante o fim-de-semana... Vou deixar minhas três autópsias de hoje, para você fazer...

Araújo deu de ombros, entregou-me as chaves e, quando eu já estava saindo, falou:

— Hoje à noite, teremos um bom programa, Wilson... Chegam duas colegas nossas da Espanha... Você as conhece, a Isabel e a Madalena... Elas me telefonaram dizendo que gostariam de sair conosco para...

— Não conte comigo — cortei — tenho muito o que fazer e não estou com a menor disposição de ciceronear colegas aqui em São Paulo!

Araújo arregalou os olhos, fez menção de dizer alguma coisa mas logo desistiu e, dando de ombros, foi se aprontar para começar as autópsias enquanto eu deixava aquele recinto que, pela primeira vez desde que eu entrara na Faculdade, parecia-me o lugar mais tétrico do mundo.

Ainda ouvi, à porta, quando ele comentou com um dos auxiliares:

— Que bicho será que mordeu o Wilson, este fim-de-semana? Ele nunca foi assim! Sempre esteve pronto para mostrar a noite paulistana para quem quer que fosse! Principalmente para mulheres bonitas!

Com passos rápidos, atravessei os corredores do Departamento e voltei para minha sala onde Carmen, toda sorridente, me cumprimentou:

— Como foi o fim-de-semana, Wilson? Divertiu-se?

E, antes que eu tivesse tempo de inventar alguma história pelo menos convincente, ela acrescentou:

— Meu marido foi viajar... Vai passar dez dias em um congresso em Salvador...

Olhei para Carmen atravessado...

Eu sabia muito bem o que é que ela estava querendo dizer nas entrelinhas.

Sem o marido, com dez dias de férias conjugais em um matrimônio que já andava muito próximo da falência, Carmen estava sugerindo mais uma aventura...

Certo que até aquela segunda-feira — melhor dizendo, até a última sexta-feira — esse tipo de aventura bem que poderia me animar.

Mas...

Depois de Lois...

Não haveria a menor possibilidade e, ao mesmo tempo em que pensava em Carmen livre e solta pelos próximos dez dias, disposta a *descontar* toda a insatisfação que o casamento lhe trazia, imaginei como seria a semana sem me encontrar com Lois...

Terrível!

O prognóstico era simplesmente assustador!

Carmen se aproximou de mim e, com aquele seu jeito carregado de sedução, falou:

— Poderíamos fazer alguma coisa, Wilson... Aproveitar o tempo...

Disfarcei, fingi que apanhava um livro na estante, afastei-me dela e disse:

— Sinto muito, Carmen... Mas estou com os relatórios demais atrasados... Tenho de trabalhar e acho que vou aproveitar a noite para por em dia todo esse serviço.

Minha secretária lançou-me um olhar assassino e, apertando muito os olhos, resmungou:

— Entendi... Entendi, doutor Wilson... Está me dispensando, não é isso?

Percebi que ela se controlava para não deixar que as lágrimas rolassem por seu rosto.

— Ouça, Carmen... — balbuciei, atrapalhado — Não é nada disso! Eu não...

— Eu sei muito bem o que é! — interrompeu-me ela, irada — Você passou o fim-de-semana com aquela tal de Lois... A moça que telefonou na sexta-feira!

Com uma expressão de escárnio, juntou:

— E agora, está aí... Todo apaixonado, fazendo o papel de idiota, de adolescente com a primeira namorada!

Conteve, a custo, um soluço e murmurou:

— Não percebe que ela apenas quer usufruir de seu dinheiro e de sua posição! Não enxerga que, na sua idade, um homem precisa tomar muito mais cuidado com os relacionamentos com as mulheres, principalmente com mulheres mais jovens!

Assustado, olhei para Carmen e ia abrindo a boca para me defender e defender simultaneamente Lois, mas ela não me deixou.

Já não mais se controlando, Carmen gemeu:

— Mas eu... Eu o quero, Wilson... Eu o quero como homem, como amante... Como o único homem capaz de me satisfazer!

Tive vontade de rir...

Eu sabia muito bem que Carmen não estava falando a verdade.

Ela não tinha apenas a mim como seu esteio de satisfação e já me tinha confessado isso!

Carmen não era promíscua mas...

Daí a dizer que ela não tinha vários *casos* ao mesmo tempo, o passo era muito longo!

Aliás, fora esta uma das principais razões pelas quais ela não quis se fixar a mim quando, tempos atrás, chegara a lhe propor uma união mais estável: Carmen sabia que jamais conseguiria ser de um só homem, fosse este seu marido, eu ou qualquer outro.

Balancei a cabeça negativamente e ponderei:

— Nós já nos entendemos a respeito disso, Carmen... E chegamos à conclusão...

— Combinamos? — interrompeu ela, quase gritando — É verdade! Combinamos! Mas essa combinação jamais foi cumprida! Quantas e quantas vezes nós dois saímos juntos depois daquela conversa durante a volta de Campos do Jordão?

Deixando-se cair sobre sua cadeira, ela falou:

— Muitas vezes... Foram muitas vezes! E aconteceu, porque o doutor Wilson estava carente, sentia vontade, precisava de amor e carinho! Mas, quando chega a minha vez... Quando sou eu quem precisa...

No fundo, Carmen estava dizendo uma grande verdade...

Todas as vezes em que fomos para a cama, tinha sido por iniciativa minha, tinha sido porque eu não conseguira suportar a solidão de meu quarto vazio, a nudez crua e má das paredes que me cercavam.

E Carmen jamais *negara fogo*...

— Não acha que está sendo injusto comigo, Wilson? — choramingou ela, aproximando-se outra vez.

Sim...

Eu achava.

Aliás, naquele instante eu estava me achando o maior de todos os canalhas do mundo, tinha a certeza de estar traindo todos os meus princípios, tudo quanto eu me dissera a mim mesmo durante todos aqueles anos, desde o dia que Marlene me deixara.

Mas...

Eu encontrara Lois...

Olhei para Carmen, olhei para minha mesa de trabalho, atulhada de relatórios que eu precisava por em dia.

Percebi, de repente, que não havia o menor clima para mim naquela sala, que se continuasse ali provavelmente ficaria ainda mais deprimido.

Resmunguei qualquer coisa a respeito de ir trabalhar em minha própria casa, sobracei como pude uma pilha de relatórios e apressado, como se tivesse o próprio Demônio correndo atrás de mim, tratei de dar o fora dali.

Ainda escutei Carmen soluçando, mal respondi à pergunta de um colega que, tendo escutado alguma coisa da discussão com minha secretária, aparecera à porta, curioso, querendo saber o que estava acontecendo.

Só consegui respirar um pouco mais aliviado quando, já à direção de meu automóvel, tomei o caminho de casa, tentando imaginar se estava ficando louco ou não...

+ + + + + + +

Dizem os entendidos em laborterapia, que o trabalho é um dos melhores remédios para a maior parte dos males da alma.

Creio que esses estudiosos pecam apenas por uma razão...

Não conhecem, efetivamente, a alma.

É bem verdade que eu, especialmente depois daquele fim-de-semana, estava completamente perdido e, se durante o curso de psiquiatria e psicologia, cheguei a tirar algumas boas notas, mais do que nunca tinha a certeza de que não sabia absolutamente nada a respeito da mente humana e — o que ainda era muito pior — a respeito de minha própria mente.

Isso posto, é fácil concluir porque lá pelas dez e meia da manhã, ainda não tinha conseguido fazer nada, não passara da primeira página do primeiro relatório.

Comecei a ficar inquieto, não conseguia raciocinar, não conseguia nem mesmo ficar sentado à minha escrivaninha e, quando percebi que o meu fiel computador parecia estar revoltado contra mim, recusando-se a me obedecer — obviamente, como todo computador é uma máquina burra, eu é que não estava conseguindo comandá-lo — desisti.

— Vou dar uma volta — murmurei — Talvez, depois do almoço...

Saí.

Caminhei a pé, sem leme e sem rumo pelas ruas de Higienópolis, entrei em uma padaria pensando em comer um doce como fazia quando ainda criança.

Desisti.

Quando vi os doces, aparentemente tão apetitosos, tão bonitos e cheirosos, lembrei-me do aroma da cozinha de Lois, das sobremesas que ela me fizera provar e...

Lois!

Não conseguia tirá-la da cabeça, não conseguia imaginar uma semana inteira sem vê-la.

— *Mas é o fim do mundo!* — pensei — *A troca de quê todo esse sacrifício, se eu sei muito bem o que quero?!*

E eu sabia...

Eu queria tê-la ao meu lado, queria ter a certeza de que, ao voltar para casa depois de um dia de trabalho, ela estaria ali, à minha espera, com aquele seu sorriso cativante, aquele olhar que ficava permanentemente entre a súplica e a mofa...

Lois!

Como pudera acontecer aquilo?!

Como eu pudera me deixar apaixonar daquela maneira, já começando a ficar grisalho, já entrando na idade que muito sadicamente os mais jovens chamam de *idade madura*?

Ora!

De maturidade, eu não estava demonstrando nada!

Muito pelo contrário, estava mesmo parecendo um rapazinho cuja namorada dissera que *precisava de um tempo para poder pensar e ver se...*

— Não! — exclamei em voz alta, fazendo com que uma senhora que passava por mim naquele instante, na calçada da Praça Buenos Aires, olhasse assustada para o meu lado, certamente pensando que eu enlouquecera — Não tem o menor cabimento!

Olhei para o relógio, constatei que passava pouco de meio-dia.

Quase hora do almoço...

A hora em que as pessoas normais param de trabalhar para satisfazer uma das necessidades básicas da vida nesta dimensão...

Lois deveria estar, também, fazendo o seu intervalo para comer.

Não vacilei...

Nem mesmo voltei para casa para apanhar meu automóvel.

Fiz sinal para um táxi que passava e ordenei que me levasse ao *sebo* onde encontrara Lois na sexta-feira.

DOIS

As surpresas começaram no instante em que entrei no *sebo*.

O aspecto da loja estava completamente diferente, havia muito mais livros novos do que velhos e a disposição das estantes e prateleiras também estava mudada.

Hesitei por alguns segundos, voltei para a calçada, olhei ao redor imaginando que estivesse enganado e que tivesse entrado em uma outra loja.

Mas não...

Aquela era a única livraria da rua, e eu tinha certeza de não ter me enganado de endereço.

Assim, já com uma estranha sensação de estar *voando*, dirigi-me a um senhor idoso que estava sentado atrás de uma escrivaninha de tampa de correr, provavelmente ainda mais antiga do que ele mesmo.

— Boa tarde — cumprimentei.

O velhote apenas ergueu os olhos para mim, olhos miúdos, como os de um camundongo, resmungou uma resposta somente para não ficar mal-educadamente calado, e eu indaguei:

— A senhorita Louise Moitte... Lois... já saiu para o almoço?

O homem franziu as sobrancelhas, o que o fez ficar ainda mais parecido com um rato, e disse:

— Sinto muito, moço... Mas aqui não há nenhuma mulher com esse nome.

Esboçou um sorriso e acrescentou:

— Aliás, nesta loja, há mais de vinte anos não trabalha mulher nenhuma... Desde que minha esposa faleceu, eu não tive nenhuma outra pessoa do sexo feminino por aqui...

Baixando um pouco a voz, explicou:

— Uma questão de respeito à memória de minha mulher... Ela sempre foi muito ciumenta, sabe? E com certeza não gostaria que eu tivesse uma funcionária já que, enquanto viva, ela não admitia que eu tivesse sequer uma faxineira... Era ela que fazia questão de executar todos os trabalhos. Desde a limpeza até a administração do dinheiro da livraria!

Àquela altura dos acontecimentos, eu já estava ficando completamente apavorado.

Como poderia ser possível uma coisa daquelas?!

— Há alguma outra livraria por aqui? — arrisquei, muito embora já soubesse a resposta — Um *sebo*?

O velhote balançou negativamente a cabeça e eu murmurei:

— Mas isso não pode ser... Sexta-feira, eu vim aqui... E Lois estava aqui, trabalhando normalmente! Ela me atendeu!

O velho olhou para mim com estranheza e comentou:

— Não trabalho às sextas-feiras, moço... Minha loja fica fechada, nesses dias.

Pôs-se de pé com certa dificuldade e justificou-se:

— Já estou muito velho... Há dez anos, passei a me dar o direito de encerrar minha semana na quinta-feira à tarde.

Ergueu os ombros em um sinal de displicência e juntou:

— Na realidade, não faz muita diferença, mesmo... Com o que o povo brasileiro compra de livros... Não seria um dia a mais de trabalho que haveria de me fazer milionário!

Atônito, sem conseguir entender o que estava acontecendo e muito menos o que tinha acontecido, circunvaguei o olhar ao meu redor.

Sim...

Era a mesma livraria.

Podia reconhecer as mesmas paredes manchadas, as duas estantes de madeira ao fundo, até mesmo as vitrines da frente, com algumas coleções encadernadas. Eram as mesmas coleções que eu vira quando ali estivera...

Havia, é verdade, algumas pequenas modificações...

Duas estantes centrais, por exemplo, não estavam ali na sexta-feira e a escrivaninha parecia ser um pouco diferente...

Caminhando distraidamente por entre os livros, tentei encontrar a estante de onde eu vira Lois tirar o velho livro sobre Tarô.

Não a encontrei.

Pensei em perguntar para o ancião onde é que ele escondia a seção de livros místicos e esotéricos mas, percebendo que ele estava olhando excessivamente desconfiado para mim, fiquei com medo que me achasse doido de pedra e chamasse a Polícia...

Assim, completamente sem jeito, desarvorado e desarmado, despedi-me dele e ganhei a rua.

Vasculhei os arredores em busca de outra livraria...

Inútil.

Aliás, eu já sabia que seria pura perda de tempo. Eu estivera naquela livraria mesmo, tinha certeza disso assim como tinha certeza de ter sido atendido por Lois...

— Vou procurá-la em sua casa! — exclamei para mim mesmo, já fazendo sinal para um táxi que passava — Lois vai ter que me explicar tudo isso!

Sentando-me no banco ao lado do motorista, dei-me conta de que não tinha a menor idéia do endereço da moça, quando ele me perguntou:

— Para onde vamos, senhor?

Embatuquei.

Sem saber o que responder, murmurei:

— Para casa... Vamos para casa.

O motorista sorriu, incrivelmente paciente para um profissional de sua atividade e falou:

— Está certo, senhor... Mas onde fica sua casa?

+ + + + + + +

Dirigindo meu próprio automóvel, passei pela décima vez por aquela rua.

Eu estava certo de que era ali, eu tinha entrado em uma vila naquela rua, o táxi me deixara na esquina e eu caminhara a pé até a casa de Lois...

Mas...

— Onde diabos está essa vila?! — perguntei-me, já irritado — Ela não pode ter desaparecido dessa maneira!

Estacionei, fui até um bar na esquina adiante — eu me lembrava desse bar — e perguntei ao barrigudo proprietário a respeito de uma vila por ali.

O homem balançou negativamente a cabeça e disse, com um sorriso nos lábios:

— Não, amigo... Por aqui não há nenhuma vila.

E, maldoso, sarcástico, falou:

— Mas não se preocupe... Algumas doses de uísque a mais fazem isso mesmo... São ótimas para nos dar sustos! Eu já cheguei a perder o meu carro durante três dias! Não conseguia me lembrar onde eu o tinha deixado...!

Bem...

Ele apenas perdera um automóvel e, pelo que pude entender, acabara recuperando-o.

Mas eu...

Eu tinha perdido a mulher de minha vida!

Nada menos que isso!

Voltei para meu automóvel, a cabeça dando voltas, o coração apertado, a alma...

Morta.

Decididamente, sem mais nenhum estímulo.

E sem entender o que poderia ter acontecido.

— Não estou louco — disse para mim mesmo — Não pode ter sido um sonho!

Por um breve momento, a mentalidade de médico, a mente cheia de vícios profissionais — pois não há profissão que tenha mais vícios do que a Medicina — pensei na possibilidade de ter tido uma crise de ausência e, por algum mecanismo cerebral desconhecido para mim e para qualquer neurologista, ter vivido dois dias recolhido à minha imaginação.

Mas, havia as dores pelo corpo, as deliciosas dores causadas pelo excesso de amor...

E havia o cheiro...

O cheiro de Lois, seu perfume, seu odor, ainda impregnado em minhas narinas, em meu cérebro, em minhas roupas, em minha alma.

Não...

Tinha, de fato, acontecido.

Em minha ânsia de detectar alguma âncora que me prendesse à realidade, lembrei-me da fúria de Carmen, de seu ciúme e da expressão que fizera ao dizer que eu tinha passado um fim-de-semana na farra, *com aquela tal de Lois...*

Sim...

Tinha sido ela que atendera o telefonema de Lois na sexta-feira e me passara a ligação...

Portanto...

Pelo menos o telefonema tinha acontecido.

E, para que ele pudesse ter ocorrido, eu tinha que ter conhecido, efetivamente, Lois.

Logicamente, no *sebo*, já que eu não fora em nenhum outro lugar...

Em seguida, lembrei-me de ter recebido um outro telefonema, este no domingo à noite, quando eu já estava de volta à minha casa e... sozinho.

Fora uma ligação de um colega do Departamento de Cirurgia, que precisara de uma congelação no domingo pela manhã e me procurara.

— Onde esteve, Wilson? — perguntara ele — Tentei ligar no sábado durante toda a tarde, depois à noite e até no domingo de manhã, meia hora antes da cirurgia... Como não o encontrei, precisei chamar outro patologista...

Eu me desculpara dizendo que tinha ido viajar para o interior e o colega, talvez mais para massagear meu ego do que por qualquer outro motivo, dissera que estaria enviando para a Faculdade o material cirúrgico para que eu pudesse ver as lâminas.

— Faça questão de seu diagnóstico — dissera ele.

Assim, eu também não estivera em minha casa...

Estivera em algum lugar com Lois.

Isso, eu jamais poderia negar.

Mas...

Onde?!

TRÊS

Para ser sincero, não sei como foi que consegui chegar à minha casa e tampouco sei dizer de que maneira consegui sobreviver aos primeiros trinta minutos de reflexão quando, segurando um copo de uísque na mão, sentei-me em minha poltrona disposto a analisar e, por fim, entender o que estava acontecendo.

Estaria tendo alucinações?

Teria me contaminado, em uma das muitas autópsias que andara fazendo, com alguma bactéria capaz de causar uma espécie de encefalite que me levasse a ver coisas, a ouvir e — o que era ainda mais impressionante — a ter sensações as mais diversas e eminentemente físicas tais como o paladar, o olfato e... o prazer sexual?

Não...

Isso não seria possível.

Pelo menos até aquele momento, eu não conhecia nenhum quadro patológico contagioso que pudesse levar àquele tipo de reação.

E, por cima de tudo, havia o telefonema...

Carmen atendera, passara a ligação para mim. Isso, pelo menos, não tinha sido sonho.

E ela se identificara, dissera chamar-se Lois!

Mas...

Como era possível eu não ter encontrado a vila em que estivera?

Como poderia explicar o *sebo* cujo proprietário garantira que jamais trabalhara ali outra mulher que não a sua esposa?

Por mais que pensasse, por mais que tentasse dar alguma lógica às minhas idéias, eu não conseguia mais do que ficar dando voltas em cima de voltas, retornando sempre às mesmas perguntas sem qualquer resposta.

Apanhei um pedaço de papel, tentei montar uma sinopse do que acontecera — melhor dizendo, do que eu vivera — durante o fim-de-semana mas, ainda que conseguisse quase escrever uma novela sobre as últimas setenta e duas horas, não cheguei a nenhum resultado que me trouxesse uma luz qualquer sobre o assunto.

Esvaziei o copo de uísque, enchi-o outra vez e novamente o esvaziei, subconscientemente imaginando que talvez o álcool pudesse facilitar de alguma maneira a minha compreensão.

Porém, de nada adiantou e, quando já estava para me preparar uma terceira dose, recuperei parte da razão e concluí que, se sóbrio não estava conseguindo pensar, bêbado então, a coisa seria ainda pior.

Pousei o copo sobre a mesa de canto ao lado de minha poltrona e, fechando os olhos, pela milésima vez naquela segunda-feira, vi o rosto de Lois sorrindo para mim, enquanto ela dizia, em tom divertido:

— *Você precisa descobrir e provar para você mesmo que me ama... E que acredita em mim!*

Era quase uma manifestação sado-masoquista...

A imagem de Lois, seu rosto, seu sorriso, faziam-me sofrer...

E, no entanto, eu queria vê-la novamente, mesmo que apenas assim, em minha imaginação.

Lutando comigo mesmo, tentei afastá-la de meus pensamentos, tentei substituí-la por alguma outra coisa mas...

Mais uma vez, foi em vão.

Lois parecia estar ali, ao meu lado, diante de meus olhos, na casa inteira, preenchendo totalmente a minha existência.

Foi quando já estava desistindo e estendendo outra vez a mão para a garrafa de uísque, que a campainha do telefone tocou.

Creio que um boxeador que está apanhando seriamente do adversário e que já antevê o nocaute, sente a mesma coisa que senti, ao escutar o som do gongo...

Naquele instante, o telefone — o tão odiado aparelho por nós, médicos — salvou-me de um nocaute certo.

Atendi, pressuroso e aliviado.

Fosse quem fosse que estivesse me chamando, estaria me permitindo alguns minutos de outros pensamentos, estaria me forçando a me desviar daquele caminho mental que, catastroficamente, estava me levando à loucura.

Era o Araújo que, com um sincero timbre de preocupação na voz, me perguntava:

— Mas o que aconteceu com você, Wilson? Por que não voltou para a Faculdade, hoje à tarde?

E, sem esconder a recriminação, disse:

— Você deixou todos muito preocupados... Não fez suas autópsias, discutiu com a Carmen... Não apareceu para a sua aula...!

Respirei fundo e, depois de alguns segundos, respondi:

— Não estava bem disposto, Araújo... Creio que foi alguma coisa que comi durante o fim-de-semana...

Pronto!

Voltava mais uma vez a lembrar de Lois, de seus pratos ciganos, de seu rosto, de seu sorriso, de suas formas e... de seus carinhos...!

— Está melhor? — indagou Araújo — Está precisando de alguma coisa?

— Estou bem, agora — respondi — Obrigado, não preciso de nada. Acho que se dormir um pouco, amanhã estarei em forma, novamente.

Falamos ainda por alguns minutos, Araújo contou sobre a reunião anátomo-clínica daquele dia, disse que eu fizera falta, pois era um caso de câncer de pulmão, falou que chegara uma peça cirúrgica especialmente recomendada para mim e despediu-se dizendo que estaria fora até perto de uma hora da madrugada, pois iria levar as duas colegas espanholas que acabaram de chegar, para conhecer São Paulo à noite.

— Vamos sentir sua falta, Wilson — resmungou ele — Você é que sempre foi considerado *o rei da noite*...

Forcei uma risada, repliquei dizendo-lhe que já lhe ensinara tudo quanto sabia a respeito de bares, restaurantes e boates de São Paulo e que, assim, ele estava perfeitamente apto para me substituir.

— Ainda mais hoje — completei — que estou meio jururu... Eu seria uma péssima companhia.

— Quem sabe — disse ele, antes de desligar — amanhã você estará com disposição...

— Talvez — admiti — Amanhã será um outro dia...

Desligamos e eu, com um suspiro, murmurei:

— Sim... Amanhã será um outro dia... Mais um dia... Sem Lois.

Olhei para o telefone.

— *Talvez ela ligue para mim...* — pensei.

++++++

Mas, Lois não ligou e eu fiquei ali, sentado em minha poltrona, fixando a maldita invenção de Graham Bell, esperando que tocasse, que me chamasse, que me trouxesse a voz de Lois.

Adormeci ali mesmo, nem fui para a cama, e despertei com a claridade do dia que levantava, entrando pela janela e trazendo consigo o burburinho da cidade grande.

Espreguicei-me, esfreguei os olhos e, com o corpo todo dolorido por causa da posição incômoda na poltrona, deixei a sala disposto a comer alguma coisa.

Foi quando estava no corredor, a meio caminho da cozinha, que eu senti o cheiro...

Era o inconfundível aroma de ovos fritos e bacon...

Ouvi o ruído de alguma coisa fritando, escutei mexerem em panelas...

Entrei na cozinha.

Sobre o fogão, uma frigideira com dois ovos estalados e duas tiras de bacon, provavam-me que eu não sonhara.

Porém, não havia ninguém na cozinha e eu sabia que ainda era muito cedo para a minha empregada, a fiel Efigênia, já ter chegado.

No entanto, sobre a mesa, dois pãezinhos frescos, ainda quentes, a garrafa térmica cheia de café e a leiteira devidamente preparada, mostravam que alguém tinha ido à padaria, entrado em minha casa e aprontado o meu desjejum.

— Efigênia! — chamei.

Não obtive qualquer resposta.

Atravessei a cozinha, fui até a área de serviço e, mais uma vez, ninguém estava ali.

Verifiquei a fechadura.

Continuava trancada por dentro, inclusive com o trinco de segurança.

Corri para a porta da frente.

Ela também estava trancada.

Verifiquei todas as janelas da casa.

Ninguém entrara ali e nem entraria, visto que eu estava no décimo andar...

Liguei para a portaria do prédio, perguntando se alguém subira trazendo pão e leite para meu apartamento.

— Não senhor — respondeu o porteiro — Ainda são cinco e meia da manhã! A dona Efigênia nunca chega antes das sete!

E, solícito, acrescentou:

— Mas eu vou sair daqui a meia hora, doutor... Se quiser que eu vá comprar pão e leite...

Agradei, disse-lhe que não era necessário e desliguei, pensativo.

Normalmente, se agisse de acordo com o que me ditava o consciente, eu teria fugido de minha própria casa como o diabo foge da cruz...

Mas, inconscientemente, eu peguei a frigideira, servi-me e comi com muito gosto...

Dei-me conta, de repente, que estava agindo naturalmente, que não mais estava sentindo medo e que, por incrível que pudesse parecer, não estava mais me preocupando com aqueles estranhos fenômenos.

E muito menos tentando encontrar explicações para o que estava acontecendo.

Fui tomar um banho, procurei relaxar na banheira cheia de água morna e, quando saí do banheiro enrolado em uma toalha, lembrei-me que encontrara a banheira cheia, a toalha dobrada sobre o banquinho ao lado...

E não tinha sido eu que preparara tudo!

Para minha surpresa, dei de ombros e tratei de me vestir.

Olhei o relógio...

Eram exatamente seis e meia da manhã.

Quinze minutos depois, eu estava em minha poltrona, lendo o jornal do dia que o porteiro deixara do lado de fora de minha porta.

Novo em folha...

Como se nada de anormal tivesse acontecido em minha vida.

QUATRO

Cheguei um pouco atrasado ao Departamento, entrei às pressas em minha sala apenas para deixar outra vez sobre a escrivaninha a pilha de relatórios em que nem conseguira mexer e, de passagem, pude perceber que Carmen estava outra vez de bom humor.

Com certeza, depois de ter caído em si, na véspera, algum de seus amigos conseguira consolá-la convenientemente e assim, ela readquirira o sorriso e aquele aspecto jovial que tão bem a caracterizava e que faziam o seu encanto.

Na sala de autópsias, encontrei Araújo já terminando a sua parte no trabalho — chegara bem cedo, ao contrário de seu costume, pois imaginara que eu ainda não estaria bem disposto e por isso, teria trabalho em dobro.

Cumprimentei os funcionários e notei que eles estavam meio ressabiados comigo, talvez imaginando que eu estivesse com excesso de trabalho, precisando urgentemente de férias.

O que, no fundo, não deixava de ser uma grande verdade pois já fazia dois anos que não parava um pouco, que não saía da rotina, enfrentando todos os dias aquela sala lúgubre, abrindo cadáveres e, depois, dando aulas de histopatologia para duas turmas de alunos metidos a sabichões e com a mania de estudar a matéria adiantadamente, só para poder *pegar* o professor em alguma falha.

Já devidamente paramentado, entrei na sala e olhei o cadáver que me tinha sido destinado.

Era uma velha, magra, ossuda, bastante alta, branca...

Segundo a papeleta do hospital, ela morrera com um quadro de insuficiência cárdio-respiratória, aos setenta e dois anos de idade.

Foi uma autópsia banal, o quadro clínico coincidia exatamente com os achados anátomo-patológicos macroscópicos, não apareceu nenhum quadro paralelo, estava tudo em ordem.

A velha morrera sem dar trabalho e, mesmo depois de morta, também não aborrecera ninguém, muito menos o patologista, no caso eu...

Passei para a sala seguinte, onde também me esperava uma necrópsia das mais fáceis: era um homem de cerca de quarenta e cinco anos de idade, que morrera também no hospital, com um quadro de broncopneumonia.

Quando já estava terminando, Araújo apareceu à porta da sala e pediu-me para dar uma olhada na necrópsia que ele ia começar a fazer.

— Dificuldades? — perguntei.

— Não creio que tenha — respondeu ele — É um caso simples. Um infarto agudo do miocárdio, provavelmente. O cadáver foi trazido para o Serviço de Verificação de Óbitos, pela Polícia, pois foi morte em casa, sem assistência médica.

Enquanto entrava em sua sala, ele falou:

— Mas o interessante é a tatuagem que esse homem tinha no peito. Nunca vi nada igual!

Olhei para o corpo estendido sobre a mesa de autópsias.

Tratava-se de um indivíduo de pouco mais de cinquenta anos de idade, completamente glabro, gordo e flácido. Era branco, de um branco leitoso que, depois da morte, chegava a ficar quase azulado.

E, em seu peito, sem qualquer pelo, ocupando cerca de setenta por cento de sua superfície, havia um desenho artisticamente executado...

Um desenho que, com os olhos arregalados e o coração batendo descompassadamente, eu pude reconhecer.

— Você já viu um desenho igual a esse? — perguntou-me Araújo.

Demorei alguns segundos para responder, pensando muito seriamente se valeria a pena ou não contar-lhe a verdade.

Por fim, decidi que esconder seria uma atitude por demais pueril e, esforçando-me para manter um tom de firmeza na voz, falei:

— Sim... Conheço esse desenho. É a representação do Arcano Maior XII, *O Pendurado*...

Araújo olhou para mim, estupefato.

— Arcano Maior? — indagou — Por acaso você está falando de Tarô?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça e, um pouco perturbado, respondi:

— Sim... É uma das lâminas do Tarô de Marselha...

Voltei a olhar para a tatuagem.

Era perfeita e, pelo seu estado, podia-se inferir que não era muito antiga pois as cores ainda estavam muito vivas, os contornos bastante nítidos.

— Não sabia que você entendia dessas coisas... — murmurou Araújo.

— E não entendo — apressei-me a dizer — Comecei a me interessar durante este fim-de-semana.

Antes que ele me perguntasse mais coisas e com medo de, de repente, voltar a me sentir deprimido, saí apressado da sala.

Porém, enquanto tomava o banho desinfetante obrigatório depois das autópsias, meus pensamentos não conseguiam se afastar daquela imagem.

— *Por que esse Arcano?* — pensei — *E quem teria sido esse homem?*

+++++

De volta à minha sala, antes de iniciar meu trabalho de rotina, pedi a Carmen que fosse buscar a papeleta do tatuado, com o Araújo.

Ela voltou depois de menos de cinco minutos, com a pasta que eu solicitara e com uma expressão interrogativa no rosto.

— O doutor Araújo disse que não encontrou nada de estranho na autópsia. A *causa mortis* foi infarto agudo do miocárdio e não há nenhuma outra patologia secundária.

Entregando-me a papeleta, acrescentou:

— Ele disse que você reconheceu com facilidade o desenho que o cadáver tinha tatuado no peito... Um dos arcanos maiores do Tarô...

— Ora... — murmurei, sem jeito — Tinha acabado de ver essa figura em um livro... Qualquer um poderia reconhecê-la...

Carmen sorriu e, voltando para sua escrivaninha, comentou:

— Não sei porque esse preconceito, Wilson... Não há mal nenhum em se interessar por esses assuntos!

Apontou para um canto de minha mesa e completou:

— Ainda mais quando se traz para a Faculdade, um livro sobre ele...!

Olhei para onde ela estava apontando e, pasmo, vi ali o velho livro que, de fato, tinha sido o início de tudo...

— Como é que isso foi aparecer aqui? — perguntei, espantado — Quem o trouxe para cá?

— Ora, Wilson! — exclamou Carmen — Foi você mesmo!

— Não! — protestei — Eu não trouxe livro nenhum!

Mostrei a pilha de relatórios e falei:

— Vim para a Faculdade trazendo estes relatórios... Somente eles! E, de mais a mais, deixei este livro na casa de...

Interrompi-me.

Carmen olhou significativamente para mim e, com um sorriso nos olhos, perguntou:

— Na casa da tal de Lois, não é isso?

Inconscientemente, fiz um sinal afirmativo com a cabeça e Carmen, fitando-me com intensidade, falou:

— Pois você o trouxe para cá juntamente com seus relatórios. Quando cheguei, sua mesa estava limpa. Não saí da sala em nenhum instante e ninguém entrou aqui. Logo, só pode ter sido você...

De fato, a lógica afirmava exatamente isso.

Só que, desde a sexta-feira, as últimas coisas que estavam acontecendo em minha vida eram justamente os fenômenos lógicos...

Eu estava certo de ter deixado o livro na casa de Lois e tinha plena e total convicção de que não o levava de volta para minha residência. Portanto, eu jamais poderia tê-lo trazido para a Faculdade.

E, se ele estava ali...

Alguém tinha que ser responsável por aquilo...

Alguém o apanhara na casa de Lois e o levava para a minha sala!

Jamais poderia haver outra explicação...

— Tem certeza que ninguém entrou aqui? — perguntei, embora já soubesse que Carmen insistiria em negar e, provavelmente com toda a razão.

Ela olhou para mim, cheia de pena e disse:

— Você está precisando descansar um pouco, Wilson... Ou, então...

Notei um certo despeito em sua voz, quando ela completou:

— Ou então, está apaixonado!

Já um pouco irritado com tudo aquilo, rosnei:

— As duas coisas podem estar certas, Carmen...

Respirando fundo e procurando me controlar, acrescentei:

— Mas, agora, o que é importante, importantíssimo mesmo, é saber como esse livro veio parar em minha sala!

Carmen suspirou, deu de ombros e, resmungando alguma coisa a respeito de minha teimosia e de minha falta de modos ultimamente, retomou seu trabalho.

Percebendo que nada mais conseguiria dela a não ser uma explosão, abri a papeleta do tatuado e comecei a examiná-la.

Como seria de esperar — afinal, o cadáver tinha sido trazido pela Polícia — ali não havia nenhum relatório médico.

Havia, isso sim, uma cópia xerográfica de um passaporte norte-americano emitido na cidade de New Orleans, em nome de Louis Bolen...

E havia ali, também, o seu endereço em New Orleans: Gallatin Street, Tetché River...

Segundo o que me dissera Lois, a rua dos *cajuns*.

CINCO

Tive que fazer um imenso esforço para não deixar transparecer minha excitação.

Ali estava, possivelmente, uma pista que poderia me levar a Lois!

O falecido, tinha tudo para ser um cigano *cajun* e eu podia muito bem imaginar que os *cajuns* jamais seriam encontrados em cada esquina de São Paulo, por mais cosmopolita que esta cidade possa ser. Logo, seria muito possível que Louis Bolen — o homem tatuado — fosse conhecido por um outro grupo de *cajuns* e que alguém desse grupo, conhecesse Lois.

A minha Lois...

A vontade que tinha era de sair correndo de minha sala, voar até o endereço onde o corpo fora encontrado e tentar relacionar Bolen com Lois.

Porém, o fato de já ter desaparecido do Departamento na véspera e a maneira como tanto Carmen quanto Araújo e até mesmo os funcionários subalternos estavam me olhando, fizeram com que eu pensasse um pouco melhor, me acalmasse e esperasse chegar a hora do almoço para agir.

Contentei-me, enquanto esperava ansiosamente o tempo passar, em abrir o velho livro de Tarô na página do Arcano Maior XII, *O Pendurado*.

Ali, em um francês antigo que lembrava a maneira de Sacha Guitry falar, o autor dizia que este Arcano, é muitas vezes chamado erroneamente de *O Enforcado*. A lâmina mostra um homem jovem suspenso entre o céu e a terra, pendurado pelo pé esquerdo entre duas árvores cujos galhos estão cortados. Sua expressão não mostra medo, angústia, ira ou pavor. Muito pelo contrário, ele está sereno e imperturbável apesar desta estranha e penosa posição. Segundo a interpretação do autor, isso acontece porque o homem tem consciência do estágio de perfeição que foi por ele alcançado. Ainda está ligado às coisas inerentes à Terra — pendurado, ele se encontra entre o Céu e a Terra, portanto entre o Temporal e o Astral — mas sabe que se libertou pelo menos parcialmente da esfera dos sofrimentos e paixões por que passou nas reencarnações anteriores e na atual. É, na realidade, a *representação da posição ambígua do homem, entre o divino e o terreno*. Chama a atenção o fato da corda que o suspende não estar amarrada ao seu pé ou à sua perna, simplesmente desaparecendo por trás desta. Também é de se notar a posição iniciática das pernas, a direita dobrada sobre a esquerda, formando uma cruz. Por outro lado, o fato da cabeça estar voltada para baixo, direcionada às raízes das árvores que o enquadram, leva a imaginar que o homem está sendo obrigado a repensar suas atitudes, a refletir sobre suas origens para então, já com novas idéias e novas perspectivas, retomar sua trajetória de vida.

Já completamente absorto pela leitura do velho livro, nem sequer notei que Carmen, curiosa como toda mulher e, ainda mais sendo secretária, estava de pé às minhas costas, tentando ler por cima de meu ombro.

— Não entendo esse francês... — queixou-se ela, incapaz de se controlar, querendo saber o que estava escrito, com uma ânsia que parecia se transformar em revolta por não conseguir ler o que estava ali, como se fosse todo o conhecimento de uma vida e a totalidade da necessidade de sua sobrevivência.

Sorri.

Cedi...

Afinal, Carmen merecia aquela consideração.

Uma mulher que, durante tantos anos, tinha tolerado as minhas manias, suportara as minhas crises fossem elas de histeria ou de cunho carencial, existencial, e além de tudo, minha secretária, tinha o direito de saber o que é que me prendia tanto a atenção e que nada tinha a ver com o meu trabalho ou profissão.

— Tranque a porta e sente-se, Carmen — falei — Vou ver se consigo explicar para você o que está acontecendo...

Enquanto ela, pressurosa, corria o ferrolho da porta, acrescentei:

— Mas você vai jurar que não me considerará louco, que não chamará o pessoal da psiquiatria e...

Segurando sua mão com ansiedade, finalizei:

— E vai jurar que acreditará em minhas palavras!

+ + + + +

Durante quase três quartos de hora, contei para Carmen, o mais minuciosamente que pude, o que tinha acontecido comigo desde a sexta-feira pela manhã, quando tudo em minha vida estava parecendo dar errado, desde a viagem do Araújo com o meu carro, a imensa dificuldade para encontrar um táxi e a pouquíssima vontade de trabalhar que estava sentindo, até a noite de delícias com Lois e a nossa despedida, no domingo ao entardecer, sem deixar de falar sobre o meu misterioso desjejum naquela segunda-feira cedo.

Carmen foi nobre...

Manteve-se estóica, firme, não manifestou como eu imaginava que o fizesse, os ciúmes de sempre.

Muito pelo contrário, ela pareceu entender, pousou a mão sobre meu antebraço e disse:

— Imagino o que deve estar passando, Wilson... Para um homem como você, quase agnóstico... Deve ser terrível! Você deve estar até mesmo questionando seriamente a sua sanidade mental!

Olhei de lado para Carmen, tentando perceber se ela falava sério ou se estava apenas tentando disfarçar, tentando me distrair enquanto, rompendo nosso trato,

dava um jeito de chamar os *en-fermeiros-mastodontes* da psiquiatria para me internar...

Porém, Carmen parecia sincera e, para surpresa minha, ela falou:

— Eu sempre gostei de temas esotéricos e místicos, Wilson... Por isso, andei lendo e estudando um pouco sobre o Tarô...

Sorriu e, apanhando o velho livro e mostrando a gravura que representava o Arcano Maior XII, prosseguiu:

— O aparecimento desta lâmina em um sistema qualquer de leitura, em posição correta significa antes de mais nada, espírito de sacrifício e capacidade de aceitação de provações em benefício de uma causa geradora de um bem maior. Além disso, esta lâmina fala da necessidade de uma pausa na caminhada para repensar e para retomar o impulso em nova escalada ou, até mesmo, em uma nova trajetória. O significado esotérico é a *morte* do homem para o mundo material, para que efetivamente possa ingressar no mundo espiritual.

Erguendo os olhos para mim, ela disse, muito séria:

— O Arcano XII pode significar, também, uma crise interna que exige solução imediata. E acho que isto pode se aplicar muito bem a você.

Meneei afirmativamente a cabeça e concordei:

— Você tem razão... Estou passando por uma crise que preciso resolver imediatamente, sob pena de enlouquecer de vez!

Fitei-a com expressão angustiada e ansiosa, dizendo:

— Sei que Lois existe! Sei que estive com ela! Sei que não estou louco, Carmen! Pelo amor de Deus!!!

Carmen suspirou, ergueu-se da cadeira ao meu lado e voltou para sua escrivaninha, tirando o fone do gancho.

— Vou ajudá-lo, Wilson... — falou ela — Para que veja que não sou egoísta e para que se convença de uma vez por todas de que gosto muito de você...

Discou o número da chefia do Serviço de Verificação de Óbitos e, quando atenderam do lado de lá da linha, ela disse:

— Clóvis? É Carmen, secretária do doutor Wilson... Estou precisando muito de um favor seu...

+ + + + + + +

Enquanto esperávamos o retorno do telefonema de Carmen, continuei a ler o livro francês, agora traduzindo para minha secretária.

O autor, depois de discorrer exatamente sobre o que ela me dissera, confirmando para mim mesmo que Carmen entendia muito mais de Tarô do que de seu próprio serviço ali na Patologia, falava a respeito da experiência de se inverter a lâmina do Arcano XII, deixando-o de cabeça para cima.

Carmen e eu sorrimos quando viramos o livro de cabeça para baixo: o *Pendurado* parecia feliz, dançando com as mãos atrás das costas.

— Isso mostra a inversão total do arquétipo — ponderou Carmen — Na posição original, o *Pendurado* parece um prisioneiro e aqui, nesta posição, ele está livre e feliz, dançando uma música qualquer!

Algumas linhas abaixo, o autor falava dos troncos podados de árvores, dizendo que a poda, como a ceifa, é a garantia de renascimento, de brotação, assim como poderia significar o *corte* de toda e qualquer relação com a futilidade e com os preconceitos da vida terrena.

Depois que acabei a leitura, Carmen ficou silenciosa por alguns momentos e, por fim, disse:

— Veja, Wilson... Você precisa interpretar essa lâmina, aplicando-a ao seu caso, de duas maneiras...

Olhei para ela, intrigado, e Carmen continuou:

— Em primeiro lugar, quando você entrou na sala de autópsia do doutor Araújo, o que é que viu, em primeiro lugar?

— A mesa de autópsia, com o defunto sobre ela, ainda intacto. Araújo ainda não tinha começado a necrópsia... — respondi.

Com uma certa impaciência, Carmen balançou a cabeça negativamente e insistiu:

— Não... Não é isso o que quero dizer. Pergunto-lhe o que é que viu antes... A cabeça ou os pés do morto?

— A cabeça, é claro! — respondi — As mesas são colocadas, em todas as salas, com a cabeceira voltada para a porta...

— Isso! — exclamou ela — E, já que você viu a cabeça do morto, já que as mesas são sempre dispostas de forma a parecer que *o cadáver entrou de frente* na sala, como estava a tatuagem em relação a você?

Antes que eu pudesse responder, Carmen juntou:

— Estava em posição invertida, não é mesmo?

Concordei com um balançar de cabeça e ela prosseguiu:

— Quando você foi examinar o cadáver, aí então, viu o desenho em sua posição normal...

Mais uma vez, concordei com minha secretária e ela, com um sorriso de triunfo, disse:

— Por isso, você precisa interpretar integralmente a lâmina do *Pendurado*! Na posição invertida e na posição correta!

Interessado, a cada momento mais e mais fascinado por aquilo tudo, perguntei

— E como seria a interpretação?

— Na posição invertida, significa a necessidade de solucionar um problema difícil, independente do sacrifício que se tenha de fazer para isso — respondeu Carmen — E, na posição certa, significa a consciência de que é preciso renovar, é preciso renascer para uma nova etapa na vida...

Nesse preciso momento, o telefone tocou e Carmen, ao atender, sorriu:

— Ótimo, Clóvis — falou ela — Muito obrigada... Quer dizer que ninguém veio reclamar o corpo... Está certo. Vamos tomar as providências agora mesmo.

Anotou alguma coisa em um pedaço de papel, agradeceu novamente e desligou.

Voltando-se para mim, toda sorridente, anunciou:

— Pronto, Wilson! Já temos uma pista para iniciar as pesquisas.

Ficando muito séria de repente, minha secretária falou:

— Mas antes, é preciso que você faça algo...

Franzi as sobrancelhas, intrigado, e Carmen explicou:

— Ninguém veio reclamar o corpo de Bolen. E é preciso dar-lhe um enterro digno. Prometi que nós dois iríamos providenciar isso.

— Claro — concordei — Creio que é o mínimo que poderia fazer por esse homem... Principalmente se ele, de fato, me ajudar a reencontrar Lois!

SEIS

Clóvis saiu de minha sala todo satisfeito com o cheque que eu lhe dera para providenciar o enterro de Louis Bolen. Eu conhecia muito bem aquele pessoal todo e sabia que a quantia que ele me pedira pagaria com folga dois ou três enterros... Mas, naquele instante, o destino que ele iria dar ao dinheiro era o que menos me interessava e, depois de ter a garantia de Clóvis de que Bolen seria enterrado dignamente no dia seguinte, dei-me por satisfeito e não discuti, apesar da expressão de desagrado de Carmen e de suas admoestações depois que saímos em direção ao estacionamento da faculdade, dizendo-me que eu não sabia mesmo administrar minhas despesas, que era explorado de todas as maneiras e que ela sempre soubera que a minha necessidade número um seria de uma companheira que guardasse minhas economias um pouco mais avaramente e não me deixasse ser *un vrai panier percé*.

Já sentada ao meu lado, Carmen disse:

— Segundo as informações que obtive junto ao Serviço de Verificação de Óbitos, Louis Bolen estava de passagem pelo Brasil. Isso é fácil de confirmar, basta ver o passaporte dele. Tem o visto de entrada de menos de trinta dias atrás... E ele morreu durante a noite, em uma casa da Avenida Nova Cantareira, no Tucuruvi.

Carmen acendeu um cigarro, soprou a fumaça pela janela e continuou:

— Aquela região, do Campo de Marte até a Cantareira, é uma região onde podemos encontrar muitos ciganos ricos.

Sorriu, voltou o rosto para mim e explicou:

— Sim, ciganos ricos. Ao contrário do que muita gente pensa, nem todos os ciganos são nômades. É bem verdade que eles têm suas origens em povos nômades e, por causa disso, mantêm algumas tradições interessantes como por exemplo, viajar no mínimo duas vezes por ano. Só que, esses ciganos que residem...

Enfatizando a palavra, repetiu:

— *Residem*, veja bem, nessa região de São Paulo, quando viajam, fazem-no de avião. São pessoas ricas, bem educadas, bem colocadas no seio da sociedade e muitas ocupam lugares de destaque até mesmo na política, contradizendo o que se diz a respeito dos de sua raça...

Foi minha vez de olhar para Carmen, e ela falou:

— É muito comum afirmar que os ciganos não têm pátria. Isso não é verdade. Quando eles adotam um país, ou uma região, eles aí se fixam e passam a amar e

respeitar essa terra como se fosse sua verdadeira pátria. É o que aconteceu com os *cajuns* na Louisiana e é o que acontece com os ciganos do Tucuruvi, aqui em São Paulo.

Surpreso com a demonstração de conhecimento que Carmen estava me dando, perguntei:

— Mas como é que você sabe tudo isso?

Com um sorriso onde transparecia uma ponta de tristeza, ela respondeu:

— Eu me formei em História e Antropologia, Wilson... E pela USP. Acontece que, no Brasil...

Ergueu os ombros como se estivesse pedindo desculpas e acrescentou:

— Aqui neste nosso país, esse tipo de profissão não só tem uma péssima remuneração, como não é nem mesmo considerada adequadamente. Assim, para poder trabalhar e um dia, quem sabe, exercer a minha verdadeira vocação, eu prestei concurso para secretária na Faculdade de Medicina. Consegui entrar e, graças a Deus, fui parar em sua sala...

Olhou para o vazio à sua frente e murmurou:

— Não me arrependo... Vivi momentos muito bons trabalhando para você...

Riu, inclinou-se para o lado e deu-me um beijo na face direita, dizendo:

— Principalmente nos trabalhos fora de hora e bem longe do Departamento, sabia?

Não pude deixar de sorrir.

Carmen era incrível!

Virava e mexia, ela sempre arranjava um jeito de me lembrar de nossas aventuras e, é claro, eu não podia negar que essas lembranças também me eram muito queridas.

Tentando mudar de assunto, indaguei:

— Quer dizer que eu devo ir para o Tucuruvi?

— Sim — respondeu Carmen — Vamos para a Avenida Nova Cantareira e, a julgar pelo número da casa, ela deve ser no caminho do Horto Florestal.

Ficamos calados por alguns momentos, enquanto eu entrava na Ponte da Casa Verde e, quando já estávamos um pouco mais livres do trânsito pesado do acesso à ponte, Carmen perguntou:

— O que pretende fazer, quando reencontrar essa mulher?

Respirei fundo.

Refleti um pouco e respondi:

— Em primeiro lugar, quero que ela me explique uma porção de coisas... Como conseguiu fazer o meu desjejum hoje de manhã, por exemplo. Também quero que me explique como não encontrei sua casa e como aquele velhote me garantiu que jamais houve qualquer mulher que não fosse a sua própria esposa, trabalhando naquela livraria.

Sorri, um pouco sem jeito, para minha secretária e completei:

— Depois, quero me casar com ela...

— Casar? — mofou Carmen — Mas você é muito antigo! Casamento é uma instituição falida!

Balançou negativamente a cabeça e disse:

— Basta ver o meu caso... Talvez meu matrimônio estivesse indo bem, se eu não tivesse casado, com papel, padre, véu e grinalda! Se eu tivesse simplesmente *juntado os trapos*, acho que tudo estaria bem melhor!

— Você entendeu o que eu quis dizer com casamento, Carmen — defendi-me — Para mim, estar casado significa morar junto, partilhar todos os momentos, dividir as alegrias e as tristezas, as felicidades e as frustrações.

Carmen permaneceu em silêncio e, quando eu já estava chegando à Avenida Afonso Braz, ela indagou:

— E você acha que seria capaz de conviver de maneira definitiva e permanente com uma mulher capaz de ler os seus pensamentos, com alguém capaz de realizar prodígios como a telecinesia e outras *magias* mais?

++++++

Esta era uma pergunta que eu ainda não me tinha feito...

E que, posta assim de chofre, diante de meu nariz, conseguia me embatucar.

De fato...

Tinha sido muito interessante, durante o fim-de-semana, Lois ter conseguido ler meus pensamentos com uma tal frequência que muitas vezes dispensava-me de falar: ela já percebia o que eu iria dizer muito antes de ter oportunidade de fazê-lo.

Porém, essa sua capacidade posta permanentemente em uso e ação, com toda a certeza acabaria com a minha privacidade e eu seria obrigado a não pensar se tivesse alguma coisa que não desejasse lhe transmitir.

Mas, ao mesmo tempo em que essa dúvida me era imposta por Carmen, surgia em minha mente a pergunta óbvia de todo apaixonado: *mas o que é a privacidade entre dois seres que se amam?*

A resposta surgiu em minha cabeça pronta, lisa e lesta: *alguém que já tinha chegado à minha idade ainda solteiro, sem jamais ter dividido a vida com ninguém, certamente teria muito de pessoal e de estritamente particular a preservar. E isso sem contar que a solidão de um celibatário é um patrimônio de que ele jamais conseguiria lançar mão.*

Impiedosa, Carmen acrescentou:

— E você precisaria levar em consideração que o fato de essa tal de Lois ser uma taróloga *fanática*...

— Jamais disse que ela é fanática — protestei — Lois, apenas conhece profundamente o Tarô e muitas outras coisas do esoterismo e do misticismo...

Fingindo nem mesmo ter escutado meu protesto, Carmen continuou:

— O fato de Lois ser uma *fanática* por ocultismo, certamente vai limitar o seu nível de conversas... E você, tal como eu o conheço, não vai suportar mais do que uma semana ou duas falando somente sobre esse tema.

Tentei relembrar o fim-de-semana que tinha passado ao lado de Lois...

Carmen tinha razão.

Nós não faláramos sobre outro assunto que não fosse o Tarô e — fui obrigado a admitir — duas ou três vezes, cheguei a me sentir um pouco cansado...

Sorri comigo mesmo, pensando que eu teria aproveitado o tempo um pouco melhor...

Teria passado mais horas na cama.

Mas, apesar de tudo, não me desgostara a conversa e muitas vezes, eu me deixara literalmente *viajar* nas palavras de Lois e cheguei a me ver convivendo com os Arcanos, tentando melhor compreender os arquétipos, buscando um elo de ligação do que estava vendo e ouvindo com o meu próprio inconsciente.

— Eu a amo — falei, categórico — E sei que jamais conseguiria viver sem ela.

Olhei para Carmen e arrematei:

— É por isso que preciso encontrá-la, Carmen... Preciso de Lois como o cimento precisa de água para poder fazer uma parede!

+ + + + + + +

Subi a Doutor Zuquim, entrei na Avenida Água Fria e, depois de mais de quinze minutos de tráfego, cheguei à Nova Cantareira.

Dobrei à esquerda quase em frente à Academia da Polícia Militar e segui em direção ao Horto Florestal.

Ao meu lado, Carmen olhava atentamente para os números das casas e, em dado momento, falou:

— É por aqui, Wilson! Estamos perto!

Diminuí a marcha do automóvel e Carmen, com expressão preocupada, murmurou:

— Mas que engraçado... Esse número não existe...!

Fiz uma careta de desgosto.

Seria possível que a história da livraria e da casa de Lois iria se repetir?

— Olhe direito — pedi — Você sabe como são esses bairros mais afastados... A numeração das casas é toda irregular, muitas vezes não obedecem a nenhuma espécie de padrão...

— Faça a volta na próxima esquina — ordenou Carmen, ignorando meu comentário — Vamos começar outra vez...

Obedeci e passamos novamente pelo trecho de avenida cuja numeração estava mais próxima do número que minha secretária conseguira com Clóvis.

E, mais uma vez, não o encontramos.

— Mas isso não é possível! — exclamou Carmen — Existe um relatório policial! O corpo de Bolen foi apanhado por aqui, em uma destas casas! Como é que é possível não o encontrarmos?

— Já conheço essa história... — falei — Não consegui encontrar a casa de Lois... Não me surpreenderia se não encontrássemos o lugar onde morreu Louis Bolen!

SETE

— Mas nós vamos encontrar! — garantiu Carmen — Esse cadáver não surgiu do nada nas mãos da Polícia! Houve um chamado, o *rabecão* foi buscar, foi elaborado um relatório policial, foi feita autópsia... Não há como se dizer que Louis Bolen não existiu!

Ofendido, protestei:

— Com isso, você está insinuando que Lois e tudo quanto aconteceu durante este fim-de-semana e hoje de manhã, foi tudo fruto de minha imaginação?!

Carmen sorriu, balançou a cabeça negativamente e disse:

— Não fique assim, Wilson... Não foi minha intenção ofendê-lo. Apenas eu quis dizer que, no caso de Lois, há apenas você como testemunha... E eu, que atendi um telefonema. Mas, no caso de Bolen, há uma porção de documentos provando a sua existência e, o que é mais ainda, a sua procedência! Esse homem, segundo a Polícia, morreu nesta rua, em uma casa perto daqui! Não há a menor possibilidade de não a encontrarmos!

No fundo, Carmen tinha razão.

Porém, não estávamos encontrando o número citado no relatório policial...

— Talvez tenha acontecido um erro de datilografia — avengei — Você sabe como são essas secretárias...

Carmen lançou-me um olhar assassino e, logo em seguida riu, dizendo:

— Você está sendo injusto. As secretárias via de regra copiam o que lêem. Elas não têm culpa se quem escreve tem letra de médico... E eu já pude perceber que a maioria dos policiais que fazem relatórios ou anotações na rua, têm uma caligrafia muito próxima da hieroglífica!

Antes que a discussão começasse a crescer, Carmen sugeriu:

— Vamos parar e perguntar. Creio que alguém deve saber sobre uma morte ocorrida nas imediações, não é mesmo?

Aceitei prontamente a idéia e estacionei diante de um bar com aquele aspecto típico de botequim freqüentado única e exclusivamente pelos moradores do *pedaço*.

Um senhor gordo, de camiseta tipo regata quase tão suja quanto o macacão de um mecânico, informou-me que, de fato, soubera de uma morte naquele trecho do bairro.

— Parece que foi um cigano — falou — E um cigano estrangeiro, que nem falava português.

— É esse mesmo! — exclamei, entusiasmado.

E, ansioso, indaguei:

— Onde foi o óbito? Temos o relatório da Polícia mas não encontramos a casa mencionada...

O proprietário do bar franziu as sobrancelhas e disse:

— Mas ele não morreu em casa nenhuma, acho eu! Pelo que soube, esses ciganos estavam acampados em um terreno baldio, aqui perto...

E, esfregando um copo com um pano que normalmente deveria ser pano-de-chão tal a sua cor, acrescentou:

— Mas o senhor não vai encontrar mais ninguém por lá... Eles foram embora esta madrugada. O meu vigia disse que os ciganos partiram logo depois que a Polícia carregou o corpo, no *rabecão*.

Suspirei, desanimado.

— E para onde eles foram? — perguntei, já sem alento nenhum, completamente sem esperanças de receber uma resposta alvissareira.

— E vá saber! — exclamou o homem — O senhor sabe como são os ciganos... Hoje estão aqui, amanhã estão em Bauru ou até mesmo a caminho da Argentina!

Carmen, que descera do carro, como sempre curiosa e impaciente com a minha demora, comentou:

— Mas... Por aqui há uma porção de ciganos estáveis... Famílias inteiras bem estabelecidas e morando como quaisquer outras pessoas!

— É verdade — admitiu o proprietário do bar — São ciganos muito ricos, gente muito importante!

Apontou para a parte alta do bairro e falou:

— Eles moram ali em cima... São quatro ou cinco casas enormes, com piscina e tudo o mais.

Deu uma risadinha e juntou:

— Uma dessas famílias diz que é de origem francesa... Só nós, que moramos aqui há mais de trinta anos, é que sabemos da verdade: são ciganos que foram ficando ricos e acabaram se estabelecendo no bairro. Não viajam mais, quando saem de casa vestem-se como qualquer pessoa normal... Nem sequer admitem serem tratados por ciganos!

Carmen olhou para mim e disse:

— Creio que devemos procurar essa família. Afinal, Louis Bolen é sobrenome francês, ainda que a nacionalidade do morto fosse norte-americana...

— Não seria melhor tentarmos encontrar o grupo que estava acampado no tal terreno baldio? Bolen estava com ele, segundo estas últimas informações.

— Seria muito difícil encontrar esse bando — afirmou Carmen, com convicção — Os ciganos se movimentam muito rapidamente e não dizem a ninguém para onde estão indo, mesmo porque nem eles mesmos o sabem.

Pedi para o proprietário do bar as indicações necessárias para chegar à residência dos tais *franceses* e, depois de agradecer, puxou-me pelo braço, dizendo:

— Compreenda que é inútil tentar rastrear esses ciganos, Wilson. Além de não possuímos a menor pista de seu paradeiro, eles estão com uma vantagem muito grande sobre nós em termos de tempo. Imagine que, se eles saíram daqui por volta de cinco horas da manhã, pode ser que estejam já perto do Rio de Janeiro ou na metade do caminho para Belo Horizonte!

Fui obrigado a admitir que Carmen, mais uma vez, estava coberta de razão.

Assim, entramos no meu automóvel e rumamos para a parte alta do bairro, para um trecho conhecido como Jardim França.

— Algo me diz que obteremos informações mais precisas justamente aí — assegurou Carmen — E não me pergunte porque estou com essa certeza... Jamais seria capaz de responder!

+ + + + + + +

A casa indicada pelo proprietário do bar, era uma verdadeira mansão plantada no meio de um terreno de quase um hectare, cercada por árvores centenárias e eucaliptos.

— Moram bem, esses seus ciganos! — comentei, enquanto tocava a campainha.

Um porteiro eletrônico atendeu e a voz de mulher que perguntou quem eu era e o que desejava, tinha um forte sotaque francês.

Disse que eu era um professor da Faculdade de Medicina e que queria fazer algumas perguntas a respeito de uma morte ocorrida durante a madrugada, ali perto.

— O senhor é da Polícia? — perguntou a mulher.

— Não — respondi — Não temos nada a ver com assuntos policiais.

E, depois de hesitar um instante, acrescentei:

— Nosso interesse é meramente científico, minha senhora...

Cheguei a gaguejar e senti minhas faces ficarem rubras.

Olhei para Carmen que sorria, maliciosa, e murmurei:

— Interesse científico... Acho que sou o maior mentiroso do mundo!

Nesse instante o portão se abriu e a voz de mulher disse-me para entrar com o automóvel.

Obedeci e deixei o carro rolar por uma alameda de azaléas que, depois de uma curva suave, desembocava em um pátio diante da suntuosa casa.

Uma senhora magra, alta, com mais de setenta anos de idade, estava à porta.

Pude notar que ela deveria ter sido, quando jovem, uma mulher muito bonita e atraente pois, apesar dos anos e dos cabelos inteiramente brancos, ela conservava aquele aspecto altivo e seguro que somente as mulheres muito belas conseguem manter ainda que em guerra constante contra a inexorabilidade do Tempo.

Muito simpática e sorridente, ela nos recebeu, disse chamar-se Antoinette e estar à nossa disposição embora não soubesse bem de que maneira poderia nos ajudar.

Olhei para suas roupas.

Mme. Antoinette estava vestida normalmente, usava uma saia um pouco mais comprida do que o normal, florida e alegre, e uma blusa branca, de rendas. Calçava sandálias de salto alto sem meias e trazia anéis em todos os dedos das mãos, à exceção dos polegares.

Anéis grandes, de ouro pesado e com pedras coloridas.

No meu entender, a única indicação de sua origem cigana.

Ela nos fez entrar, mandou uma criada nos servir café e, perguntou:

— De que maneira posso ser útil à Ciência?

Com um sorriso cativante, acrescentou:

— Fico muito honrada com isso... Sempre achei que a obrigação de todo cidadão é contribuir, de alguma forma, para o progresso da ciência...

Olhei para Carmen, todo atrapalhado e minha fiel e eficiente secretária, assumindo o comando da situação, falou:

— Não sei se a senhora está sabendo, Madame... Mas esta madrugada, houve uma morte aqui por perto.

Vendo a expressão espantada e horrorizada que Mme. Antoinette fazia, Carmen se apressou a dizer:

— Foi uma morte natural, não houve qualquer violência. Foi um cigano que morreu em um acampamento aqui perto, de infarto agudo do miocárdio...

Mme. Antoinette se empertigou na poltrona em que estava sentada e eu adivinhei que ela ia protestar, perguntando por que razão resolvêramos entrevistá-la sobre a morte de um cigano.

Carmen, por sua vez, também raciocinara da mesma maneira e, impedindo-a de falar, disse:

— Esse cigano era um *cajun* de New Orleans... Seu nome, no passaporte, era Louis Bolen. Por isso, achamos que a senhora poderia nos dar alguma informação a respeito dele.

Mme. Antoinette perdera a sua aura de simpatia e, parecendo incomodada, agitou-se na cadeira, resmungando:

— *Mais... Je ne sais rien à propos de ce gitain!*

— Na realidade — continuou Carmen, imperturbável — nós não estamos tão interessados no pobre M. Bolen, quanto estamos interessados em uma moça que talvez ele conhecesse, chamada Louise Moitte.

E, com um sorriso, juntou:

— Parece-nos que Louise era mais conhecida simplesmente por Lois...

Os olhos de Mme. Antoinette brilharam de repente e se abriram desmesuradamente.

Seus lábios se moveram por diversas vezes, como se ela estivesse tentando articular algumas palavras mas sem conseguir fazer com que o som saísse de sua garganta.

Por fim, levantou-se da poltrona e, trêmula, balbuciou:

— Mas... Não é possível! Não é possível que vocês estejam falando da minha Lois!

OITO

Muito nervosa, Mme. Antoinette dirigiu-se para uma estante no fundo da sala e trouxe de lá um álbum de fotografias.

Abrindo-o, com mãos trêmulas e a voz embargada pela emoção, ela nos mostrou uma fotografia e perguntou:

— Por acaso, é dessa moça que vocês estão falando?

Carmen, que jamais tinha visto Lois, olhou interrogativamente para mim e eu, pegando o álbum em minhas mãos, sorri.

Sim...

Ali estava Lois...

Linda como sempre, com aquele sorriso que durante um fim-de-semana inteiro, tinha feito a minha loucura.

Ela usava uma saia que lhe chegava à metade das pernas, uma blusa branca de gola alta e estava apoiada à frente de um automóvel que, imediatamente, reconheci como sendo um *Aero Wyllis* modelo 1964.

Voltei uma página no álbum e ali estava Lois, novamente.

Muito mais nova, estava ao lado de *Chevrolet Impala* 1959.

Em um outro retrato, uma foto em preto e branco, duas páginas para trás, Lois estava em uma calçada, em uma rua movimentada. Teria perto de quatorze anos de idade e usava calças compridas e um pulôver de gola alta.

Franzi as sobancelhas tentando reconhecer o local onde ela estava.

Sim, eu me lembrava de já ter visto aquele trecho de São Paulo e foi só quando notei, em um canto da fotografia, a placa da *Barbearia Elite*, que reconheci ser a Avenida Angélica, na altura da Praça Buenos Aires.

E, então, eu percebi...

Percebi que as roupas que Lois estava usando tinham sido moda no final dos anos cinqüenta até a metade da década de sessenta... Percebi que os automóveis eram todos antigos, inclusive os que estavam na rua, mais afastados da moça, e que as outras pessoas presentes nas fotografias, também estavam vestidas à moda dos *anos dourados*.

Eu me lembrava daquela época...

Ainda era bastante pequeno, morava no interior onde as notícias e os modismos demoravam um pouco mais para chegar e, justamente por isso, eu era um apaixonado pelas revistas que vinham da Capital trazendo as imagens do que se usava no meio civilizado.

Tinha sido uma fase muito boa de minha vida, sentia saudades daqueles tempos de criança pré-adolescente, quando as maiores responsabilidades que me eram jogadas sobre as costas, era fazer corretamente as lições de casa e comprar, todas as manhãs, o pão e o leite para o desjejum da família.

Não havia autópsias, não havia alunos, não havia mais nada a não ser a obrigação de aproveitar ao máximo a vida e a liberdade que podia usufruir à vontade em uma cidade interiorana onde jamais aconteciam violências, assaltos, seqüestras e coisas assim, hoje em dia tão comuns e rotineiras nos grandes centros.

A visão aqueles retratos trouxe à minha mente a lembrança saudosa das tardes no Jardim da Estação, brincando com meus coleguinhos, empinando pipas, jogando pião e bolinhas de gude...

Tempos e dias que jamais poderiam voltar e que, muito provavelmente, nem mesmo meus filhos — se um dia os tivesse e fosse viver no interior — poderiam viver.

Olhei para Mme. Antoinette e comentei:

— Mas Lois é muito parecida com a senhora...!

E, esboçando um sorriso, indaguei:

— São suas, essas fotografias?

Ela sorriu.

Havia uma intensa e irradiante candura em seu sorriso, quando ela respondeu:

— Não... Essas são as fotografias de Lois...

Mostrou-me aquela em que a moça aparecia encostada à frente do *Aero-Wyllis* e acrescentou:

— Esta foi a última fotografia que ela tirou...

Virou-se para mim e, muito emocionada, disse:

— Dois meses depois, em novembro de 1964, quando completou vinte e quatro anos, ela morreu de leucemia.

+ + + + + + +

Tive a impressão que um raio caía sobre minha cabeça e que o chão desaparecia sob meus pés.

Por um momento, intervalo de tempo que me pareceu quase um século, não consegui articular uma só palavra e o ar parecia ter parado em meus pulmões, sufocando-me.

Finalmente, sentindo que Carmen apertava minha mão e me sacudia, consegui retornar à realidade, balbuciando:

— Morreu? Lois morreu há mais de trinta anos? E com vinte e quatro anos de idade???

Olhei angustiado para Mme. Antoinette e esta, de repente, pareceu-me extremamente calma, em paz consigo mesma e com o mundo.

— Sim — respondeu ela — Lois morreu aos vinte e quatro anos, no dia 20 de novembro de 1964, de leucemia. O diagnóstico tinha sido feito exatamente no dia em que ela tirou essa fotografia.

Voltei o rosto para Carmen e murmurei:

— Mas... Isso não é possível... Não posso acreditar!

Balançando a cabeça em desespero, gemi:

— Isso vai contra toda e qualquer lógica!

Carmen levantou-se de sua poltrona, aproximou-se de mim e, abraçando minha cabeça, falou:

— Você está enganado, Wilson... Há uma lógica que não foi contrariada de maneira nenhuma e que pode explicar perfeitamente o que aconteceu! Basta você pensar menos materialistamente, menos cartesianamente, querido! Lembre-se que não existem apenas as três dimensões a que estamos habituados e que no Mundo Astral, aquilo que pode nos parecer ilógico, é o que de mais lógico pode haver!

Mas...

Carmen poderia dizer o que quisesse.

Se até aquele momento eu estivera aceitando paciente e surpreendentemente tantas coisas e tantos fatos que batiam de frente com o meu modo de pensar e com a minha forma de encarar a vida, aquela última *descoberta* extrapolava tudo, ultrapassava todo e qualquer limite para mim.

Belisquei-me, senti o beliscão...

Não...

Eu não estava sonhando.

De fato, eu me encontrava na casa de uma cigana rica, num bairro chamado Jardim França...

E essa mulher dizia-se mãe de Lois...

De uma Lois que teria morrido havia mais de trinta anos e que estivera comigo até menos de quarenta e oito horas antes!

— Não estou louco, eu...? — perguntei para Carmen, ouvindo minha própria voz ecoando como se eu estivesse falando do fundo de um poço.

Olhei, mais uma vez para Carmen, olhei para Mme. Antoinette que, por sua vez, fitava-me com complacência e expressão de piedade.

Voltei os olhos para o álbum, para a fotografia de Lois.

E pareceu-me que a foto maior, aquela em que ela aparecia com o *Aero Wyllis*, criava vida de repente, Lois piscando seu olho esquerdo para mim, enquanto ampliava o sorriso...

Senti que tudo começava a girar ao meu redor, como se eu estivesse em um carrossel.

Percebi que me segurava nos braços da poltrona, parecia-me que a velocidade com que a sala inteira girava estava aumentando cada vez mais e que tudo diante de meus olhos se transformava em um imenso, em um gigantesco funil...

Ouvi uma risada cristalina que soava acima, muito mais alto do que o estranho som de turbilhonamento que tomava conta de minha cabeça.

Eu conhecia aquela risada...

E fazia tanto tempo que não a escutava...

Então, o rosto de Lois surgiu à minha frente.

Fixo, estático em seu sorriso, com o mesmo brilho no olhar...

E, aos poucos, o rosto foi se transformando...

Os olhos muito azuis de Lois foram escurecendo, foram ficando cor de mel, seus cabelos, de louros que eram, ficaram quase negros e a pele, muito branca, pareceu-me que se dourava...

Ela estava ali...

Nelly...!

Não havia dúvida nenhuma, era Nelly!

A minha doce, desprezada e traída Nelly...

EPÍLOGO

Recobrei a consciência espichado sobre uma confortável cama de um quarto de paredes brancas e imaculadas, com Carmen segurando minhas mãos e soluçando, preocupada.

Ao seu lado, Raul estava sorridente e, apoiando a mão sobre o ombro de Carmen, dizia:

— Não se preocupe, Carmen... Isso não foi nada! Era, mesmo de esperar que ele tivesse alguma coisa assim... Depois de tudo o que aconteceu...

Olhei, meio aparvalhado para os dois e, sentindo a boca seca como se fosse um pedaço de papel, perguntei:

— O que houve? Onde estou?

Carmen olhou carinhosamente para mim e, com a voz sincopada pelos soluços que ainda a sacudiam, respondeu:

— Você está na casa de Raul, querido... Teve um desmaio... Ficou desacordado por quase meia hora!

Com um sorriso, tentando mostrar-se magoada, reclamou:

— Você me deu um susto danado!

Tentei sentar na cama, vi que ainda estava completamente zozzo e desisti, deixando-me cair, com um gemido, sobre os travesseiros.

— Não tenha pressa — recomendou Raul — Melhor do que qualquer outro, o senhor sabe que precisa repousar um pouco...

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça e, nesse instante, uma criada entrou no quarto trazendo uma jarra com refresco e um pequeno cálice com conhaque.

— Vamos — falou Raul — Beba. Um pouco de álcool é bom para regenerar o sistema nervoso.

Obedeci pressuroso mesmo porque, se não me tivesse sido oferecido, eu pediria um bom copo de qualquer bebida forte...

Depois de tomar dois copos de refresco e de virar goela abaixo o conhaque, consegui sentar na beirada da cama sem achar que ela era um helicóptero pronto para decolar dali levando-me para o Inferno...

Olhei para Raul com expressão súplice e perguntei:

— Mas afinal... O que aconteceu?

E, tentando recordar os últimos momentos, falei:

— Lembro-me de ter visto o rosto de Lois... E, logo depois, ela desapareceu surgindo em seu lugar a fisionomia de Nelly. Exatamente como aconteceu na casa de Mme. Antoinette...

Raul puxou uma cadeira e sentou-se diante de mim.

Mandou a criada trazer mais duas doses de conhaque e, por sua vez, perguntou:

— O senhor não percebeu, doutor Wilson? Não estabeleceu uma correlação de fatos e datas?

— Não — respondi.

E, com um tom ofendido na voz, murmurei:

— Acho que seria pedir demais de mim mesmo...

Raul concordou comigo, disse que de fato seria muito difícil que eu conseguisse entender tudo assim, sem nenhuma ajuda exterior, e explicou:

— Andei pedindo a Carmen que me ajudasse em algumas informações. Enquanto o senhor estava... dormindo... nós fizemos alguns telefonemas e acredito que conseguimos chegar a algumas conclusões bastante interessantes.

A criada entrou nesse momento, serviu o conhaque para nós e Raul continuou:

— Telefonamos para Mme. Antoinette, mãe de Louise Moitte... Ela nos informou que Louise — Lois, como gostava de ser chamada — era uma moça bastante tímida, até mesmo um tanto quanto retraída demais, que não tinha namorados, não gostava de sair, preferindo ficar em seu quarto pintando ou estudando assuntos relacionados com o esoterismo e todas as ciências ditas *herméticas*. Quando ela completou dezessete anos, decidiu ir para a terra de seus antepassados *cajuns*, New Orleans, para se dedicar com todo o afinco aos estudos do Tarô. Mas não se restringiu aos ensinamentos das velhas *cajuns*. Lois foi para a Índia, para Marrocos, para o Nepal... Esteve viajando por uma porção de lugares, sempre se aprofundando nas ciências herméticas. Quando voltou para casa, depois de mais um *tour* pela Europa, foi feito o diagnóstico de leucemia. A doença foi rápida, muito mais rápida do que a Ciência e Lois morreu no dia 20 de novembro de 1964.

Olhou intensamente para mim e disse:

— Exatamente oito dias antes do nascimento de Nelly.

Senti o coração bater mais depressa, minhas mãos começaram a tremer e a suar.

Raul, servindo-me mais um cálice de conhaque, prosseguiu:

— Quando você se afastou de Nelly, o que foi que ela lhe disse?

Pensei um pouco e respondi, com firmeza:

— Ela disse que, mesmo que o mundo desse quatro mil voltas, eu haveria de entender que o amor é...

Calei-me.

Quatro mil voltas!

Quatro mil dias!

Dez anos, aproximadamente!

— Não é possível... — balbuciei — Não posso acreditar!

— Pois acredite, meu caro — retrucou Raul — Acredite que essa é a mais pura verdade mágica que você já viu ou verá em toda a sua vida terrena!

Fiquei em silêncio por um longo e angustiante minuto.

Depois, olhando para Carmen, perguntei:

— Quer dizer que Lois e Nelly... Elas são a mesma pessoa?

— Não — respondeu Carmen — São, isso sim, o mesmo espírito.

— Mas como isso é possível? — indaguei, ainda incrédulo — Como um espírito pode estar comigo, na forma de Lois e em Nelly, ao mesmo tempo?

Raul e Carmen se entreolharam e de repente, senti medo...

Muito medo.

Ouvindo a minha própria voz esganiçada, perguntei:

— O que aconteceu? O que aconteceu com Nelly???

Carmen pigarreou, pousou a mão sobre meu ombro e respondeu:

— Agora, ela está bem, Wilson... Já não há mais risco nenhum...

Ante a minha expressão de desespero já beirando o descontrole total, Raul explicou:

— Nelly sofreu um acidente de carro... Ela e o marido.

Olhou para mim e esclareceu:

— Nelly casara-se três anos depois daquele dia em que vocês se separaram... Não chegou a ter filhos.

Era verdade...

Lembrava-me do convite...

E lembrei-me que eu o recebera justamente em um dia terrível, o dia em que Marlene reaparecera acompanhada pelo último de seus *casos*, apenas para me pedir uma indicação de um colega que praticasse abortos...

Ora...

Eu nem sequer tivera ânimo de telegrafar para Nelly desejando-lhe felicidades em sua nova vida...!

Raul, muito sério, prosseguiu:

— O marido de Nelly morreu e ela teve um traumatismo craniano sério a ponto de deixá-la em coma por pouco mais de quarenta e oito horas...

Nem precisei perguntar...

Raul falou, espontaneamente:

— O acidente foi na sexta-feira, perto da hora do almoço, quando eles estavam chegando a São Paulo. Nelly recobrou a consciência na manhã de segunda-feira. Precisamente, às dez horas da manhã...

++++++

Era sexta-feira e o sol começava a cair atrás da Serra da Mantiqueira, tingindo de púrpura seus contornos e as poucas nuvens que pareciam passear pelo céu.

Nelly ainda estava com o rosto inchado, a cabeça enfaixada, com aquele aspecto miserável e indefeso que assumem todos os pacientes de uma clínica de traumatologia.

Quando entrei em seu quarto, ela sorriu para mim, e estendeu a mão esquerda pedindo-me que a tocasse.

— S-soube ontem — gaguejei, sem jeito — Estava em...

— Brasília — interrompeu-me ela — Eu sei.

Ficamos em silêncio, eu segurando sua mão, ela apertando meus dedos e fixando-me com o olhar.

— Não vai perguntar como é que eu sabia de sua viagem a Brasília? — indagou, com um acento divertido na voz.

— Não — respondi — Não é necessário.

Ela movimentou ligeiramente a cabeça em um sinal de assentimento e murmurou:

— O médico disse que eu poderei ter alta dentro de uma semana.

— E aí? — perguntei — O que pretende fazer depois? Vai voltar para o interior?

Nelly olhou para mim com intensidade e, depois de alguns segundos, indagou, por sua vez:

— E você? Vai esperar que o mundo dê, outra vez, quatro mil voltas?

Balancei negativamente a cabeça, beijei as pontas dos dedos de Nelly e respondi:

— Não. Não há mais por quê esperar.

Forcei um sorriso e acrescentei:

— Aliás, esperar foi um erro que eu poderia não ter cometido. Muita coisa poderia ter sido melhor para nós dois...

Nelly suspirou e, relanceando o olhar pelos poucos móveis do quarto, vi sobre a mesa, um baralho de Tarô.

Ao lado do velho livro francês que começara tudo...

Não me surpreendi com a presença do livro ali, naquele quarto de hospital...

Da mesma maneira que não me tinha sido necessário perguntar como Nelly sabia de minha viagem a Brasília, também não precisava indagar como o livro tinha ido parar ali.

Levantei-me, apanhei o baralho e, distraidamente, misturei as lâminas.

— Tire uma— ordenou Nelly.

Hesitei, caindo novamente em mim e na realidade do momento.

— Vamos! — insistiu ela — Vamos ver o que é que vai aparecer!

Incomodado, perturbado e preocupado principalmente com o estado de saúde de Nelly, falei:

— Ora, Lois...

Percebi o engano no mesmo instante.

Corei, fiquei completamente desarvorado e sem jeito.

— Desculpe-me, Nelly... — balbuciei — Mas...

Nelly sorriu.

Estendendo novamente a mão para mim, ela disse:

— Você está preocupado à toa... E creio que até já se esqueceu de meu nome completo, não é mesmo?

Não é que eu tivesse me esquecido...

Só que durante tanto tempo eu a chamara apenas por Nelly, que o resto de seu nome deixara de ter importância.

— Não me esqueci, Nelly Luísa... Nunca esqueceria seu nome, você sabe disso!

Curvei-me sobre ela, beijei o mais delicadamente que pude sua face direita e completei:

— E agora, Lois... Agora é que eu não poderei mesmo esquecê-lo!

Acariciei a ponta de seu nariz ainda suja de merthiolate e, ao me erguer novamente, deixei cair o baralho que estava em minha mão.

O baralho caiu no chão com todas as lâminas viradas para baixo.

À exceção de uma...

A lâmina do Arcano Maior XIII, *A Morte*.

O Arcano que, paradoxalmente, é o arquétipo do renascimento.

FIM

(Footnotes)

¹As receitas completas de todos os pratos que aparecem neste livro, estão na obra

A Magia a Serviço da Culinária Erótica

de Nicole Bartel, publicada pela Hemus Editora Ltda.